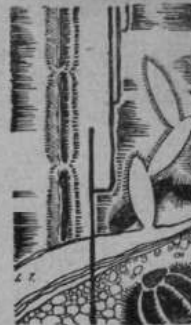




NORDESTE



"São os do Norte que vêm..."

CAMINHOS DE UM CORAÇÃO

(TRECHOS ESPARSOS DE UMA AUTOBIOGRAFIA MUITO ÍNTIMA)

Mário Sette

PROLOGO:

O que eu tenho sido, afinal na vida, é mesmo um coração. Nada mais. Bem compreendido pelos mais íntimos, pelo meu lar; desentendido de todo o resto. A época não é favorável aos corações... A medida que envelheço torno-me mais coração para os que me amam e também para os que não me compreendem. Para que não dar-lhes igualmente uma partícula de bondade se pecam por inteligência de mau caráter?

Até minha obra literária reflete esse coração. Até ela. Mais tarde talvez venham a descobrir esse reflexo.

Nunca fui mais do que coração. De origem modesta, sem ter tido pai alcaide de que herdasse credenciais de êxito, sem jamais ter cursado uma escola superior para tutelar os futuros homens de projeção, sem nunca ter me exposto ao brilho do sol da evidência para que me vissem melhor, é justíssimo haver ficado esquecido. Não me queixo disso. Acomodo-me na sombra e gozo os seus benefícios que não são pequenos.

Confesso, porém, uma vaidade. A de poderem filhos e netos afirmarem com invicibilidade e porcentura consolos. Ele não foi nada. Não nos legou uma herança de proventos materiais, nem de posições. Mas, o pouco que valeu, obtive-o a sua custa, melhor, com o seu coração...



Mário Sette escrevendo a máquina a sua história
(Último retrato do escritor — 1949)

nha, estava igualmente para ter menino. Então, lembraram o nome de dr. Bandeira. Saira para um serviço profissional. Recorreu-se ao dr. Santa Rosa. Este, sim, pôde acudir. Um homem alto, sizado, extranhando a casa. Nada do dr. Maia tão íntimo e folgazão. Mas, era o geito.

Não gostou do "caso". Teve de intervir imediatamente. A perturbante descordada. Nascera, no entanto, vivo embora franzino, um menino. "Uma lagartixa", disseram baixinho. Trataram dele quando foi possível tirar a atenção da mãe. Escapara a criança de ser achatada pela comadre Marocas que distraidamente ia se sentando em cima dela numa cadeira onde a tinham botado nos primeiros momentos. Deram-lhe um banho perfumado na bacia previamente comprada; defumaram-lhe com alfavema e roupinha; colocaram-na no berço enfeitado, na sala de visitas, rodeado dos avós, tios, primos e negras da casa. Todos avidos de ver o recém-nascido. Alguém não o poderia ver com os olhos, por serem cegos, porém estaria vendo-o com as mãos tateando e com o coração que o amaria como quem mais o viesse a amá-lo: meu avô paterno. Vovô!

A folhinha da sala de jantar marcava:

ABRIL

19

Segunda-feira

Estava-se no ano de 1886.

No dia seguinte, vem o dr. Maia visitar meus pais. Vê o menino e traz uma notícia: d. Chiquinha, a esposa, tivera seu bom-sucesso. Uma criaturazinha do sexo feminino. O que levou o médico a dizer, em tom de gracejo: — Temos uma menina para casar com seu menino.

Haviam nascido no mesmo dia...

Fui menino magro, biqueiro, mas vivo. "Sabido de mais", diziam. Sem dúvida, malicioso. Vivia em uso de óleo de fígado de bacalhau e vinho Labarraque. Cauterizaram-me as amidalas por crescidas e doloridas. Por fim, descebraram-me granulações nos olhos. Veio o dr. Pedrinho Pontual queimar-m'as com nitrato de prata.

Por sinal, certo dia, senti uma ardência maior, uma turvação de vista e gritei que "estava cego". Um alarma dentro de casa. Correram todos. Meu avô tateando, minha Dindinha com a

imagem de Santa Luzia, as amas chorando, tia Nenem a brigar com o médico. Este, sorria...

Tudo passou. E a alegria voltou. Ganhei um brinquedo pelo susto que pregara.

Uma das minhas predileções de menino eram os vapores. Por ter viajado por mar, logo em criança, por ir passar festas na praia, não sei bem. Conhecia nomes, tipos, bandeiras, particularidades de embarcações. Mala Real, Pacifico, Loide Brasileiro, Pernambuco, Messageries... Por ventura pensaram numa vocação em esboço... Que engano! Com o meu temperamento afetivo nunca seria bom marinheiro, a viver longe dos meus. Eu que renunciaria a posições, a realces, a grandezas, bem possíveis, para não me separar de minha terra, de meus filhos e hoje, de meus netos!

Gostava também dos trens de Olinda... Passavam perto de casa... e então, quando ia passar tempos na praia... Quantas vezes invejei os condutores que recebiam aqueles bilhetinhos coloridos das passagens!

Como todo menino, fui louco pelo Carnaval. Sonhava com ele o ano inteiro... Mas, chegava. O Carnaval de minha infância. Mascarados em bandos, cantigas típicas, papel picado, fasetes, castanholas... Diabinhos, morcegos, palhaços, domínios, babadinhos...

O morcego bateu asas.

Mas não pode avoá.

Quem não tem prazer na vida.

Não diverte o Carnavá...

Ou então aquela cantiga tão conhecida de outrora:

Ai amor

Amor do coração

Viva Beberibe, Sto. Amaro

E Jaboatão.

Carnaval com o Filomomos (de que meu pai fora fundador e 1.º presidente) Cavalheiros da Epoca, 33. E os cordões das Pás, Vassourinhas, Espanadores, Beatas do Recife, Pariteiras da Boa Vista... Centenas de clubes.

Por fim, a terça-feira de tarde. Dobres de Cinzas. E o canto da despedida: Amanhã é quarta-feira.

Acabou-se o Carnaval...

Sentia uma tristeza indefinível. Já na cama, ouvia o toque longínquo de uma marcha ou o batique de um maracatú a recolher-se.

E o meu desejo: Que pena não haver Carnaval o ano inteiro!

Dindinha discordava:

— Dêste, estamos livres!

E não é que hoje já tenho repetido esta frase? Também, um Carnaval tão diferente dos de que eu gostava...

(Continua na 2a. pag.)

Este número é dedicado ao
escritor pernambucano

MÁRIO SETTE

PREÇO CR\$ 5,00

EPOCA: Infância.

Como teria sido o dia em que nas-

Céu límpido e azul na habitualidade de sua fisionomia recifense ou manchado de nuvens chuvosas não raras na época invernal? Imagino a rua onde moravam meus pais, nesse tempo. "Princesa Isabel ainda. Os ardorosos republicanos de 89, tão perto, permitiriam essa denominação carinhosa a lembrar a Abolição. A ponte ali próxima; a estação da rua da Aurora quase vizinha e as maxibombas a passarem pela porta, numa contida marcha de chegada ou de partida. Poucos craseantes porque o caminho seria de pequeno trânsito. Lá ao fundo, os aterros para o sonhado jardim 13 de Maio, o quartel do 14, a estrada de Sto. Amaro.

Entrava-se na Semana Santa. No domingo de Ramos, minha mãe, muito pesada, não teria podido ir à Matriz ouvir a missa e receber sua palma benta enfeitada de rosas de papel. Sentia já umas dorezinhas vagas. Que aumentaram com o correr do dia. Vieram a parteira, d. Antônia. Horas de ansiedade e de aflições. Primpara e unipara, minha mãe pagava de uma só vez os tributos de maternidade. Um parto grave. Eclampsia. Pensou-se no médico. Foram buscar o da família: dr. Bruno Maia. Não podera, porém, porque a senhora dele, d. Chiqui-

TÓPICOS

O N.º DE "NORDESTE" DEDICADO A GILBERTO FREYRE

— Uma carta do sociólogo pernambucano —

"Nordeste", em seu número anterior, anunciou uma edição dedicada ao centenário do sociólogo pernambucano Gilberto Freyre, o que não foi feito agora porque recebemos do autor de "Casa Grande & Senzala" a seguinte e significativa carta:

Amigo Aderbal: Recebo com mais uma gentileza sua ideia de dedicar um n.º da revista que v. e Esmaragdo dirigem — a boa e brava NORDESTE — ao meu 50.º aniversário. Não concordo, porém. E peço a V. que desista da generosa ideia. Entremos brevemente num acordo: em vez do meio século — é tão banal — que seja comemorado o século. Parece quasi certo que não chegarei a idade tão alta. Mas, por outro lado, tudo parece indicar que NORDESTE irá triunfalmente até o ano 2000. E não seria demais que seus fundadores deixassem aos sucessores e recomendação de comemorarem o que seria desagradavelmente comemorado pela metade. Pela primeira e talvez enganososa metade.

Nessa incerteza é melhor um pouco de prudência. E como aos 50 anos já pode um indivíduo aconselhar os mais novos sem parecer impertinente, receba estas palavras como um pequeno conselho do velho companheiro,

GILBERTO FREYRE

Recife, 3 de fevereiro de 1950

N.R. A recomendação aos nossos sucessores está, implicitamente feita, com a publicação desta carta que, sem dúvida nenhuma, passará a história como um documento de alto valor pessoal da personalidade e do humor do mestre da sociologia brasileira.



Mário Sette, o escritor

do Recife

Passados alguns meses da morte de Mário Sette, o Recife já está sentindo a perda irreparável que sofreu não só na cidade das letras, mas todos os meios sociais de sua cidade. Ninguém melhor do que Mário Sette soube amar esta cidade que era o motivo de sua vida de escritor. Tudo o que fez, tudo o que pensou, tudo o que escreveu tinha como ponto de referência esta bela cidade que amou desinteressadamente por toda a sua vida de intelectual que jamais se deixou embalar pelas seduções metropolitanas. Podia, se quisesse, ter ido brilhar na rua do Ouvidor ou nos dourados do "Petit Trianon", mas não o fez porque lá seria como o peixe fora d'água, um desmuniado, um não sei que diga de escritor, sem personalidade e nem emoção no que escrevesse. Por isso ficou no Recife, amando o seu passado, incentivando o seu presente e legando ao futuro o exemplo de seu trabalho honesto e laborioso numa fidelidade de todos os dias à cidade que não o esquecera.

"Nordeste", que sempre teve em Mário Sette um amigo dedicado e um colaborador de primeira plana, abre as suas páginas, neste número, para prestar a sua primeira homenagem ao autor de "Arraú". Homenagem que se repetirá sempre nos seus números porque uma re-

vista provinciana como a nossa não pode esquecer Mário Sette. Com ele estaremos sempre ligados pela dignidade da profissão nas letras provincianas.

Neste número publicamos dois trechos de seu diário íntimo que, somente agora, com autorização da família Mário Sette, vão ser divulgados por "Nordeste". Neles, um sobre a infância do cronista e romancista pernambucano e o outro a sua última página, está Mário Sette como sempre foi: um homem simples e bom que fez da literatura o caminho de seu coração.



Os que nos visitam

O Recife hospedou por um dia somente o escritor Raúl Lima, diretor do suplemento literário do "Diário de Notícias", do Rio, e fundador do IBGE. Raúl Lima, no "Diário de Notícias", mantém uma seção viva e bem informada sobre o movimento literário nacional e estrangeiro. Colaborador de "Nordeste", o escritor alagoano ainda neste número comparece com uma reportagem sobre teatro com a autoridade que possui de crítico teatral das platéias metropolitanas.

Poetas pernambucanos em livro

Este ano já contamos com duas estréias: José Laurencio de Melo, com "Paião" e Celso de Melo em "Cantos da Mãe", dois poetas Hora Undécimo que aparecem em livro pela primeira vez e que estão sendo muito bem recebidos pela crítica provincial. Vale destacar o aspecto material das edições, a primeira do Teatro do Estudante de Pernambuco, e a segunda, desta revista. O livro de José Laurencio contou com as ilustrações de Aloísio de Magalhães e o de Celso de Melo, com as ilustrações de Ladjane, ambos dois artistas de força e sensibilidade incommuns.



Centenário do Santa Isabel

O velho teatro de Vauthier, completamente restaurado na administração do prefeito Moraes Rego, completou cem anos dentro de um vasto programa festivo. Falou o teatrólogo Waldemar Oliveira numa sintética conferência sobre a data. Depois vieram os "ballets", do Municipal do Rio, e o negro, a peça "Um século de glória", de Waldemar de Oliveira, e "O vestuário do mundo", de Rômulo Barba Filho.

"Nordeste" acompanhou com interesse todas as festividades e espera que, de agora em diante, a velha casa de espetáculos dos pernambucanos, não desminta o seu primeiro século de existência, dedicado à causa da arte e da cultura.



Literatura e política

Como já havíamos advertido em um comentário do nosso primeiro número deste ano, a política arda atrapalhando a literatura. Tanto assim que o sr. José Condé, em um dos últimos suplementos do "Correio da Manhã", prova por a mais b que o movimento editorial deste ano está fraquíssimo. E agora com menos de três meses para as eleições ele vai caminhando para a famosa estaca 0.



Cincentenário de Manuel

Bandeira, o pintor

Em maio, o pintor e desenhista pernambucano Manuel Bandeira completou cinquenta anos. Os suplementos, com muita justiça, embelezaram em arco publicando desenhos e entrevistas com o ilustrador do "Guia de Olinda". "Nordeste" prestará oportunamente também sua homenagem ao pintor pernambucano que vem atravessando todos os "ismos" artísticos sem hesitações nem aventuras burocráticas. A sua fidelidade à arte é uma contingência de seu temperamento e de seu caráter.



Menino bom — Pancetti — por VAN GAGO

CAMINHOS DE UM CORAÇÃO

(Continuação da 1.ª pg.)

Aprendi a ler em casa. Com minha mãe numa carta de A.B.C. "Emília mastigou pimenta". Depois, 1.º livro de Felisberto. "Júlia, a boa mãe". E outras histórias. A do diabo a tentar o rapaz para matar o pai. Não atende. Mas aceita o vício de beber. Bebe e mata o pai.

Posteriormente, vieram outros mestres: meus primos, Gonçalves de Melo (Juca) e Virgílio Marques. Tinha começado a aprender piano com o maestro Euclides Fonseca quando meu pai morreu.

Em Santos, para onde se mudou minha mãe-viúva, fomos morar com meu avô-materno, Papai Luna. Se ainda vivesse, Papai Luna estaria hoje deslocado do mundo, como uma árvore sertaneja no polo norte. Seu feitiço severo, seus hábitos de disciplina e de ordem, seus preconceitos de educação e de moral, torna-lo-lam agora um "fossil". Nós nos criamos à sombra dessas diretrizes. Desde moço, fora professor. Em 1851, já era nomeado para reger a 2.ª cadeira da freguesia de São Pedro Gonçalves, em Fôra de Portas, no Recife. Ali, também, exerceria o magistério (escola feminina) sua esposa Emília Cândida de Melo Luna, a que não conheci. Enviuvou cedo, assumiu a educação dos filhos e deu conta dela a rigor.

Com esse avô-mestre fiz meu curso primário sobre o qual assentei tudo o que sei hoje, tudo o que intelectualmente valho, sem ter completado meu curso secundário e sem ter querido ou podido obter um título científico. Homem de letras, professor de uma Faculdade de Filosofia e de Colégios, com prestígio e sem imodestia com um sentido pedagógico, pude fazer meu preparo de autodidata mercê ótimo lastro construído por meu avô materno.

No Rio, fui interno do Colégio Loureiro. Ca.ção colonial, talvez antiga casa-grande de engenho. O diretor, dr. Loureiro de Andrade, era homem maduro, severo, mas bondoso. A senhora, d. Cocota servia-nos um pouco de mãe. O ambiente do Colégio era familiar: casal sem filhos, pequeno internato, hábitos modestos, "ares de casa". Afirmei ao padrão de vida: 5 1/2, sineta, despertar, banho. Depois, café com pão, recreio, aulas. Almôço. Aulas. Jantar.

Recreio grande. Estudo em banca. Mate com pão. Dormir. Ao fim de cada refeição, uma prece. Aos sábados, antes da saída, aula de moral e civismo pelo Diretor e recitativos.

Tivemos jornaizinhos. Mais de um. O mais interessante, porém, A SEMANA, ilustrado por Otávio Quintiliano que veio depois a ser diretor teatral. Ali escrevi as minhas primeiras "produções literárias".

Nossas aulas! As de matemática eram a cargo do dr. Loureiro. Das de Português, encarregava-se o sr. Cavalcanti, um moço pobre, mas entendido na matéria. O sr. Benet, um francês, era o professor de sua língua materna e também de latim. Suas aulas constituíam as mais alegres do Colégio. Benet era um homem maduro, bondoso, tolerantíssimo. Por isto mesmo, abusávamos... Ele nos botava apelidos com sua voz atravessada, carregada de RRR e pitoresca. Nós enfiávamos penas por debaixo das carteiras e organizávamos uma orquestra, fazendo-as vibrar em meio das lições. Nem por tal, deixávamos de aprender o

Je m'en vais
Tu t'en vas...

de volta com os trechos da Seleta de Roquette ou do Beautés de Chateaubriand, os quais, felizmente, ainda conservo como lembranças de minha vida escolar.

Usávamos cadernos Garnier que tinham na capa uma cena do descobrimento do Brasil. Serviam-me também para rascunhos literários, como ainda hoje costumo fazer com os atuais.

Livro de leitura: O Caráter, de Smiles Geometria, de Olavo Pinto. Geografia, de Lacerda. Atlas Delamarche. Taboa de Logaritmos, de Callet. Recordo-me de que, embora avesso a matemática, quando saía do Colégio, levava comigo essa obra para que me vissem com um livro assim grosso e "importante". Confissões de vaidade...

Certa vez, levei para o Colégio um livrinho pouco decente. Sobreteúdo nas figuras. Leandro de Figueiredo, um colega, com a mesma curiosidade sexual da adolescência que me levava a ler tal livrinho, pedem-o emprestado. Guarda-o na sua banca para levá-lo à tarde para casa, pois era externo e morava em Todos os Santos. Na hora do recreio, porém, dr. Loureiro farejava nossas carteiras e encontra o volume. Escandaliza-se. Em plena aula faz uma das suas "pregações", afirma nunca ter visto na sua vida um livro tão torpe e censura fortemente a Leandro por tê-lo em poder... Deu-me aquela reprimenda ao meu colega e amigo. Levanto-me e acuso ser o dono da obra. Então, o dr. Loureiro remove-se. Retira a repreensão a Leandro, em parte, e também moderadamente m'a dirige em virtude da nobreza de meu gesto. Senti-me muito satisfeito nesse dia comigo mesmo. E minha amizade com Leandro fortaleceu-se o bastante para durar até hoje e prolongar-se pelos nossos filhos...

NORDESTE

REVISTA DE CULTURA
Editado pela Empresa JORNAL DO COMERCIO S. A.
Redação e gerência: RUA DO IMPERADOR, 463
1.º andar — Recife — Pernambuco

Diretor: Esmaragdo Marroquim
Redator-chefe: Aderbal Jurema

— Solicitamos permuta com as publicações congêneres.
Todos os livros enviados a esta revista serão registrados independentemente de crítica assinada.

Número avulso Cr\$ 4,00
Número atrasado Cr\$ 6,00
Nos Estados 5,00

REPRESENTANTES — João Cabral de Melo Neto, (Barcelona-Espanha) * Cicero Dias (Paris-França) * Artur Coelho (New York-E. U.) * José Condé (Rio de Janeiro-D. F.) * Alcântara Silveira (São Paulo) * Silvio de Macedo (Maceió-Alagoas) * Jota Soares (Salvador-Bahia) * Gasparina Filho (Jaboatão-Paratyba) * Silvio Ducas (Rio Alegre-R. G. S.) * J. Gonçalves de Medeiros (Natal-Rio G. do Norte) * Alphonso Guimarães Filho (Belo Horizonte-Minas) * Dalton Trevisan (Curitiba-Paraná) * Salim Miguel (Florianópolis-Santa Catarina) * José Edécio de Albuquerque (Fortaleza-Ceará) * J. Pedrosa (Campina Grande-Paratyba) * Lyelo Neves (Cururú-Pernambuco).

Mário Sette e o Recife Antigo

Cezário de Mello



Com a morte de Mário Sette desaparece o admirável cronista do Recife antigo.

Daquela Recife de características nitidamente provincianas, dos velhos arcos, adormecendo após o diurno e afanoso trabalho à luz mortuária dos seus lampeões de gaz, a ouvir de quando em quando, por entre os pregões das negras vendedoras de tapiocas, o melancólico silvo das suas maxambombas. Daquela Recife que há muito se esvanecera na nova paisagem citadina e que não foi conhecido da nossa geração, a não ser nos serões das casas patriarcais onde a vovozinha de olhos húmidos pela saudade falava numa voz doce e arrastada do seu tempo e da sua gente.

Ninguém viu a sua cidade com tamanho carinho expressional, com tão manifestada sensibilidade e tanto apego às coisas e aos fatos do seu "devenir" do que esse excelente escritor cuja obra permanecerá viva pelo grandioso conteúdo evocativo, pelo magnífico colorido regionalista de que ela se reveste. A sua constante literária seria sempre uma permanente e sentimental peregrinação pela história antiga do seu burgo. Nada se condizia melhor com o seu espírito simples e emotivo do que a preocupação de vasculhar velhos alfarrábios, amareladas páginas de antigos jornais, trazendo à memória afetiva as deliciosas recordações de uma época que se diluiu no quadro negro de um mundo distante.

O Recife que Mário Sette tanto amou e melhor descreveu nos seus romances, nos seus contos e nas suas memórias foi precisamente aquele dos últimos dias do século XIX e dos primeiros lustros do actual. Recife romântico e faustoso dos ricos senhores de engenho, dos grandes comerciantes de especiarias, dos eletrizantes momentos da campanha abolicionista, das brilhantes noites de recita no velho teatro Santa Isabel, das suas figuras po-

pulares enchendo as crônicas sociais e policiais do seu tempo. Recife que como um enorme castelo medieval refletia a sua caprichosa silhueta nas mansas águas do Capibaribe, vendo desfilar pelas ruas mal calçadas os bem trabalhados plinques de culos postigos as sinhazinhas espreitavam tímidas e luxuosamente vestidas, os orgulhosos fidalgos montados em cavalos ajacizados de prata e que traziam na sua petulância e desenvoltura os braços de quase três séculos de nobreza e mandonismo, os seus escravos trazendo no dorso nu e reluzente o triste estigma de mais de duzentos anos de servilismo.

Tôda a vida literária desse escritor regionalista foi uma contínua "pelerinagem proustiana" procurando reviver com toda a fidelidade histórica e sentimental paisagem da cidade bonita e heróica que encheu de ternura e de entusiasmo os seus orgulhosos olhos de menino. E ela permaneceria sempre na sua aguçada sensibilidade de artista como a sua Combray onde as famílias "guermantes" do Aterro da Boa Vista, de São José, do Monteiro, do Poço da Panela etc., etc., lhe despertariam o gosto por essas vilegiaturas ao passado na procura do tempo perdido.

Ele mesmo escreveria em "ARRUAR" — a história pitoresca do Recife antigo — "Arruar! Ver apenas, não! Sentir a cidade. Evocar seu passado, partilhar do seu presente, sonhar com o seu futuro. Encontrar interesse vivo numa fachada de azulejos, numa pedras de calcamento, num bico de telhado, num curutó de mirante, numa cara de transeunte, numa escadaria de igreja, numa jaqueira de muro, num interior de loja, num lampião de esquina... Arruar!... Conhecer e recordar. Pisar e querer adivinhar os que já pisaram. Ser ao mesmo tempo a geração de agora e as gerações de outrora".

O efêmero e a recordação foram as duas maiores determinantes da obra artística do criador de "MAXAMBOMBAS E MARACATOS", levando-o a acreditar com Baudelaire: "Le génie n'est qu'en l'ance retrouvé à volonté".

O escritor provinciano (provinciano no seu verdadeiro sentido ontológico) que foi sempre Mário Sette trouxe em toda a sua vida literária a preocupação do sentido recordativo. Tôda a criação mário-settana repousa entre aquelas duas formas essenciais de memória exigidas pelo notável crítico germânico Ernest Robert Curtius: "A memória voluntária que nada mais registra do que materiais reais e já mortos, e a recordação espontânea, inacessível ao esforço consciente, que produz com uma frescura primária o sentido tonal do já vivido".

As dramáticas mutações sociais que viriam mudar de modo quase revolucionário a face da vida associativa contemporânea, o extraordinário progresso da ciência e da técnica pondo em perigo o corroído arcabouço de uma sociedade voluptuosa e mergulhada num sibarismo farrasico, a angústia e a inquietação que destruiriam a paz e a tranquilidade do homem d modernidade, não teriam forças capazes de matar dentro da alma desse memorialista sentimental a tranquilidade demiúrgica do grande contemplativo, a visão purificadora dos seus olhos sempre presos ao passado romântico e venerável de sua cidade.

Tudo se fixaria na sua retentiva como superficial e contingente, como simples constantes de uma época de convulsões telúricas e de conturbação dos espíritos: para somente permanecer como duradouro e perdurável a paisagem distante de sua juventude encaçada nas amáveis sombras do seu Recife barróco.

Para Mário Sette, como Marcel

Proust, "C'est seulement quand certaines périodes de notre vie sont closes à jamais, quand, même, dans les heures où la puissance et de liberté nous semblent donnés, il nous est défendu d'en rouvrir furtivement les portes, c'est quand nous sommes incapables de nous remettre même pour un instant dans l'état où nous fumes pendant si longtemps, c'est que nous refusons à ce que de si belles choses soient entièrement abolies".

Os muitos romances, as diversas crônicas e os vários contos do autor de "SENHORA DE ENGENHO" foram escritos, como ele mesmo provou certa vez, "num enternecido envolvimento evocativo de figuras habituais ao cenário já muito distante da infância".

Biografando Marcel Proust observou Ernest Robert Curtius ao mostrar que no estado emocional do artista quando submerso no imenso oceano das recordações, inteiramente inacessível ao esforço consciente de intelectualizado, "algo imprevisível, um hábito, um encontro, uma fugaz impressão sensorial, ressuscita todo o período de nossa vida passada, traz à luz parte de nossos tesouros submergidos, e, então, a energia aguçada e afinada de nosso espírito logra fixar em um doloroso esforço um fragmento da vida já vivida e a longo tempo desprezada".

No escritor Mário Sette as amoráveis sombras das gameleiras do Cais do Abacaxi, as veneráveis silhuetas dos antigos arcos da Conceição, de Santo Antônio e do Bom Jesus, as velhas famílias patriarcais cujo nome evocava tôda a linhaagem de nossa nozreza rural, os nomes pitorescos dos nossos arrabaldes e subúrbios, os ecos nostálgicos dos nossos maracatus enchendo de uma estranha saudade as noites silenciosas da outrora Ribeira-Marinha dos Arraízes seriam sempre as grandes surpresas e os maiores en-

(Continua na pg. 1)

Última página de um diário inédito de Mário Sette

Esporas de metal pobre

(Publicação póstuma)

RASPO Junho, 27 — 1949

Que a verdadeira justiça só se faz após a morte do que é julgado e a uma distância tal que os juizes pertençam a gerações diferentes, sabe-se de sobejo. Tem-se assim um clima de isenção, sem eiva de afetos, de parcialidade, de favoritismo ou de antipatias. Mas, ha uma irreprimível satisfação quando se nos depara uma justiça desse molde quando ainda a podemos testemunhar. Juiz espontâneo, equilibrado, frio, partindo de quem possui credenciais de cultura e de critério para emitilo, sem nenhum constrangimento ou nenhuma dependência. Foi essa a surpresa que tive nos ontem ao ler em a "Folha da Manhã", desta cidade, o artigo "Um precursor", da pena do ensaísta e crítico Oscar Mendes que, embora nascido em Pernambuco, vive faz longos anos em Belo Horizonte e a quem não conheço pessoalmente. Nesse trabalho, ele me aponta como precursores da chamada "literatura nordestina" que já nos deu as esporas de ouro de José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Jorge Amado, Raul de Queiroz... Terei, para Oscar Mendes, de um vanguarda humilde desses cavaleiros de prole

com minhas esporas de metal pobre, mas abrindo-lhes caminhos dos temas em meus romances "Senhora de Engenho" e "O Vigia da Casa Grande". Neles, a minha pena "romancista" terá pintado costumes, paisagens e tipos, com "verismo", iniciando uma nova fase do romance nacional que ensinaria o grito de Tristão de Ataíde "Romancistas ao norte!". Sinto, sem imodestia, um sentido de justiça nesse conceito de Oscar Mendes. Como o terá tido também Herman Lima ao me emprestar mérito de precursores da maneira de evocar o nosso passado doméstico no "Maxambombas e Maracatus" e no "Arruar".

Com serenidade de julgar, serei digno desse duplo papel de precursor, por desbotado que ele tenha sido. Aliás nunca ambicionei ser mais do que sou, a este passo da minha vida. Contento-me com o meu secundário lugar ao sol, mas faço questão dele, porque, di-lo ainda Oscar Mendes, eu conquistei por mim próprio, numa época em que não existia ainda o que hoje se define por "publicidade", não tenho tido em meu favor apadrinhamento de nenhum grande crítico, sem alardear de imprensa camarada, sem

sequer os votos de qualquer igreja. Realmente, "Senhora de Engenho" teve suas duas primeiras edições (aliás em um mês) pagas de meu bolso, sem sistema de distribuição, sem nenhum favor de nome ou de posição — pobre de mim, praticante do Correio... O mesmo aconteceria, em parte, com "O Vigia da Casa Grande" que embora editado pelo Lelo, no Porto, tivera uma circulação menor no Brasil, ficando quase desconhecido, posto que fosse, pondera Oscar Mendes, obra mais bem observada no que diz respeito à vida de trabalho dos engenhos, focalizando-se nela até aspectos que hoje chamaríamos de "sociais".

Nos arroubos da mocidade podemos sonhar com os elogios fáceis e exagerados. Na velhice, porém, queremos compreensão de nossa obra. Almejamos crítica e não panegírico, nem tão pouco derrotismo. O artigo de Oscar Mendes satisfaz-nos por este prisma de impassibilidade em julgar, em nos dar o que de fato merecemos, numa recompensa ao que fizemos, sem ostentatividades ou presunções, numa longa caminhada literária sem esconder o metal pobre de nossas esporas...

MORTOS...

Crônica de Mário Sette

Os mortos que "morrem" são cadáveres.

Os verdadeiros mortos não morrem. Antes, vão revivendo a da da mais, quando os vivos que os amaram envelhecem e se aproximam também da morte.

No meu terrazzo, os meus mortos convivem comigo, sem nenhuma pretensão de fé espiritual. Tornam a uma familiaridade antiga e muito mais compreendida e amada. A alguns perdoo as fraquezas, a outros exaltamos virtudes, melhor julgando-as. Vem os mortos mais íntimos e os mais humildes. Os pais que tanto mais sabemos querer-lhe porque já temos filhos. Os avós por conhecermos essa modalidade de ternura para os netos. E comparecem outros mortos de nosso sangue e de nosso afeto, sem esquecer os servilismos domésticos — a ama de leite ou de criação, o velho negro e não menos os que vinham à nossa casa para solicitar, para vender, para agradecer.

Os mortos, pois, estão vivos.

Quem dos seus assim não se reaproxima, não tem mortos, tem cadáveres...

Recife, 10 de maio de

Obras publicadas de Mário Sette

- Ao Clarão dos Obuses (contos) — 1.ª e 2.ª edições — 1971
- Imprensa Industrial — Recife (exgotada).
- Rosas e Espinhos (contos) — 1.ª edição — 1918 — Imprensa Industrial — Recife — 2.ª edição — 1925 — Edit. Monteiro Lobato — São Paulo — (ambas exgotadas).
- Senhora de Engenho (romance) — 1.ª e 2.ª edições — 1921 — Imp. Industrial — Recife — (exgotadas) — 3.ª edição — 1925 — Edit. Monteiro Lobato — São Paulo — (exgotada) — 4.ª edição — 1923 — Liv. Lelo — Porto — Portugal — (exgotada) — 5.ª edição — 1937 — Edit. J. Fagundes — São Paulo (exgotada) — 6.ª edição definitiva — 1944 — Edit. Melhoramentos São Paulo.
- Quem vê caras (contos dialogados) 1.ª edição — 1922 — Edit. Monteiro Lobato — São Paulo (exgotada).
- O Palanquim Dourado (romance histórico) — 1.ª edição — 1922 — Edit. Monteiro Lobato — São Paulo (exgotada).
- A Filha de d. Sinhá (romance) — 1.ª edição — 1924 — Imp. Industrial — Recife (exgotada) — 2.ª edição — 1928 — Lelo & Irmão — Porto — Portugal.
- O Vigia da Casa Grande (romance) — 1.ª edição — 1924 — Lelo & Irmão — Porto — Portugal.
- Velhos Amulejos (leitura escolar) — 1.ª e 2.ª edições — 1924 — Imp. Industrial — Recife (exgotadas) — 3.ª edição — Edit. Anuário do Brasil 1925 — Rio.
- Terra Pernambuco (leitura escolar) — 1.ª edição — 1925 — Imp. Industrial — Recife atualmente está na 7.ª edição.
- Sombras de Barúas (contos) — 1.ª edição — 1927 — Lelo & Irmão — Porto — Portugal.
- João Inácio (contos) — 1.ª edição — 1928 — Lelo & Irmão — Porto — Portugal.
- Brasil, minha terra (contos escolares) — 1.ª edição — 1930 — Cia. Melhoramentos — São Paulo atualmente está na 13.ª edição.
- Morci e Civismo — 1.ª edição — 1928 — Imp. Industrial — Recife (exgotada) — 2.ª edição — Jornal do Comércio — Recife — 1927 — exgotada.
- Seu Candinho da Farmácia (romance) — 1.ª edição — Cia. Edit. Nacional — 1935 — São Paulo.
- As contos do Terço (romance) — 1.ª edição — 1929 — Cia. Edit. Nacional — São Paulo.
- A mulher de Meu Amigo (novela) — 1.ª edição Cia. Melhoramentos — São Paulo — 1933.
- Maxambombas e Maracatus (crônicas do passado) — 1.ª edição — 1935 — Cia. Cultura Brasileira — Rio — 2.ª edição — 1928 — Edit. Rodolfo e Pereira — Recife (ambas exgotadas).
- Os Azevedos do Poço (romance) — 1.ª edição — 1938 — Liv. Jose Olimpio — Rio.
- Anquinhas e Bernardas (crônicas do passado) — 1.ª edição — 1940 — Liv. Martins — São Paulo.
- História do Brasil — Para a 3.ª e 4.ª séries do Curso Ginasial — Cia. Melhoramentos — São Paulo.
- Onde se avós passaram (crônicas do passado) — 1.ª edição — Edit. Quaira — Paraná — 1946.
- Buscas de Vapor (crônicas do passado) — 1.ª edição — Edição Cultura — São Paulo — 1943.
- Arruar (História pitoresca do Recife) — 1.ª edição — Edit. Casa do Estudante do Brasil — Rio — 1947.

EÇA DE QUEIROZ

por Miguel Mello

UM PARECE DE SILVIO ROMERO

JANELAS ABERTAS,

por Affonso Schmidt

INCUMBIDO pela Academia de Letras de dar parecer acerca do livro do sr. Miguel Mello — «Eça de Queiroz, a Obra e o Homem», venho desobrigar-me dessa tarefa.

O livro do jovem escritor é merecedor do prêmio, a que aspira. É uma verdadeira revelação de notável capacidade crítica.

Compõe-se de duas partes: «Esbôço Crítico» e «Tragos Biográficos». Pareceria preferível o inverso: que nos tivesse dado a conhecer a vida de seu herói e depois lhe traçasse a característica de escritor.

As grandes dificuldades e delongas, porém, em obter os indispensáveis documentos para a biografia, forçaram o autor a seguir a ordem indicada.

O que releva destacar é o mérito intrínseco do trabalho. A primeira parte compõe-se de quatro quadros, perfeitamente desenhados: «A Literatura da Época», «Ligeiro perfil do escritor», «As criações de Eça de Queiroz» e «A questão do estilo».

Seria possível notar descuidos e exageros aqui e ali; mas em tudo há mais a aplaudir que a censurar.

Começa mostrando o estado marasmático a que tinha chegado o velho classicismo em Portugal até os começos do século XIX, custando, por isso, compreender o que o prodigioso talento do inabismado Bocage — «chegou a laivar de claros imprevisos a sociedade que o constangria».

O romantismo, triunfante com os esforços de Garrett, Herculano, Castilho, de certo tempo em diante, Camilo, Rebello da Silva e Mendes Leal, não pôde produzir os frutos que o tornaram fecundo noutras plagas, por lhe faltar a base de idéias novas. Neste ponto noto excesso de rigor. O romantismo português não foi assim tão desprezível quanto ao jovem escritor se figura.

Alguns dos dramas de Garrett, como o «Frei Luís de Souza», e alguns de seus poemas, como o «Camões», e algumas de suas coleções líricas, como as «Folhas Caidas», pouco têm, se o têm, que invejar aos similares nas literaturas do tempo. A «História de Portugal», de Herculano, não é nada, bem longe disso, inferior aos livros de Aug. Thierry, de Quinet, de Michelet e dos historiadores ingleses, italianos, espanhóis e até dos próprios historiadores alemães do tempo. Os «Portugalia Monumenta Histórica», esforço hercúleo de um só homem, está no mesmo caso; o «Eurico», o «Monge do Cister» não ficam abaixo, aqueles dos «Promessi Sposi», de Manzoni, e o outro do «Notre Dame de Paris», de Victor Hugo. Se neste, o fragor lírico ultrapassou o do autor português, na obra de Herculano o vigor da caracterização das personagens e a veracidade dos quadros históricos são altamente superiores. Não é mister destacar alguns dos romances de Camilo e algumas das poesias de João de Deus, que, de pleno direito, podem entrar no número das melhores produções da escola romântica em todos os países.

Garrett, acrescenta o sr. Miguel Mello, era considerado a encarnação do espírito lírico; Herculano sonhava a retrogradação ao cristianismo puro, Castilho ainda forcejava pela reação do classicismo. Há ainda neste passo certa dose de exagero. O jovem escritor, no caracterizar os três próceres do romantismo português, segue muito de perto as supelintinas lições de Th. Braga. Castilho não sonhava tal como a restauração do classicismo. Almeida Garrett nunca foi espírito, fundamentalmente, organicamente, mais liberal do que Alex. Herculano. Este, por outro lado, não era mais católico do que aquele, sendo muito mais culto, mais progressivo, mais democrata, mais simples, mais coerente, mais inteiro e de índole mais ingênua.

A vida política e literária dos dois o demonstram.

Herculano nunca fez propaganda de volta ao cristianismo primitivo. Refugando o que, bem ou mal, chamava inovações na dogmática da Igreja, apenas, por ocasião da definição do «dogma da infalibilidade do papa», tomou, sem

estardalhaço, posto entre os então «ignominiosos velhos católicos», no lado de Doullingues.

Raríssimos, porém, são os documentos escritos dessa fase de sua vida. Além de um artigo, bem anterior, acerca do «dogma da Inmaculada Conceição», só se conhece a carta a Antero, por ocasião da supressão das «Conferências do Casino».

Dito a fazer propaganda para a volta ao cristianismo primitivo vai alguma distância.

Noto em todo o livro, uma certa má vontade brigatista contra o grande escritor, chegando até o moço crítico, entre os melhores produtores portugueses, anteriores à Eça, a somente nomear (pág. 27) — (Rebello da Silva, Mendes Leal e Camilo. A injustiça é flagrante).

É verdade que Miguel Mello quiz propositalmente citar os que escreviam mais libertos dos rigorismos do classicismo. Justamente por isto é que deveria ser mais justo com o prosador do «Párcos da Aldeia», de «Jeremá a Granville», de «Arrhas por fóro de Hespanha» e dos «Opúsculos», onde o tom, enérgico sim, mas ao mesmo tempo simples, da linguagem tem o puro sabor moderno.

Como quer que seja, um ponto há em que o crítico é, como que a contra gosto, levado a reconhecer a ação do célebre historiador. Exagerando sempre o seu fervor cristão, quando é sabido não ter sido ele nunca um crente praticante, escreve: «Fato extraordinário e digno de admirar-se é que tenha sido Alexandre Herculano, com todo o passo de seu cristianismo, o Voltairista desta sociedade marasmática! Foi ele, com a «História de Portugal», expungindo das tradições nacionais o ranço da milagraría, negando o signo de Ourique, o primeiro que logrou ruidosamente enfrentar a Igreja. A renovação, por ele tentada, dos estudos históricos, escandalizou a beatice nacional. Todas as classes conservadoras, e à frente o clero, estigmatizaram o iconoclasta. Ele defendeu-se nos opúsculos: «Eu e o Clero», «Considerações pacíficas» e «Solenia Verba», três monumentos indispensáveis para o estudo dessa época. E para tornar patente o despotismo da censura eclesiástica, escreveu, como obra de combate, a «História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal». Em pleno século XIX, a dois passos da França, Portugal guerreira a impiedade desta homem que lhe parece um monstro? o cristianíssimo Alexandre Herculano». (pág. 32).

É o caso de perguntar: que fazia então o liberalíssimo Garrett?

O «cristianíssimo» Herculano, que não o era mais do que Victor Hugo, Lamartine, Manzoni, Thierry, Guizot, Lamennais, batia-se pelo espírito leigo no ensino, na história, na política, pelo casamento civil, pelas conquistas liberais da «Carta», e o liberalíssimo Garrett, que fazia? Porque se bateu o Ilustre visconde? Além disso, a expressão de Miguel Mello, no caso, não é de todo exata: não foi Portugal, todo Portugal, que guerreou a Herculano, e não sei que o tivessem considerado um «monstro». Pequena parte do clero abriu com ele luta; é certo; mas, na opinião geral do país, ninguém chegou a gozar ali da alta consideração e influência a que ele atingiu.

Estes pequenos reparos, feitos só porque dá gosto discutir com os homens inteligentes, em nada diminuem, a meus olhos, o merecimento do livro.

Entrando em decadência o sistema romântico, é bem descrita a reação que teve em Portugal o nome de «Escola Coimbra», ponto de partida de toda a evolução posterior das letras ali.

Dos lutadores do tempo, o nosso crítico destaca três principais: Antero, Eça e Junqueiro. «O gênio de Antero», escreve, — insinuou-se em contemplações abstratas, de pura metafísica, sem alcance sobre a grande maioria do público, avessa a tais loucuras de compreensão. Junqueiro, ao contrário, inspirou-se de motivos sociais, alguns de interesse imediatos, dando-lhe sua arte um cunho panfletário eminentemente popular, mas tragicamente atual». Eça librou-se numa região intermédia, participando do que havia de melhor em ambos e servindo-se

jamais vi, é claro, guardando porém dela, pela sua vida ostensiva numa gazeta de seu tempo, uma lembrança peculiar e quase direi, esquisitamente, uma saudade».

Os velhos e já esquecidos jornais da época, os arquivos empoeirados com ares de múmias seculares, os antigos despojos da cidade que foi pouco a pouco se transformando sobre os signos dos novos tempos e que iam parar no Instituto Arqueológico eram para o cronista Mário Sette as suas maiores e perduráveis sensações de artista, os largos e evocativos caminhos que seus olhos albrados pelas reminiscências percorriam como num suggestivo retorno à terra da infância. E essas sugestões, essas voltar tão cheios de recordações, esse arruar sentimental pela cidade que ele guardou no seu afeto e na sua saudade se acham em todas as suas obras literárias, fixados com desenvoltura, com requintado gosto regional, num estilo vivo e eloquente.

Nenhuma cidade teve a primazia de possuir entre os seus grandes escritores um memorialista da inspiração e do sentimento como o Recife antigo possuiu nesse admirável poeta das coisas antigas de sua terra e cuja recordação ele levava nos olhos como a derradeira paisagem da vida.

de um estilo vivo, que é um dos melhores padrões de sua glória». (Pág. 34).

Como estas palavras nos despide o autor do capítulo «A literatura do tempo» a conduziu ao seguinte: «Ligeiro perfil do escritor». Ali, com segura mão, descreve as duas fases da carreira literária de Eça de Queiroz: a primeira, sob a influência de Victor Hugo, e Proudhon em parte, a segunda, sob o influxo de Flaubert.

O crítico não descreve largamente a índole destas diversas ações no escrito do jovem português. Dá rapidíssimas pinceladas mas quem conhece o assunto, vê logo a veracidade dos toques. Ao contacto do grande gênio da «Légende des Siècles», o temperamento, já de si vibrátil, impressionista, de Eça abeberou-se de entusiasmo, de calor, de exuberância de pensamento e de forma. Nas «Promessas Bárbaras» estão reunidas algumas páginas desta fase, das quais o nosso crítico traslada alguns trechos verdadeiramente belos.

Naquele período não foi só a vibração do poeta das «Contemplações» que influiu no futuro romancista do «Primo Basílio».

Proudhon teve também sua parte no faceter do talento e das idéias do notável português.

Miguel Mello ainda ali não descreve a natureza desse influxo do famoso socialista. Nem era indispensável. Quem não vê estar ela no amor das massas sofredoras e na sede de justiça que resumia das páginas, ainda as mais crúas, do terrível salúrio?

A ação de Flaubert, que enche todo o período da luta e que resalta de tudo quanto se lá no belo estudo de Miguel Mello, está no reforçamento do senso da realidade e do talento de observar e descrever as deformações sociais.

Creio, entretanto, que não andaria em erro o nosso crítico se adicionasse, nessa grande fase da luta, a ação dos bons humoristas ingleses do romance moderno. Não é embalde que um homem inteligente habita durante anos a Inglaterra. Mas atento às maravilhas francesas, o nosso jovem patriota quase não viu mais nada nas grandes correntes literárias, românticas ou realistas.

A alusão segunda fase divide-se de fato em duas. Em mais de um lugar do livro, Miguel Mello, com razão, alude ao caso da carta e fundação mutação operada em o autor da «Relíquias», nos últimos anos, de que são documentos «A Ilustre Casa de Ramires» e a «Cidade e as Serras».

Nesse ponto parece-me clara a influência de Tolstói.

A curta carreira do romancista português, aliás curta, divide-se de fato, pois, em três fases, sob o patronato capital de Hugo, de Flaubert, finalmente, de Tolstói.

Esta conjunção, ou melhor, estes contactos com tão poderosos espíritos, cumpre declarar com energia, não diminuem de nada a forte originalidade do autor d'«Os Maias».

Lírico, satírico, contemplativo, ele foi sempre de uma individualidade espiritual, inteira e robusta.

Mas eu não é que hei de dizer de Eça: devo dar diretamente a palavra ao seu panegirista, que sempre se mostra à altura do assunto.

«Ao penetrar, escreveu ele, na arena literária, Eça se mostrou dominado por um panteísmo sensual de que não conheço melhor exemplo. Toda a sua obra, desde as «Promessas Bárbaras», até o romance de «A Cidade e as Serras», revela esta admiração da natureza, de que traçou inimitáveis paisagens... A sua estréia apresenta esta nota, inédita na literatura portuguesa, de um embevecimento ante as belezas da terra, uma idealização das seivas, dos astros das ondas, dos rios, das folhas, das pedras, das árvores, dos montes, das nuvens; uma admiração ingênua das realidades, um amor panteístico das cousas. Destacando-se por esta originalidade do seio de uma sociedade secularmente extasiada ante a abstração de misticismos enervantes, passou um adolescente contrariado pela penumbra das nevas claudais em que fora educado, e que um dia, liberto do seminário, contemplasse o mundo, com um maravilhamento pagão, satisfeito de poder expandir, sem peia alguma, o natural amor à Terra. Em seus pensamentos, é essa nota dominante. Secundariamente, brotando em laivos constantes, aparece o desejo das extravagâncias, a perversão das excentricidades... Era um romântico a bandear-se para o naturalismo. Como principais influências, então atuavam sobre o seu espírito Victor Hugo, em primeiro lugar, em segundo plano Proudhon. Só depois Flaubert o empolgou. Mas já se lhe panteava com clareza a característica de toda a sua vida, aliás própria das grandes almas de sua pátria: a aspiração mística à perfeição. Esta ansia o iria tornar em breve um dos maiores sarcastas que já enriqueceram de humorismo as letras. Porque esse exagero ingênuo, profundamente arranhado nos seus primeiros contactos com o mundo, lhe cruciou a alma, operando uma transformação completa.

Desiludido, sem apóio moral a que se acostar na fuga à banalidade odiada, só lhe restava combater sem tréguas. Desenvolve-se nele a crítica cerrada. E esta a fase esplêndida de sua vida.

Começando a vir tudo de perto com os olhos da experiência, reconhece que nada corresponde aos sonhos da beira que lhe tinham inspirado páginas tão puras. A espontânea vida humorística então se desenvolve extraordinariamente, levando-o aos excessos que o poderia fazer passar por um mero «blagueur». Mas dos íntimos sonhos lhe decorrem a superioridade de nunca se ter tornado um simples «troicista». Brilha sempre, fluindo nas páginas da mais despendida sátira, uma luz superior d'bondade consumida embora pelas impoções da peleja. Por fim rebentaria livremente, no fim de sua

vida, a provar a existência de um imenso fundo de ternura. Na fase de combate, torna-se insustentável com o meio. Não há sarcasmo que não atire à Pátria. Não há também acusação que lhe não façam os contemporâneos. Lisboa então o detesta.

A sua risada franca, o seu monóculo característico, o seu «dandismo» impecável — deixam a sementeira d'ódios por onde ele passa.

Abraça a carreira diplomática e se expatria. O afastamento não lhe poderia redundar em dano. Escritores há que se tornam os propagandistas tenazes de si próprios. Exibem-se a toda transe. Promovem reclamações. Buscam o bafejo oficial. Organizam igrejinhas literárias. Erguem-se em pleiteadores da glória. São os arrivistas do sucesso. Entendem que deve o autor descer a promover a acatização dos seus trabalhos, em vez da obra sustentar o artista. Eça de Queiroz teve o nobre orgulho de se deixar numa posição superior, sem descer a mercantilizar-se. Publicava seus livros com plena independência, sem jamais se rebaixar à bajulação dos críticos.

Afrontando as opiniões e os melindres, atirava-os francamente, deixando-os fazer por si o seu caminho, independentes de qualquer proteção. Assim confiante no valor de seus trabalhos, tanto lhe valeria viver no país sobre o qual a sua arte a reagir, como fora dele. No exílio, sem reclusão fecunda, dedicou-se exclusivamente à paixão das letras.

Altravessa uma fase do análise. Enceta uma guerra a todos os erros da sociedade portuguesa.

Começa por enfrentar a religião oficial, fazendo um inquérito sobre a vida dos sacerdotes no «Crime do Padre Amaro». Dece a esmerilhar a desorganização íntima das famílias apresentando um caso simples de adultério: «Primo Basílio». Volta à questão religiosa, estudando a verdade sobre a lenda fundamental do catolicismo, para contrapor-lhe a Paixão descrita pela Igreja, escreve a «Relíquias». Aproveita o episódio principal para emoldurá-lo em cena de uma sátira viva contra o bealeiro, criticando assim ao mesmo tempo a crença e os crentes. Golpeia a fundo as classes dirigentes, o oficialismo triunfante, fazendo uma série de caricaturas de irresistível cômico nos «Maias».

(Pág. 43, e seguintes).

Não se vê, porém, pensar que esse tom elogiástico, que se não desmente quase nunca, fecha os olhos ao crítico e lhe não deixe ver algumas das fraquezas de seu herói.

Miguel Mello faz-lhe poucas, mas bem fundadas censuras.

Concorda com a que fizeram Alexandre de Conceição e Camilo ao desfecho do «Crime do Padre Amaro», na primeira edição.

«Alegar um padre o filho, embora para ocultar um crime, não é natural, a menos que se seja um perverso, um degenerado». Disse-o Alexandre de Conceição.

Camilo, posteriormente escrevera aquele de senalar: «Uma perversidade estúpida e quase inverossímil em Portugal, onde os padres criam os «afilhados» naturalmente». Sabe-se que o grande romancista, ócil às críticas bem fundadas, alterou radicalmente, e para melhor, a parte de «O Crime do Padre Amaro».

Miguel Mello, por sua vez, censura, na «Relíquias», o grosseiro enovelco final que confunde a corça de espinhos do Cristo com a caminha de uma cortada. «Para um crente, escreve ele, o episódio é feroz».

Para nós, mais emancipados que o próprio Eça de Queiroz, que, apesar de sua aversão ao clero, nunca foi radical na rejeição do catolicismo, de que nos achamos totalmente livres, para nós — esse detalhe causou-nos, à primeira vista, riso. Mas a consideração posterior nos faz ver que muito teria lucrado a obra, tão cheia de magníficos e deliciosos ataques ao beatório, se ele tivesse modificado essa circunstância. Insignificante no conjunto da narrativa, e tão despediada no modo de ferir». (Pág. 45). O episódio é altamente censurável. Afetado também do catolicismo, meu ponto de vista é, todavia, diferente do de Miguel Mello.

Ele, como Eça, ao que parece, considera a religião como a «criação mãe de padres velhos». Penso por modo diverso, modo este que inspirado nas longas leituras, nas páginas de Max Müller, Colani, Reuss, Michel Nicolas, Réville, Scherer, Breal, Renan, Kuenen e tantos outros.

Depois a teoria das «Criações fundamentais e irreduzíveis da humanidade» veio demonstrar-me que a religião, produção normal de profundos impulsos da alma humana, é tão digna de respeito quanto a ciência, a moral, o direito, a arte, a política, nas suas inspirações superiores.

Que se diria de um poeta, de um romancista, de um dramaturgo, de um artista, que visse, à face da humanidade, sempre reverente diante das grandes gênios seus benfeitores, chaguar de um Platão, de um Aristóteles, de um Descartes, de um Newton, de um Kleiber, de um Leibnitz, de um Kant, de um Dante, de um Milton, de um Shakespeare, de um Byron, de um Goethe, de um Phidias, de um Miguel Ângelo, de um Rafael, de um Beethoven, de um qualquer dos mais sublimes gênios da política, da filosofia, da ciência, da poesia, da arte, das grandes invenções, todos esses que têm servido ao homem para mitigar-lhe o caminho de dores? Metria horror...

Pois bem; não vejo motivo para se abrir exceção contra os iminentes criadores de religiões, almas que têm coroado o desenvolvimento da humanidade no correr dos séculos: um Moisés, um Buda, um Confúcio, um Zoroastro, um Cristo, um Mahomet, um Lutero.

Chasquear deles se me afigura como atrair pedras em Platão ou Galileu...

A «Relíquias» lembra, na grosseria do vol-

(Continua na pag. 16)

Mário Sette e o Recife Antigo

(Continuação da pag. 3)

cantos de sua longa e sentimental peregrinação em busca do tempo perdido.

De todos os seus contos, crônicas e romances é «ARRUAR» o que melhor reflete o poder emotivo, a sua exaltada sensibilidade poética permanentemente tocada pelo efêmero e pelas recordações do seu Recife dos últimos dias da monarquia e dos primeiros instantes da República, quando as fortes rajadas da revolução progressista do século XX começavam a arrancar tão brutalmente as vistosas roupagens da cidade antiga. Ele mesmo deixaria escrito numa de suas últimas crônicas encontradas por mãos piedosas depois de sua morte: «O ARRUAR é o meu livro que resume e reflete todas essas deliciosas buscas nas páginas amarelas e não raro já roídas de nossos velhos periódicos. Foram tantos! Foram alguns em sua vida completa até desaparecerem! Foram em tirocírios de poucos anos!» E, mais adiante acrescentava com certo ar nostálgico: «O Recife, no seu passado, não se me tornou apenas um conhecimento, mas, uma convivência.» Não raro me «recordo» de uma certa figura de 1850, a quem

Prefácio à revista "O Progresso" de Antonio Pedro de Figueiredo

AMARO QUINTAS

Era velho desejo meu o de revelar aos intelectuais brasileiros, por meio de uma nova edição, a magnífica revista de Antonio Pedro de Figueiredo — O PROGRESSO. Não se justificava, nem se compreendia, o silêncio que incidia sobre a obra, verdadeiramente interessante e sugestiva, do escritor pernambucano. Dificuldades inúmeras se me foram apresentando nessa campanha que visava tirar do esquecimento um grande estudo de nossos problemas sociais. Finalmente, numa das sessões do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco obtive o apoio de meus companheiros e o encargo de solicitar, juntamente com o conselheiro Antonio de Barros Lima, do Governo do Estado o competente auxílio moral e material para a realização de uma obra de tal vulto. Encontramos, felizmente, da parte do então Interventor Federal, sr. Amaro Pedrosa, a melhor compreensão possível. S. excia., a quem Pernambuco ficou devendo mais esse valioso serviço, prontificou-se de logo a tornar realidade uma aspiração minha de muitos anos. E a almejada autorização veio imediatamente. Obstáculos vários foram, entretanto, surgindo e contribuindo para a morosidade dos trabalhos de impressão. Falta de auxiliares, acúmulo de serviço na Imprensa Oficial, etc. Mas a situação se modificou bastante quando, graças à boa vontade e ao interesse direto do Governador Barbosa Lima Sobrinho que, mais uma vez, mostrou, intelectual de renome que é, a sua solicitude pelos trabalhos da inteligência e da cultura, pude contar, a pedido meu, com a colaboração do sr. Ivan Seixas, pósto, por interferência de S. Excia., à minha disposição. Ao mesmo tempo minha ex-aluna Laura Bezerra, perfeita vocação de pesquisadora e que se tem revelado uma arguta investigadora de jornais antigos e de manuscritos, trouxe-me o seu inestimável auxílio. E foi possível assim malgré tout fazer ressurgir O PROGRESSO. O admirável esforço de Antonio Pedro de Figueiredo não ficará no olvido. As suas idéias, verdadeiras antecipações em vista de seu avanço e de seu adiantamento para a época, irão situá-lo como um precursor da ciência social em nossa terra e como um dos mais lúcidos estudiosos da nossa realidade sociológica.

Foi graças ao sr. Gilberto Freyre que travei conhecimento com a obra de Antonio Pedro de Figueiredo. O sociólogo pernambucano, nos seus livros *Nordeste* e *Um Engenheiro Francês no Brasil*, despertou a atenção dos meios intelectuais, para a figura extraordinária desse mulato que "decerto não foi nem significativamente, como revolucionário intelectual do meio escravocrata do Nordeste e como crítico da organização patriarcal então predominante, do que outros mulatos mais festejados: Natidide Saldanha, nos princípios do século XIX, Tobias Barreto nos fins" (1). Se é verdade que anteriormente Alfredo de Carvalho tratara de Antonio Pedro Figueiredo, fizera-o simplesmente em um registro sobre a imprensa pernambucana, analisando apenas a sua contribuição como jornalista (2). O autor de *Casa Grande & Senzala* sentiu, porém, antes que ninguém, toda a importância do Cousin Fusco como analista social e como um dos mais representativos revolucionários intelectuais do seu tempo. E quando há anos atrás iniciava as pesquisas em jornais e MSS sobre as causas e acontecimentos da Revolução Praieira, uma das primeiras recomendações que me fez o sociólogo Gilberto Freyre, ao consultá-lo a respeito de certos rumos de investigação histórica, foi a de não esquecer o jornalista mestiço, de não desprezar O PROGRESSO. E justamente da leitura desta revista me nasceu uma profunda admiração pela obra e pela vida desse homem tão incompreendido pelos seus contemporâneos e o desejo de que ele não continuasse "tão na sombra, tão no escuro, tão dentro da alcunha que lhe deram os contrários" (sempre tão apedrejadores das profetas") (3).

Diz Pereira da Costa ter Antonio Pedro de Figueiredo nascido em Igarassú no dia 22 de maio de 1822 (4). Essa afirmativa não me parece, entretanto, retratar fielmente a verdade. Noticiando o falecimento do mulato socialista afirma o historiógrafo pernambucano que "a morte o arrebatou à vida da eternidade, aos trinta e sete anos de idade, no dia 21 de agosto de 1859". Mas O *Liberal Pernambucano* de 25 de agosto de 1859 anota: "Obituário das pessoas que foram sepultadas no cemitério público. Dia 22, Antonio Pedro de Figueiredo, pernambucano, 45 anos, solteiro, São José, congestão cerebral". A mesma coisa encontramos no *Diário de Pernambuco* de 23 de agosto de 1859: "Mortalidade do dia 22: Antonio Pedro de Figueiredo, pardo, solteiro, 45 anos; congestão cerebral". Se em 1859, data de sua morte, tinha ele 45 anos, conforme atestam os dois jornais acima citados, o seu nascimento não ocorreu em 1822, como declara Pereira da Costa, e sim em 1814.

São obscuras as suas origens. Sabemos quase somente terem sido elas humildes. Falam os jornalecos da época em um pardo Basílio como o seu pai. E' o que diz O *Volcô* de 20 de agosto de 1847: "... o ridículo Cousin Fusco, filho do pardo Basílio lá de Igarassú, onde sempre viveu de limpar a estribaria do Pai, e de pescar os seus ciris e bodões". Vindo para o Recife procurou o amparo de um amigo que não correspondeu às suas esperanças, expulsando-o de sua casa. João Sinhô, assim se chamava — conforme O *Proletário* de 1 de setembro de 1847 — esse falso amigo que o desprezou numa ocasião em que Antonio Pedro tanto necessitava de uma ajuda. Mas buscando abrigo junto aos irmãos do Convento do Carmo lá encontrou acolhimento e amparo material para aprofundar os estudos. Nuns versos mordazes o jornalzinho acima citado, historiando-lhe a vida, diz em relação ao fato:

"Não tendo lugar
Onde recolher-se
No Carmo meter-se
Foi por fim de contas:
E por-se a estudar
Para se formar:
Isto afiançava
A quem lhe falava".

Afirma Manuel Paulino César Loureiro em artigo publicado no *Diário de Pernambuco* de 23 de agosto de 1859: "Antonio Pedro encerrado em uma das celias daquele convento, solitário, só tendo por companheiros os livros obtem desta sorte os conhecimentos que em pouco tempo o collocaram na ordem dos primeiros homens de letras desta provincia". A sua inclinação para os problemas filosóficos levou-o em 1843 a traduzir o *Curso da História da Filosofia* de Victor Cousin. Jovem ainda lançava-se no mundo das letras com uma tradução que lá se via entusiasticamente por aquele que depois se tornaria um dos seus maiores amigos: Antonio Rangel de Torres Bandeira. Seu colega de magistério no Ginásio Pernambucano e seu colaborador na publicação do folheto *A Carteira*. Em artigo do *Diário Novo* de 26 de novembro de 1843 Torres Bandeira sau-

O PROGRESSO.

REVISTA

SOCIAL, LITTERARIA E SCIENTIFICA.

1.º ANNO.

TOMO I.

1.º NUMERO.

Mês de Julho.

PERNAMBUCO,

TYPOGRAPHIA DE M. F. DE FARIA.

1846.

Capa da revista "O Progresso", agora em reedição, com notas e prefácio do prof. Amaro Quintas

dou a estréia literária de Figueiredo, estréia que iria provocar dos seus adversários políticos e dos invejosos do seu valor intelectual aquele epíteto que tentava atingi-lo de modo deprimente na sua vaidade de mulato que procurava fugir — tal como no caso de Machado de Assis — da humilhação de sua condição social original. Ia ser de agora em diante, para os seus rancorosos inimigos, o Cousin Fusco. Esse homem tão atacado pelos de seu tempo e tão esquecido pelos pósteros não podia ficar apenas nas crônicas das lutas partidárias dos meados do século passado anesquinhado pelos seus opositores na rudeza do apelo infamante. Ele precisava ser situado dentro do seu verdadeiro lugar de estudiosos dos nossos problemas sociais. Se o sociólogo Gilberto Freyre já o tinha, como tal, revelado ao mundo intelectual brasileiro, impunha-se, todavia, como trabalho de homenagem e de justiça, a recomposição de sua mais notável obra. E esse trabalho agora se realiza com a nova edição de O Progresso. E' como que uma manifestação de reconhecimento e de admiração a um dos vultos mais significativos da geração de um século atrás.

Conta-nos Antonio Pedro de Figueiredo como surgiu na sua mente o plano de organizar uma revista de idéias que destoasse do faciosismo político, das retaliações pessoais e da agressividade e destempero que imperavam nos jornais da época, época das mais ferozes na imprensa pernambucana, mas fértil também em desafios e em licenciosidade de linguagem. Causa-nos admiração que, em um dos períodos mais turbulentos da nossa vida política, quando jornalecos e pasquins atrovavam aos ares com ameaças e insultos, pudesse Antonio Pedro de Figueiredo fugir a essa atmosfera e manter a sua revista num plano elevado e digno. Assegura-nos ele que nasceu a idéia da publicação de O Progresso no mês de abril de 1846. Quatro amigos que são designados pelas quatro letras iniciais do alfabeto passeavam pelas ruas do Recife indo "do Trapiche-Novo para o bairro de S. Antonio". Encontraram, quando "iam sahindo da praça do Commercio em busca da rua da Cadeia", um dos empregados públicos pouco antes demitido. Trava-se, entre des, a seguinte conversa: "Fizeram muito bem em mandá-lo para casa, afirmou D; sempre o conheci baronista e, no entanto, assim que foi revogada a lei da vitaliciedade, rapou logo a péra; meu amigo, tornou A; vossê é mul severo para com os mais; quem tem mulher e filhos a dar de comer, pode sacrificar a barba sem deshonra para se conservar no emprego". Continua a palestra: "No meu entender, acrescentou A, todo o nosso mal vem da falta de opinião publica, ou antes do seu sono. Então acorde-a; disse D. E por que não? respondeu B. Como? perguntou D. Com a imprensa, respondeu B. Até hoje, Pernambuco só há visto gazetas votadas aos interesses de partido, que se barata-ram insultos às mãos cheias; mas nós podíamos publicar uma que tomasse a peito a causa da humanidade, a do povo que geme, e a de se cala. Muito bem, disse C; ensinemos ao povo os seus direitos e deveres; mostrar-lhe-hemos os seus verdadeiros amigos. — os que curam de melhorar a sua desgraçada condição. Mostraremos a todos os seus pretendidos homens de estado que nos governam, que elles ignoram as primeiras noções de economia social". Surgiu assim o desejo de dar nascimento a um órgão que fosse um elemento esclarecedor da opinião publica e não um simples instrumento de paixões políticas exacerbadas, impregnadas desse primitivismo que torna as nossas disputas politico-partidárias verdadeiras competições armadas. E em julho apparecia O Progresso para viver até setembro de 48,

nas vésperas, pois, da revolta praieira (5). Não se manifestou, somente em O Progresso o valor cultural de Antonio Pedro. Em livros publicados, em traduções feitas, quase todas com prefácios seus, como as de Victor Cousin, de George Sand, de Ortolan, em artigos no *Diário de Pernambuco*, onde manteve uma interessante secção sob o pseudônimo de Abdallah-El-Kratif intitulada *A Carteira*, na *Imprensa*, na *Aurora Pernambucana*, em todo esse acervo intelectual achamos o traço marcante da cultura e do idealismo do Cousin Fusco. Mas é na sua revista, que ora reeditamos, onde encontramos não só uma experiência jornalística única para o seu tempo, como também a condensação dos seus princípios ideológicos. Porque na obra do mulato pernambucano temos que ver duas coisas: o socialista buscando uma solução para os problemas de então em função dos postulados do socialismo dito utópico da primeira metade do século passado e o estudioso objetivo — o idealista orgânico da classificação do sr. Oliveira Viana — preocupado em resolver esses problemas dentro de um sentido realista, dentro das nossas necessidades. Ou, como disse o sr. Gilberto Freyre, um socialista que procurou adaptar doutrinas "às necessidades da região" (6). Na expansão das idéias socialistas em Pernambuco nos meados do século XIX merece uma especial referência a contribuição de engenheiro Louis Vauthier cuja influência foi grande junto a vários intelectuais pernambucanos, sobretudo junto a Figueiredo, em cuja revista colaborou assiduamente. Afirma-nos o sr. Gilberto Freyre: "Vauthier contribuiu para que se enunciasse no Recife da primeira metade do século XIX o estudo das questões económicas e sociais brasileiras, dentro do critério socialista... Vauthier concorreu para a irradiação das idéias socialistas francesas nesta parte da provincia. Empresta livros. Indica autores. Assina gazetas. Consegue assinantes para revistas francesas" (7). Muito deve ter recebido Figueiredo da influência desse engenheiro de orientação socialista "já com tendências ao socialismo científico — que o outro, o simplesmente ideológico, ou parafilosófico, não podia satisfazer uma inteligência crítica, como a sua, ne num senso de realidade da agudeza do seu" (8), e com especialidade para a preocupação de estudar, de modo original, as soluções para os nossos problemas em função de nossas condições. Tudo isso, porém, sem a nossa clássica demagogia sem discursos cheios de eloquência barata — é interessante a leitura de alguns de seus discursos políticos publicados no *O Lídador* — e sem os doestos e grosserias de uma politização de campanha. Chama-nos de fato a atenção a formação ideológica de Figueiredo um tanto afastada de preocupações exclusivas e puramente românticas e utópicas dos corifeus socialistas dos meados do século passado. Sente-se o seu avanço em frente a eles. Sente-se a atualidade de sua orientação e de seus princípios. E foi justamente por isso que o sr. Aníbal Fernandes disse em relação a O Progresso que "lendo-se as suas páginas tem-se a impressão de estar compulsando o programa de um contemporâneo nosso da Esquerda Democrática" (9).

A atitude de Antonio Pedro de Figueiredo em face do socialismo é um assunto que precisa ser analisado e fixado. Não obstante a sua posição de evidente avanço em confronto com os líderes socialistas de tendência utópica de então, avanço que o situa quase no chamado socialismo científico, nota-se, porém, de sua parte o influxo das idéias cristãs, talvez daquelas idéias de que se deixou encher totalmente quando de sua estada no Convento do Carmo. Definir de modo seguro o Cousin Fusco a sua concepção política e social ao travar uma célebre discussão com o dr. Pedro Autran da Matta e Albuquerque, professor da Faculdade de Direito de Olinda. Começou a disputa por causa de um artigo de Autran, publicado em *A União* de 31 de julho de 1852, respondendo a umas alusões feitas por Moraes Sarinente em discurso na Assembleia Geral a pretensas idéias socialistas por elle espostas. Diante da afirmativa do professor de Olinda de que "o socialismo cifra-se na comunhão das mulheres e dos bens" entrou Antonio Pedro de Figueiredo na lida, rebatendo o ponto de vista de Autran. Inicia-se a refrega. Autran lança suas baterias em *A União* e Figueiredo responde-lhe a princípio no *Diário de Pernambuco* e depois em *A Imprensa*. Parece que o jornal de Figueiredo não simpotizou com o tema da discussão, pois o Cousin Fusco foi obrigado a bater noutra porta. E' pelo menos o que nos diz ele em *A Imprensa* de 5 de setembro de 1852: "Pelo *Diário de Pernambuco* me havia eu comprometido a defender o socialismo da acuação, que o Sr. Dr. Pedro Autran da Matta e Albuquerque lhe fizera de cifrar-se elle na comunhão dos bens e das mulheres. Para esta fim publicarei no mesmo *Diário* uma correspondência, e no dia 24 do corrente entregarei outra sobre o mesmo assumpto. Entretanto, como o proprietário da dita gazeta, além de ter exigido que eu fizesse na primeira correspondência certas modificações, a que me sujeitei, exige agora, para publicar a segunda, mudanças taes, que tirarão toda a força à minha argumentação, rogo a VV. SS. o obsequio de admitir nas columnas da sua gazeta a dita correspondência, a qual tambem será a ultima, que a tal respeito publicarei". O espirito conservador do velho órgão pernambucano se arreceava do perigo de divagações sobre assuntos que Jean Cassou chamaria "des choses secrètes e maudites".

Replicando a Autran assegura Figueiredo: "esta aspiração (o socialismo) tende a reformar o estado social em prol do melhoramento moral e material de todos os membros da sociedade. Para este fim cada escola socialista offerece meios diferentes, mas não ha uma sequer cujas intenções deixem de ser puras e generosas, cujo ideal não seja a realização na terra dos princípios de liberdade e fraternidade" (10). Pouco depois acrescenta: "A formula geral da escola socialista a que pertencço, é a realização progressiva do principio christão de liberdade, igualdade e fraternidade, effectuada sem violencia, e por meio de medidas appropriadas às necessidades dos diversos países" (11). E justificando o seu conceito christão do problema social enumera os argumentos dos grandes doutores da Igreja todos contrários à exploração do homem pelo homem. Começa com S. Clemente: "O uso de todas as cousas que estão neste mundo deve ser commum a todos os homens. A iniquidade foi que permittiu que um dissesse: isto é meu; o outro: isto me pertence. Deste facto provêo a discordia entre os mortaes". (Os gritos são de Figueiredo). Vem depois com S. Ambrosio: "A natureza ministrou em commum todos os bens a todos os homens. Com effeito, Deos creou todas as cousas assim de que o gozo dellas fosse commum a todos, e a terra se tornasse a posse commum de todos. Assim a natureza gerou o direito de communidade, e foi a usurpação que produziu o direito de propriedade". Em seguida cita as palavras incisivas de S. Gregório: "Sabão que a terra de que elles forão tirados é commum a todos os homens, e que por isso os frutos que ella produz pertence (sic) a todos indistintamente" (12).

Não me parece ter sido o socialismo de Figueiredo uma atitude puramente lirica e contemplativa. A sua rebeldia contra os excessos do latifúndio e a sua indistincta aversão pelo direito de propriedade — as citações dos padres da Igreja pri-

(Continuação da pag. 5)

tiva não significativas — colocam-se como uma lídima expressão de revolucionário intelectual. Até mesmo os princípios básicos da Revolução Francesa, que o *Cousin Fusco* cantou na sua discussão com Autran, vão ser veementemente criticados nas páginas de *O Progresso* quando considera primordial o direito de viver, "sem o qual a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade, não são senão audaciosas mentiras empregadas por alguns para disfarçar a dependência e depreciação indireta que exercem sobre o resto da humanidade. De feito, que papel podem representar a Igualdade, a Fraternidade e a Liberdade nas nossas sociedades modernas? Que he a Igualdade onde pequeno número de privilegiados gasta na ociosidade o produto do trabalho de muitos milhares de seus irmãos? Que he a Fraternidade num gremio social que deificou o egoismo sob todas as formas, e carrega na sua bandeira esta immortal divisa: *chacun pour soi; chacun chez soi*? Que he que pode significar o vocabulo Liberdade numa sociedade em que as massas dependem de um pequeno numero de homens que, de facto, exercem sobre ellas um direito de vida e de morte, por mereo do capital!

Até hoje a grande formula humanitaria, proclamada pelos legisladores de 1791, não ha sido senão uma mentira odiosa. Contra essas ideias, tão amantadas e radicadas, é que *O Liberal Pernambuco* de 5 de janeiro de 1857 alertava os "bien-pensants" de seu tempo: "O Sr. Antonio Pedro de Figueiredo, outro redactor do Sr. Figueiredo, e que é professor de lingua nacional no Gymnasio. Este moço, que não teve os primeiros estudos bem regularizados, não escreve mal; porém está longe de satisfazer as necessidades do *Diário de Pernambuco*. Suas opiniões manifestadas são republicanas e socialistas; elle aborrece o meio social em que vive e julga de toda a necessidade uma reforma radical na sociedade que acaba de toco com a propriedade, com a religião, com as formas de governo, com tudo. Tudo o que existe é a seus olhos prejuizo, e cumprirá armazém de picarete para derrubar o edificio social desde a cupula até os alicerces. Faça-se idéa do modo porque elle, a custa do que percebe mecanicamente do Sr. Figueiredo, há de levar as cousas. Inteira e completamente sceptico a respeito das cousas e dos homens, elle lança no papel o elogio ou o sarcasmo com igual indifferença e só para satisfazer ao interesse do proprietário, em quanto vai dahi tirando argumento para fortalecer o seu ideal. Louvar o Sr. José Bento e censurar o *Liberal Pernambuco* é a seus olhos uma consequência muito natural desse absurdo social no meio do qual vivemos. O que quer dizer o Sr. Figueiredo pagar ao Sr. Figueiredo para arranjar um artigo bem accommodado aos interesses de sua empresa, senão um escambo que o Sr. Figueiredo atrai á face dessa propriedade que é a seus olhos o reinado da matéria contra a intelligencia, predominando na balança social e humanitaria? Destarte o *Diário de Pernambuco* nas mãos do Sr. Figueiredo é uma grande alavanca com a qual, elle de accordo com todos os socialistas do mundo pretende revolver de fond em dentro a sociedade pernambucana. E o mais é que está em seu direito; paga-se por meio dessa tyrannia da tyrannia que sobre elle exerce o capital do Sr. Figueiredo. Tudo é o Sr. Figueiredo que não vê a derrota que lhe está proxima; tolloes são os signantes do *Diário* que, olhando para isso como boia para alavanco, pagão e sustentão a machina infernal que soterramente lhes prepara nada menos que uma tremenda revolução social. O Sr. Figueiredo deve ver na monarchia representativa o seu maior inimigo, o seu mais terrivel adversário; abale-o de qualquer modo e esteja certo que ha de produzir o chão donde nahirá uma nova ordem de cousas, talvez mais consentânea com os seus desejos e com as suas aspirações. Creemos que Pernambuco é o unico lugar do globo, onde o socialismo tem um representante official."

Quais os teóricos da doutrina socialista que mais influíram no pensamento de Figueiredo? Alfredo de Carvalho diz que ele "alavancava com entusiasmo as doutrinas de Teodoro Jouffroy, as quais soberba dar um cunho individual modificando-as em parte ao influxo das teorias economicas de Saint-Simon, Owen e Fourier, criando assim uma orientação própria e original, fructo notabilissimo da evolução dum espirito naquela época e no nosso acanhado meio provinciano" (13). Há em verdade na obra de Figueiredo alusões constantes ao criador dos falsos socialistas. Num arroubo de entusiasmo elle chega a saudar o *Progresso* como "o maior génio do século". Era assazante do Socialista, de Phalange e de Democratia, conforme se pode ver no *Diário Intimo do Engenheiro Vauthier* e nas próprias páginas de *O Progresso*. No nosso velho burgo era grande a diffusão de livros dos libéres socialistas de então, principalmente os de Fourier ou relacionados com a sua doutrina. Na época eram de livros encontrados, por módico preço, nas casas de Manuel Figueiredo de Figueiredo e de Coutinho. Intensa divulgação tinham os *Defenses du Fourierisme*, *Exposition Abrégée du Systeme de Fourier* e *Les Enfants de Phalanstère*. Porcos-me, entretanto, não conciliava-se com a tendência politica de Figueiredo, com a sua visão do papel do Estado na vida economica, o anti-estatismo ostensivo de Fourier. Como afirma Bougie, Fourier "ne conceit pas, comme les Saint-Simoniens, un état hierarchique universel et universel régulateur du Travail" (14). Acrescenta por sua vez Daniel Villey: "Fourier n'attend rien du Pouvoir. Il multiplie en revanche les appels à un éventuel Mécanisme, qui veuille bien financer le premier phalanstère" (15). Declara também Roger Garaudy: "Il (Fourier) a une telle horreur de l'état et de l'ordre social imposé par l'épée qu'il confond dans une même haine la dictature populaire jacobine et l'empire napoléonien" (16). Em Figueiredo nota-se, ao contrario, um constante apelo ao intervencionismo estatal, a uma interferência directa do Estado nos fenómenos economicos. Referindo-se, em *O Progresso*, às jornadas de julho de 1848 na França, declarou o *Cousin Fusco* em 28 de agosto do mesmo ano: "... que os pretendiam os revolucionários de junho; o que nós também pretendemos é que o governo, como representante da sociedade inteira, intervenha nos phenomenos da produção, distribuição e consumo, para regulá-los e substituir pouco e pouco uma ordem fraternal ao desgraçado estado da guerra que ora reina nestas importantes manifestações da actividade humana; os nossos votos hão de ser realizados".

Nem se pode admitir, também, que impressionasse de modo decisivo a um espirito objetivo, avançado socialmente, para o seu tempo, como o de Figueiredo — basta olharmos em *O Progresso* para a sua compreensão realista dos nossos problemas e das suas soluções — o utopismo meio impregnado de misticismo dos saint-simonianos e as divagações extravagantes dos fourieristas que anunciavam vir a ser o mundo futuro, organizado nos moldes do falansterismo, uma espécie de paraíso terreal onde "les deserts seraient fertilisés, l'eau des mers deviendrait potable et aurait un gout de violette, un éternel printemps régnerait sur la terre adaptée aux besoins de l'homme" (17). Mundo esse, que estaria muito em função dos desejos e das alacrias de Fourier, segundo nos informa Roger Garaudy: "Il (Fourier) est friand de sucreries, le blocus continental l'en a privé, dans la cuisine future du phalanstère, le sucre jouera un rôle prépondérant. Il a horreur des courants d'air; la cité future sera bâtie de manière à les rendre impossibles" (18). Aproximando-se antes Figueiredo do socialismo cristão de Buchez ou do tendente a romântica — tendência essa que não prejudica seu objetivismo em relação ao estudo de nossa situação social — de Pierre Leroux e de seus discípulos.

Talvez a influencia de Buchez se tenha feito sentir na sua tentativa de conciliação entre o cristianismo e a doutrina socialista, especialmente depois que Buchez rompeu com os saint-simonianos quando Enfantin e Bazard foram proclamados "Pair Suprême" (19). Não é de desprezar a hipótese de uma possível contribuição de Lamennais e de Lacordaire na obra de Figueiredo. Em relação ao autor das *Paroles d'un Croyant* destacou André de Guimaraes o quanto elle influíu no pensamento de Ju-

lio teórico pernambucano do socialismo, vulto romântico até na sua vida inquiete e cheia de aventuras que lembra uma biografia romancada à maneira dos Zweig e dos Maurais — o general Abreu e Lima (20). Parece, entretanto, mais ponderável a repercussão das ideias de Pierre Leroux na doutrina desenvolvida por Figueiredo. Os dois partem de um socialismo onde ha muito do espirito religioso e do sentimentalismo romântico, embora esse sentimentalismo não anulese de todo o senso de realidade no mulato pernambucano quando ele se voltava para a investigação de problemas locais. É significativa a situação dos dois de franca hostilidade ao capitalismo — que ambos chamavam de capital (21) — e a propriedade territorial. "O capital defraudava desamparadamente o trabalho" dizia Figueiredo parecendo repetir as mesmas invectivas do socialista francês. E quando o jornalista de *O Progresso* se levantava contra os grandes proprietários pernambucanos acusando o latifundio da responsabilidade do intenso desajustamento social reinante na provincia, lembrava a condenação de Leroux: "la classe propriétaire... l'ouï l'ennemi!" (22). Não é demais acrescentar que uma das traduções feitas por Figueiredo foi a do romance de George Sand *As Sete Cordas da Lira*, tradução saudada economicamente por um critico do *Diário de Pernambuco* de 8 de maio de 1847 "pois a par da mais exacta e exactidão quanto ao pensamento tem um mérito de linguagem e de idéas que não cabe negar". A preferência pela escritora francesa é quanto tanto automática, pois sabe-se da grande influencia exercida por Pierre Leroux sobre George Sand que foi mesmo considerado o seu "director de consciência" (23).

Um aspecto interessante, por fim já focalizado acima, é que embora ideologicamente filiado ao socialismo romântico da primeira metade do século passado, socialismo que moldou o espirito "quarante-huitard" e provocou a revolução de 1848 na França, Antonio Pedro de Figueiredo ultrapassava a tendência utópica de seus contemporâneos e aproximava-se, em muitos pontos, do chamado socialismo científico. O senso de objetividade de que era dotado fazia com que não lhe bastassem as "Novas lérias" dos Cabot ou as divagações dos Enfantin. Nas páginas de *O Progresso* encontramos constantemente soluções práticas para os problemas sociais de Pernambuco. Anunciando o aparecimento de sua revista, diz Figueiredo, no *Diário de Pernambuco* de 22 de maio de 1848, em artigo por elle assinado: "... entre essa revista e de periodicos que as rapidas variações do atmoesphaera politica fazem cahir em onda sobre as nossas cabeças, não existe um só, que, estranho às paixões pessoais e ás emoções do dia, possa servir de auxilio ao livre pensamento e ás considerações serenas da philosophia e da sciencia! Ajudado, pois, de alguns amigos penetrados das mesmas ideias, possuidos dos mesmos sentimentos e guiados pelas mesmas aspirações, que nós, vimos hoje encerrar essa 'Academia fundando nesta cidade uma publicação mensal cujo titulo assaz indica o alvo, a que tendemos."

Convencido da inanição da politica acanhada e rancorosa dos partidos, e também de que só no estudo das questões sociais he que devemos procurar as condições do nosso desenvolvimento; vendo, pela experiência dos factos consummados, quão grave erro commettemos todos os dias ao copiar servilmente a Europa, em vez de procurarmos o processo, com que devíamos applicar ao nosso paiz os dados das sciencias sociais, queremos lançar, no meio da incoherencia actual, segundo o permittirem as nossas forças, alguns principios exactos, e germens de um futuro generoso". E é justamente essa preocupação de não "copiar servilmente a Europa" e de "applicar ao nosso paiz os dados das sciencias sociais" que palpita constantemente na sua revista onde até o titulo "assaz indica o alvo". Ora defende o *Cousin Fusco* uma nova organização administrativa para Pernambuco, baseada em 3 circulos: o do Capibaribe, com sede em Limoeiro, o do Una, com sede em Brito e o do S. Francisco, com sede em Florea, sendo cada um d'elles administrado por um deputado provincial. Ora advoga a necessidade dos conhecimentos agronomicos para os jovens brasileiros, conforme expressamente declara: "... preferiamos que se ensinasse a estes meninos theoria e praticamente da sciencia de que temos mais necessidade a agricultura". Em outra occasião discorre realisticamente, num artigo suggestivo intitulado: "Colonização do Brasil", sobre a questão, já então debatida, da vinda de colonos estrangeiros para o nosso paiz e, antepondo-se a Alberto Torres, fala numa "colonização interna que deve preceder á colonização externa". E tal a sua preocupação em analisar com critério objetivo a nossa realidade que, embora politicamente ligado aos guaburús, justifica e razoavelmente uma lei "que tornasse o commercio a retalho privativo dos nacionais" (23A). Propugna para a provincia uma divisão em regiões naturais: "a primeira, occupada pelo fabrico do assucar, estende-se da beira-mar até 15 ou 18 leguas para o interior. A segunda, estende-se até os extremos limites das hachas do Capibaribe, do Ipojuca e do Una. A terceira, enfim, comprehende os afluentes do S. Francisco". Focaliza a importância economica da primeira em detrimento das demais que não apresentam, em vista das difficuldades de communicações, a real relevancia. Toda a sua attenção concentra-se, assim, naquella região, onde impera a monocultura açucareira. Intentando apresentar soluções para o nosso problema rural tão angustiante em virtude do predomínio do latifundio. Não tergiversa em denunciar a grande propriedade como a responsável por todo o desequilibrio social reinante na provincia, e dá a sua invectiva de ser o despotismo representado "na pessoa da grande propriedade territorial". São inúmeros os projetos de lei apresentados por Figueiredo visando despertar o interesse da opinião publica e, com especialidade, dos deputados da provincia para temas sociais pernambucanos: sobre imposto territorial, sobre protecção das aguas em vista das cheias, sobre taxas incidendo em rendimentos, sobre um Banco Popular que ajudasse as classes menos favorecidas e acabasse com a agiotagem. Comentando a ascensão do gabinete de 2 de maio de 1848, presidido por Marcelino de Brito, e especialmente a "Fala do Trono", diz o jornalista de A Carteira: "mas nem uma só palavra a respeito das grandes medidas financeiras e economicas que se devem estudar, acerca do commercio de cabotagem, das vias de communicação terrestres e fluvias, proprias a facilitar a produçao e a distribuição das riquezas do paiz, a respeito de tudo isso, nem uma só palavra; nem uma só palavra acerca dos meios a empregar para impedir que a seca volte ás provincias do Norte, arruinadas pela destruição das matas, nem uma só palavra a respeito das reformas necessarias para manter a realidade do systema representativo; nem uma só palavra enfim a respeito de tudo o que constitue os interesses vitaes do paiz". Nesses mesmos comentarios tee elle, ainda, considerações sobre os meios de communicação, sistema de impostos, instrução publica e sobretudo sobre a seca, sugerindo até o envio de uma comissao de sábios e de engenheiros para estudar a questao. Volta-se também, no mesmo local, para o problema da extirpação do trafico de negros, para assuntos relacionados com a agricultura e a industria e defende o ponto de vista de, ao organizar-se o organito nacional, os poderes publicos não regatearem despesas com obras productivas, muito embora essas despesas momentaneamente superem a receita.

É, em verdade, Antonio Pedro de Figueiredo o espirito representativo de sua época. Se há no seu socialismo fulgurações que o projetam das tendências meramente utópicas de seus contemporâneos, imprimindo-lhe um caráter quasi-científico, não se pode desprender o *Cousin Fusco* do sentido romântico, às vezes mesmo lirico, dos homens da geração que fez a Revolução de fevereiro de 48. A objetividade de Figueiredo em estudar os nossos problemas sociais não anula por completo a sua identificação com o socialismo romântico da primeira metade do século passado. Se na percepção dos fenómenos sociais elle se avanteja ao seu tempo, não fogiu, entretanto, o mulato pernambucano ao aspecto de lirica fraternidade, de comprehensão generosa da

vida politica que caracteriza toda a beleza e toda a magnitude do espirito "quarante-huitard". Porque inequivelmente ninguém melhor viveu esse espirito em Pernambuco dos meados do século XIX que Figueiredo. A mentalidade "quarante-huitard", marca um dos pontos mais belos e mais altos da evolução histórica da humanidade. "Le credo quarante-huitard", afirma Jean-Albert Bédé — fut l'apanage d'une petite phalange de romantiques, temporairement projetée au pouvoir et qui, en face de la mer montante des appétits et des intérêts, osa affirmer la double primauté des idées morales et des aspirations du coeur" (24). Pecava mesmo essa falange — e ali temos, certamente, uma das causas da derrota de sua revolução — por excesso de idealismo e de generosidade, sentimentos esses que encontramos também no movimento prairie manifestando-se na maioria de seus líderes que foram os nossos "quarante-huitards". Diz Georges Lefebvre: "Pour les hommes de 1848, l'émotion sentimentale, la bonne volonté superficielle, l'émotion oratoire emportaient tout. La fraternité devait résoudre les difficultés sociales; les pauvres ne menaceraient pas la propriété de leurs frères, disaient-ils, et les riches leur dispenseraient leur superflu. Nul ne songe à contester que la fraternité ressera la soeur de la justice sociale, puisque celle-ci n'émiliennait pas l'amertume qu'engendrait l'inégalité naturelle ni ne consolait les douleurs que l'existence inflige à la majorité des humains. Mais la fraternité n'est pas la justice, prête à l'équivoque et laisse ainsi la porte ouverte au conflit; les riches la confondront avec la charité, qui dépend de leur bon vouloir, contribue à leur salut futur et laisse intacte leur autorité; les classes populaires s'en prévalent pour se constituer un droit. Elle ne devient concrète qu'à la condition d'inspirer l'organisation juridique de la sécurité sociale. La génération de 1848, imbuë de métaphysique nébuleuse, enivrée de lyrisme oratoire, croyait agir quand elle parlait. L'esprit du rationalisme positif lui manquait. Comme Seignobos le remarque, sa révolution fut une crise de romantisme politique" (25).

Em Antonio Pedro de Figueiredo esse idealismo utópico era superado por forte dose de idealismo organico que, entretanto, não matava aquelas "vertus chevaleresques et héroïques" características essenciais da geração de 48 (26). A sua afinidade com os homens da Revolução de Fevereiro e das barricadas de junho manifesta-se a todo o instante em *O Progresso*. A sua solidariedade aos revolucionários de junho define-o bem como um autêntico "quarante-huitard" conforme se vê no seu artigo datado de 28 de agosto de 1848: "... e aquellas que haviam feito a revolução de fevereiro — os manobeiros das escolas, socialistas e operários, tornaram a empunhar as armas e fizeram a revolução de junho. Foram batidos é verdade, mas cedo ou tarde, a victoria caberá ás idéas que elles defendem. O mundo não será para sempre o patrimonio de alguns privilegiados; ao passo que a immensa maioria se estorce sob as angustias da miséria. As maximas selvagens dos Malthus e J. B. Say já reinarão; é tempo de cederem o lugar a outras maximas mais justas e generosas". Citamos em páginas anteriores outro trecho de Figueiredo onde elle advoga a necessidade da interferência estatal na economia, chegando a afirmar ser isso o que "pretendiam os revolucionários de junho; o que nós também pretendemos é que os nossos votos sejam realizados". Prefaciando a tradução que fez do livro de Orléan da Soberania do Povo e dos Principios do Governo Republicano Moderno (Livraria do bacharel B. Coutinho, Esquina do Collegio, Pernambuco, 1848), declara ainda o *Cousin Fusco* numa reafirmação de mentalidade "quarante-huitard": "O esmeramento do throno de Luiz Philippe, e a proclamação da republica franceza em 21 de fevereiro do corrente anno, não foram mais que a tradução exterior de uma revolução interna, já effectuada nas idéas pelos esforços das diversas escolas socialistas, e pela amarga experiência dos vícios inherentes á organização social das nações modernas, revelados de um modo palpavel pelos trinta annos de paz geral. A supremacia do interesse geral sobre o interesse particular, o direito de viver, e a intervenção do Estado no commercio e na industria; ou a substituição da associação ao estado de guerra nas phenomenos economicos, eram factos de ha muito reconhecidos e reclamados pelos espiritos mais intelligentes da época, antes que o governo provisório os atrinase da varanda do Hotel de Ville, como o programma da nova ordem de cousas."

A Revolução de 48 que no dizer de Henri Guillemin, foi "le premier effort à tâtons, balbutiant et gourd, du peuple vers la justice" (27), representou para Figueiredo a victoria de suas idéas de revolucionário intelectual. Uma esperança de os seus efeitos provocarem no Brasil, principalmente em Pernambuco, a revolução social, a possibilidade de amplas reformas que o mulato idealista vinha defendendo com ardor e entusiasmo nos jornais, nos discursos e na revista *O Progresso*. Idéias de reformas que elle manteve até o fim de seus dias e que a victoria da reacção em 49 não conseguiu abater. Ainda em 1855 mostrava como era a liberdade politica uma burla enquanto os trabalhadores rurais estivessem escravizados economicamente aos senhores de engenho, talvez repetindo, em parte, o pensamento de Lacordaire de que "entre le fort et le faible c'est la liberté qui opprime et c'est la loi qui affranchit". M. P. de Moraes Pinheiro da cadeia da lingua nacional do lyceu desta cidade, (em um 1855, confessa: "O Sr. Antonio Pedro de Figueiredo, antigo lente da cadeia da lingua nacional do lyceu desta cidade, (em um dos ns. do *Diário* deste anno passado) publicando um bem pensado artigo sobre eleições, concluiu dizendo — Que sem o afonamento ou venda dos terrenos que beirasssem as estradas gerais, e um quarto de legua das povoadas não se conseguiria jamais a liberdade da terra. Quando lemos o bem elaborado artigo do Sr. Pedro de Figueiredo, (não obstante termos muitos parentes e amigos proprietários agricolas) reconhecemos que assistia toda razão a aquelle que á despeito dos prejuizos dos camponeses, levasse ao conhecimento do paiz uma das cousas que lhe empenha o progresso e liberdade, e aos legisladores uma idéa digna de meditação. Hoje que temos occasião, unimos a nossa á voz do Sr. Figueiredo, para que realize tão útil melhoramento". Vozes que se uniam á do *Cousin Fusco*, em muitas occasões vozes de adversários politicos ou de elementos, como esse Moraes Pinheiro, ligados a interesses de potentados rurais, é que vão testemunhar a influencia que elle exerceu no sentimento revolucionário de Pernambuco dos meados do século XIX, mesmo Figueiredo, de ruínas tortuosas e de sobrados altos, onde homens impregnados do sentimento "quarante-huitard" esperavam, em uma das nossas revoluções mais idealistas e mais empolgantes, o nosso movimento de 48. É, com profunda simpatia humana que devemos olhar para a vida e para a obra desse mestico extraordinário que, nem sempre compreendido e quase sempre desajustado pelos seus contemporâneos, soffrendo criticas monstrosas e injustas, vivendo num meio ás vezes hostil, soube, entretanto, fugir como poucos ás retaliações pessoais, á politiceagem sordida de aldisia, á demagogia vasia e estéril, á retórica balofa muito comum aos nossos politicos. Esse homem que viveu e soffreu no nosso velho burgo tão cheio de uma tradição de rebeldia e de ativez, tão agitado pelas reivindicações libertárias que tumultuaram no Pernambuco da primeira metade do século XIX, apresenta-se aos nossos olhos como um belo exemplo de intelectual que não fugiu á sua missão, que por a sua intelligência e o seu idealismo a serviço das grandes causas da humanidade. Viu, sem tergiversações, nem quaquas, os problemas economicos, em defesa dos interesses da coletividade, com intensa comprehensão humana dos nossos problemas. "Clerc" que não trahi, já mais incidiria sobre a sua pessoa o anátema causticante de Jacques Lisher. E dde, que foi um autêntico representante da geração de 48, poderíamos dizer aquilo que André Bogheyras disse do espirito "quarante-huitard" em geral: "Quarante-huitard est un mot qu'on prononce rarement sans s'attendrir. Il évo-

(Continua na pag. 7)

CLÁSSICOS E ROMÂNTICOS

Moacir de Albuquerque

A história da literatura assinala várias discussões célebres, em diversos países, como a dos antigos e modernos, em França, no séc. XVIII, de que Lanson nos dá excelentes notícias, na sua admirável "História da Literatura Francesa", ou a de vitorianos, e anti-vitorianos, na Inglaterra, ou ainda, na Alemanha, a dos nacionalistas e partidários do francesismo.

Nenhuma, porém, atingiu a importância e o universalismo da suscitada entre clássicos e românticos, que ainda hoje merece a atenção de escritores de primeira ordem, que continuam em desacordo às vezes violenta.

A preocupação escolástica das definições prejudica em grande parte a resolução deste problema de cuja gravidade ninguém duvida hoje. E que, como não assegura René Lalou, na sua magnífica "História da Literatura Francesa Contemporânea", tomo I, pag. 40, "qualquer que tenham sido os exageros dos românticos, é preciso reconhecer que eles renovaram a sensibilidade poética tão profundamente, que nenhum poeta posterior conseguiu libertar-se inteiramente, e em toda a sua obra, desta poderosa influência."

E Thibaudet, em livro que tem quase o título do anterior, depois de observar que o romantismo foi a grande revelação literária moderna, afirma que as chamadas reações anti-românticas — o parnasianismo, o realismo, o naturalismo, e neo-clássicismo, o simbolismo, etc. — são antes decomposições ou transformações dessa extraordinária renovação artística, tão semelhante, quanto aos resultados obtidos para a inteligência e o coração humanos, aos estabelecidos pelo renascimento, de onde proveio a renovação espiritual do mundo moderno, renovação cujas raízes mergulham na idade média.

Tristão de Alade observa que há, na vida, muita coisa incompreensível, irreduzível à razão, misteriosa, indefinível.

O romantismo está nesse número. Por isso, Agripino Grieco confessou honestamente, na Evolução da Poesia Brasileira, pag. 27: "Já li a esse respeito Goethe, Brandes, Lasserre, Gossé, Sollière e descrevi de outros, sem chegar a uma conclusão definitiva."

Alfás, a duquesa de Duras, em 1824, já pensava que a definição do romântico é ser indefinível". Para reconhecer esta verdade, basta correr os olhos pelos tratadistas ou pelos poetas e prosadores representativos do movimento.

E' que o romantismo é dema

siado complexo, múltiplo e variado, para se deixar prender nas malhas acanhadas de uma definição. Tendo, como tem, caráter proteico, deve ser antes encarado nas suas numerosas facetas, estudadas à luz do raciocínio frio e de fatos positivos. Mesmo aqui, porém, veremos contradições desorientantes, capazes de desanimar o estudioso mais entusiasmado.

O romantismo, como a arte a vida, tem suas surpresas, seus enigmas, suas máscaras e disfarces.

E até mesmo os mais astutos, como Stendhal ou Goethe, se iludem com ele e tomam a nuvem por Juno, para usar de uma expressão grata aos amigos do velharias inconsistentes. Se quisessem, poderia alinhar aqui duas ou três dezenas de definições do romantismo. Mas é um processo de erudição fácil, que não me interessa. Lembro apenas algumas das mais generalizadas, para mostrar as falhas que as tornam precárias. Esta, por exemplo, de Hugo, que se encontra no prefácio do Cromwell, considerado o verdadeiro manifesto francês do movimento: "o romantismo é o liberalismo na arte. E mais adiante, com outras palavras, exprime a mesma coisa: "o romantismo é a revelação francesa das letras."

Esquece-se, porém, o genial criador da Lenda dos Séculos, "com quem o sr. Alvaro Lima foi tão injusto, "que o liberalismo é apenas um aspecto, e dos menos importantes, do fenómeno em apreço. Madame de Staël, num livro célebre, "Da Alemanha", com que vulgarizou em sua pátria a cultura e a arte germânicas, ensina que o romantismo procurava obter uma aliança entre o espírito cavalheiresco da idade média e as lendas pagãs e cristãs.

Por sua vez, o autor de "Le Rouge et le Noir", sem perder de todo a perspicácia que é uma das constantes de seu gênio, encara-o como "a arte de apresentar aos povos as obras literárias que, no estado atual de seus hábitos e crenças, são suscetíveis de lhes proporcionar o maior soma de prazer possível. Bem se vê nestas palavras o psicólogo incomparável que Talne e Nietzsche tanto prezavam e que definiu a beleza, certa vez, como uma promessa de felicidade."

O nosso Romero, na História da Literatura Brasileira, pag. 98, vol. III, assim se exprime: — "O romantismo foi, pois, uma mudança de método na literatura; foi a introdução do princípio da relatividade nas produções literárias; foi o constante apelo para o regime da his-

toricidade na evolução da vida poética e artística."

Sociólogo perdido na crítica, que lhe chamou Grieco, o sistematizador de nossa história literária viu, apenas, na nova doutrina, as preocupações que alguns lhe tentaram comunicar, e que se nota igualmente no estudo das tradições populares e no historicismo jurídico de Ihering e sua escola.

Para Ronald de Carvalho, o romantismo "representa a vitória do indivíduo sobre a disciplina moral e intelectual do classicismo, que transforma a cultura humana, desde o século XVI, num jogo de princípios invariáveis e regras inflexíveis, dentro dos quais o espírito se movia com dificuldade, e quase sem autonomia."

Simples razão, portanto, contra a escola clássica, com predominio do individualismo. Muito pouca coisa, para uma revolução tão profunda. Convém notar que o romantismo não é só uma escola literária, mas uma transmutação completa de todos os valores, como diria Nietzsche. Atingiu, com efeito, todos os setores, imbuindo-se e profundamente banhando a arte, a ciência, os costumes. Remy de Gourmont chega mesmo a afirmar que ele encarna principalmente uma forma de sensibilidade, enquanto Louis Malgrou lhe censura acrememente o desprezo completo da realidade e a preocupação constante, exclusiva, da felicidade. Esta procura ardente e apaixonada constitui, sem dúvida, uma das marcas profundas do romantismo. Mas do homem também, do homem de todos os tempos, o que significa, que, no fundo, somos todos românticos, porque o romantismo nos é consubstancial. "Tremo à simples idéia de que o romantismo nunca tivesse existido" — diz Gourmont.

O conflito entre a realidade e o sonho gera o mal-estar romântico, que leva ao desgosto da vida, à fadiga de tudo, ao desespero, ao suicídio. Eis o mal-do-século, como então se dizia. Daí a idéia, que alguns eruditos sustentam, implícita ou explicitamente, de que o romantismo é uma doença. "Doença feliz, — porque necessária" — comenta sutilmente o autor do "Problema do Estético".

Para mim, o clima do romantismo foi sempre o irreal e o irracional, o alógico e o contraditório, o subjetivismo e o individualismo mais desenfreado; o do classicismo, o real, o racional, o lógico, o matemático.

Compara Brunetiere o classicismo à saúde; poderíamos comparar o romantismo à doença.

Por outras palavras, o classicismo é o equilíbrio; o romantismo, a desordem. Aquele a razão; este a loucura. Há, pois, contactos e analogias profundas entre o espírito romântico e o espírito moderno. Ambos são imponderáveis, indefiníveis, inefáveis, misteriosos. Ambos apresentam um dinamismo, como diria Thibaudet, que não se encontra em nenhum outro sistema.

Como o modernismo, o romantismo foi, inicialmente, caótico e destruidor. Teve perseguidos e combatidos seus chefes. Ambos têm a angústia, o sofrimento, o gosto da análise, a sinceridade ardente, quase ingênua, o ódio a todo cânone, o amor da liberdade levado ao extremo, a irreverência, a ironia, a instabilidade, a sensibilidade exagerada, a experiência constante, o desrepeito à tradição, ou melhor, à tirania da tradição, a revolta permanente.

Não é sem razão que André Billy, depois de citar um trecho das "Confissões" do cidadão de Genebra sobre o sonho, comenta ironicamente: "estas palavras não são de Bréton, são de Rousseau."

Alfás, Tristão de Alade assinala que "há no fundo (entre a época romântica e a atual) uma identidade de situações e que "nos sentimos hoje em pleno romantismo."

E agora uma observação honesta: quase tudo quanto exarei atrás sobre as "correspondências", para falar com Baudelaire, entre romantismo e modernismo, verifico que Tristão já havia assinalado, estudando um livro de Viatte: "As Pontes Ocultas do Romantismo. Coincidência que me leva a pensar no perigo das repetições mal interpretadas. Estas coincidências, aliás, não são raras na história do pensamento. Encontram-se comumente na literatura e na ciência e nem de longe podem ser tidas como plágio. Este é sempre consciente e, por isso, doloso. E' difícil, hoje, extenuar coisas novas, depois de tanta produção impressa, maxime no tocante ao tema de que me ocupo, que já originou uma bibliografia quase intrasponível pela quantidade e excelente, em muitas obras, pela qualidade. Quando teria aparecido o termo romântico? E' anterior ou posterior ao fato? Segundo Thibaudet, em volume atrás citado, as palavras clássico e romântico vivem obscuras e intermitentemente até comêços do séc. XIX."

Aquela, que é mais antiga, já existe no séc. XVI: esta só aparece nos fins do XVII, em 1675, aproximadamente. Na quinta "promenade" das "Réveries", redijidas na mesma época das

"Confissões", emprega Rousseau a palavra em seu sentido atual, quando frisa que "as margens do lago de Bienna são mais selvagens e "românticas" que as do lago de Genebra."

Em 1798, regista-o o "Dicionário da Academia", numa aceção primitiva e inaceitável. "Só se vulgarizam, porém, os dois vocábulos, quando se tornam adversários" — acentua o referido autor. Em 1814, informa ainda Thibaudet, Adolfo Le Couteur escreve à mãe uma carta, da Alemanha, em que declara: "As denominações de românticos e clássicos, que os alemães criaram há algum tempo, servem para designar dois parças que cedo dividirão a humanidade, como outrora gregos e gibeinos."

Quase todos os entendidos dão a Alemanha como berço do romantismo. Thibaudet, Lalou Figueiredo, Agripino Grieco, Ronald de Carvalho, entre muitos outros, pensam assim. Mas não é ponto pacífico, esse, não é dogma, como muita gente supõe. Há várias teses, engenhosas, eruditas, verossímeis, acerca do assunto.

Assim, por exemplo, Von Tieghem se bate pelas origens nórdicas, através da influência de Ossian, que Napoleão mandara traduzir e convertera quase em hino oficial da corte, e era o responsável pelo vago e pelo impreciso, que Verlaine, na "Arte Poética", exigia para o simbolismo.

Ja Reynaud se inclina para o ponto de vista anglo-germânico. Robertson, que é inglês, vê na Itália a pátria do movimento.

Augusto Viatte considera o romantismo "como um modo diverso de conceber a vida e encontra suas fontes ocultas nos iluminados e teósofos, que ambicionaram criar uma religião inédita. Svedenborg seria o mestre de todos. A sua doutrina se prende Ferdinand Denis, cuja influência em nosso romantismo é enorme."

Escreveu ele um Resumo de História Literária do Brasil em que nos aconselha uma poesia livre, para se harmonizar com nossa Independência política. Por isso, Tristão o aponta como o pai de nosso romantismo, opinando ainda que, através dele, o nosso movimento se liga ao pre-romantismo francês.

Outro ponto interessante é o concernente à influência de Goethe e Rousseau na divulgação das novas idéias. Qual delas temris sido mais importante? Quel e que mais influíu na difusão do novo espírito? o problema é sedutor, mas extremamente complexo.

O visionário do "Contrato Social" nasceu em 1712. O psicólogo das "Aflições Elásticas", em

1749. Rousseau era, pois, mais velho 37 anos que seu émulo. O ano do nascimento de Goethe marca o início da glória do criador do "Emílio". Este livro é de 1762; o "Contrato Social", idem: "A Nova Heloisa", de 1761. As "Confissões" foram escritas de 1761 — 1777; as "Réveries", talvez em 1772. Ora, o Werther data de 1774. O primeiro Faust, ainda em fragmento, é de 1790; em forma definitiva, surge em 1808.

O primeiro trabalho de Rousseau, que logo o tornou famoso, aparece em 1749. E' a célebre dissertação sobre o caráter moral das ciências e letras, apresentada à Academia de Dijon.

A primeira produção notável de Goethe, o Goet de Berlichingen saiu a lume em 1773, muito depois das obras-primas de Rousseau. E se o amigo de Schiller se tornou célebre imediatamente, o mesmo sucedeu com o genial francês. O Sturm-und-Drang, precursor do romantismo germânico, a que pertenceram, na juventude, Goethe e o autor do "Guilherme Tell", começa em 1777, um ano antes do falecimento de Rousseau.

E' uma expressão intraduzível, significando, em essência, segundo Goethe, "um assalto tumultuoso". E o tumulto é bem a característica do grupo, característica que se transmite aos epígonos. Seus adeptos se chamam a si próprios "gênios originais" e vêm na originalidade, que até então era desconhecida na Alemanha, a marca única e certa de toda poesia autêntica. Repetem violentamente a imitação, combatem todos os modelos, suprimem normas e preceitos, até então apontados como eternos.

Só a natureza é grande, afirmam, só ela deve inspirar o artista e ditar-lhe leis, desde que não lhe tolham a liberdade criadora.

"Ela só, ensina Goethe pela boca de Werther, forma e prepara o grande artista. As regras servem apenas para abafar, embora poucos dêem por isso, o verdadeiro sentimento da natureza e sua fiel expressão" — continua o criador de "Eti-gênio".

Comenta Bossert, excelentemente: — "E' preciso que o artista se coloque em face da natureza, que recebe dela a impressão direta, e que a traduza com absoluta exatidão e singularidade. Todo intermediário é um obstáculo e um disfarce. Um só intérprete, um só guia se respeita: Shakespeare."

"Natureza! Natureza! exclamava Goethe em 1771, num discurso entusiasta, em que celebra Gillet contra o póvo simbólico, no romance de Hugo.

(Continuação da pag. 6)

que des êtres dont on peut sourire, mais que l'on ne peut se refuser à aimer, dont les défauts de l'esprit sont charmants et dont le cœur recèle des trésors de générosité" (28).

Desejo expressar os meus agradecimentos a todos aqueles que me ajudaram no trabalho de reedição desta obra. Aos meus colegas do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, com especialidade aos srs. Eládio Ramos, José Antônio Gonçalves de Melo Neto, Mário Melo, Eugênio Pais Barreto e Getúlio César, pelo apoio que deram à minha sugestão e pelo interesse demonstrado durante a impressão desta revista. Ao sr. Amaro Pedrosa que, Interventor do Estado de Pernambuco, aprovou de imediato a minha idéia. Ao escritor Barbosa Lima Sobrinho, Governador de Pernambuco, pela atenção que dispensou ao empreendimento, facultando-me de pronto a ajuda de um valioso auxiliar da estirpe do sr. Ivan Seixas. Aos Secretários de Estado srs. Dirceu Borges, Nelson Chaves, João Rona e principalmente ao escritor Silvio Rabelo, secretário de Educação e Cultura, pelo contingente que me proporcionaram em auxílios e em material para a realização deste trabalho. Ao sr. Célio Regueira Costa, diretor da Diretoria de Documentação e Cultura da Prefeitura do Recife, pela prestimosa e constante assistência que nunca me regateou e que foi um dos fatores mais ponderáveis para a reimpressão de O Progresso. Ao sr. Francisco Caeté, esta admirável vocação de historiógrafo perdida nas recessos da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco. A ele devemos todos nós, estudiosos da história política e social da nossa terra, a solicita, valiosa e desinteressada colaboração no revivimento do nosso passado. E finalmente aqueles que foram os verdadeiros estêres deste comitêto e sem os quais, talvez, todo o meu esforço tivesse sido improficuo — o sr. Ivan Seixas e a professora Laura Bezerra. O primeiro é um nome já sobejamente conhecido nos arraiais culturais pernambucanos pela sua inclinação para a investigação histórica. Colaborador constante do sr. Gilberto Freyre, que o descobriu, quis o jovem pesquisador contrariar-se do encargo árduo e cheio

de responsabilidade da revisão do material tipográfico, no que foi eficientemente ajudado pela minha ex-aluna senhorinha Laura Bezerra, licenciada em Geografia e História, e hoje uma grande rival do sr. Ivan Seixas nos trabalhos de pesquisa do passado de Pernambuco. Para eles dois os meus mais efusivos agradecimentos.

Recife, 1 de maio de 1950.

- (1) — Nordeste, pag. 151.
- (2) — Ver Anais da Imprensa Periódica Pernambucana, págs. 199 e segs.
- (3) — Gilberto Freyre, Nordeste, pag. 151.
- (4) — Dicionário Biográfico de Pernambucanos Célebres, pag. 145.
- (5) — Cr. Amaro Quintas — Há um século no dia de hoje aparece a revista pernambucana, O PROGRESSO — in Diário de Pernambuco de 12-7-1946.
- (6) — Nordeste, pag. 152.
- (7) — Um Engenheiro Francês no Brasil, págs. 147 e 148.
- (8) — Gilberto Freyre, ob. cit., pag. 212.
- (9) — Coisas da Cidade — O Centenário de O PROGRESSO in Diário de Pernambuco de 12 de julho de 1946.
- (10) — Diário de Pernambuco de 12 de agosto de 1852.
- (11) — A Imprensa de 8 de setembro de 1852.
- (12) — Figueiredo enumera esses trechos dos padres da Igreja em A Imprensa, numero citado.
- (13) — Anais da Imprensa Periódica Pernambucana, pag. 199.
- (14) — Socialismes Français, pag. 120.
- (15) — Petite Histoire des Grandes Doctrines Economiques, pag. 110.
- (16) — Les sources Françaises du Socialisme Scientifique, pag. 64.

- (17) — Elie Halévy, Histoire du Socialisme Européen, pag. 66.
- (18) — Ob. cit., pag. 107.
- (19) — Ver Armand Couvillier, J. P. B. Buches et les Origines du Socialisme Chrétien.
- (20) — Sobre o assunto ver a nota da pag. 50 do drama Numa Machado de Agripino Guimarães.
- (21) — "Ti (Leroux) disait, comme Marx, le capital" — David Owen Evans, Le Socialisme Romantique, pag. 80.
- (22) — Pierre Leroux, De la Philosophie et du Christianisme, apud David Owen Evans, ob. cit., pag. 37.
- (23) — Ver Jean Larnac, George Sand révolutionnaire, pag. 19. Ver também Edith Thomas, Les Femmes en 1848, pag. 35 e André Gobert, Le Féminisme Français en 1848, in 1848 Révolution Créatrice, pag. 163.
- (23-A) — Essa aversão ao estrangeiro que foi traço marcante na agitação intensa manifestada em Pernambuco no período pré-revolucionário da Praieira e que nos trouxe os matas-matas marinho de dezembro de 1847 e junho de 1848, parece ter sido um fenómeno generalizado e de acordo com as reivindicações sociais de então, porque o vimos encontrar também na França. E' o que nos declara André Becheyras: "... il (o espírito revolucionário da época) entendait chasser de France les étrangers qui venaient y chercher du travail. Ce nationalisme économique s'est parfois porté fort loin. A Lyon les prolétaires jetaient à l'eau les Savoyards et exigeaient l'expulsion non seulement des Piémontais, mais aussi des Auvergnats" (Lamarque au Pouvoir, in L'Esprit de 1848, pag. 76).
- (24) — "Centenaire des "Quarante-Huitards" in La République Française, revue trimestrielle de l'idéologie républicaine et démocratique, vol. V, n. 1, pag. 8.
- (25) — "A propos d'un centenaire" in Revue Historique n. de julho — setembro de 1948, pag. 14.
- (26) — Jean Cassou, Le Quarante-Huitard, pag. 15.
- (27) — Henri Guillemin, La Tragédie de Quarante-Huit, pag. 386.
- (28) — L'Esprit de 1848, pag. 75.



TEATRO



BIBLIOGRAFIA TEATRAL

NESTE artigo nada mais pretendemos do que indicar aos estudiosos do teatro na Província alguns livros básicos, ajudando-os a compreender o drama sob vários aspectos, orientando-os num sentido exato e, principalmente, afastando-os das más leituras que criam um clima superficial em torno de uma arte tão eterna quanto o homem, desaconselhando os folhetos baratos escritos de improvisação por certas pessoas que preferem encarar o teatro apenas como uma técnica, sem cultura suficiente para procurarem as causas, as origens, a

A short history of the drama, assinada pela escritora inglesa Martha Fletcher Bellinger, satisfaz plenamente ao estudo da história do teatro, desde que o leitor deseje ter uma visão panorâmica de tudo o quanto aconteceu no mundo, desde o chamado período do drama inconsciente até os dias de hoje. A história teatral mais completa, porém, é *Histoire générale illustrée du théâtre* de Lucien Dubech, J. de Montbrial e Horn-Monval, onde todos os assuntos relacionados ao drama são tratados com minudência, pondo o leitor no conhecimento detalhado de tudo quanto já se fez relacionado ao drama. Aconselhamos, ainda, embora escrita sob um ponto de vista político sectário, a tradução argentina dos dois volumes: *História del teatro europeo*, de G. N. Boladhier e A. Dzivelegor; e *El teatro europeo en los tiempos modernos*, de S. Ignatov; não esquecendo *Les deux masques*, de Paul de Saint-Victor, embora os assuntos históricos sejam tratados aqui com maior liberdade, vistos sob o ângulo pessoal da análise, não se limitando o autor a escrever os acontecimentos dramáticos, vantagem que, trazendo benefícios, também traz inconvenientes. Para o estudo particular de cada país o estudioso poderá dar preferência a nomes como: Harsh, para o drama grego; Wells para o drama inglês; e E. Vreineff, para o drama russo; embora as histórias gerais do teatro apontem os fatos mais importantes acontecidos nos vários países do mundo. Outra preferência que não podemos indicar, pela abundância de publicações, é a que se refere a nomes como Molière, Racine, Shakespeare, O'Neill, Schiller. Estou certo de que o leitor, já versado em assuntos literários, poderá, facilmente, recusar os máis ensaios, preferindo aqueles que sejam precedidos de prefácios assinados por nomes que mereçam fé ou ainda aqueles a quem os livros e revistas especializados se refiram.

Com referência às obras de crítica, podemos citar como as melhores: *Panorama del nuevo teatro*, de José Maria Monner Sans, autor argentino dos mais eruditos na arte dramática, a quem devemos, também, uma excelente interpretação de Pirandello. O livro de Monner Sans põe o leitor em contacto com as várias tendências do teatro moderno, os estilos, as influências, estudando, separadamente, personalidades como Lenormand, Shaw, O'Neill, Kaiser e Benavente. Ainda outro argentino se faz notar no campo da crítica dramática: Alfredo de la Guardia, com o seu livro *El teatro contemporáneo*, cujo primeiro volume atinge o teatro realista, ocupando-se o segundo do simbolismo até as tendências mais atuais. Escrito com grande agudeza crítica, o livro de Alfredo de la Guardia situa a dramática de vários autores nos seus justos limites, estendendo-se a respeito de Ibsen e Shaw, para ele dramaturgos-marcos na história da literatura dramática. Para uma especialização do drama, no que se refere aos gregos, torna-se indispensável o volume de Harsh — também contribuição à história — *A handbook of classical drama*. Este é, realmente, um dos livros mais notáveis a respeito do drama grego, equivalente ao *Esquilo*, de Gilbert Murray, porém de maior amplitude e com um senso de distribuição dos assuntos raramente atingido. Isolando cada poeta trágico do primeiro período erudito do drama, Harsh analisa a sua vida, a sua obra, as influências, a estrutura, a composição da obra. Torna-se indispensável em qualquer biblioteca teatral, o livro de Harsh. Com relação aos autores e às tendências francesas, aconselhamos o excelente livro de Pierre Brisson, intitulado *Le théâtre des annés folles*, onde todos os modernos franceses — desde os dramaturgos de "boulevard" aos de vanguarda — são estudados com minúcias, dissecando mesmo, com as suas qualidades e os seus defeitos. Poucos estudos a respeito de Cocteau, por exemplo, serão mais exatos. E se quisermos entrar em contacto com os homens que revolucionaram o teatro, criando novos processos de encenação, novos estilos, dando ao teatro um sangue novo, devemos ler o livro de Galina Tolmacheva: *Creadores del teatro moderno*.

(Continua na pág. 16)



Neli Rodrigues e Zieminski, intérpretes dos únicos personagens de "Assim falou Freud", em representação há dois meses

Movimento Teatral no Rio

RAUL LIMA

RIO — O sentimento que experimenta quem acompanha, por dever de ofício, o que se leva à luz da ribalta dos teatros do Rio e vai transmitir uma notícia disso ao público do Recife não é inteiramente confortável, se leva em conta as iniciativas sérias do Teatro pernambucano.

Creio, porém, que haverá certo interesse num golpe de vista pelos cartazes do Rio, pois alguns deles talvez sejam mais adiantados, cartazes do Santa Isabel.

UMA PEÇA QUE VEIO DO ANA PASSADO

No início deste ano, uma peça, estrada em fins de 1949, subsistia montada e se mantinha em representações até este mês — a comédia de Guilherme Figueiredo "Um deus dormiu lá em casa". A produção de Fernando de Barros, dirigida por Silveira Sampaio, completa assim o centenário do Copacabana, onde o Teatro Experimental de São Paulo realizou uma temporada de real sucesso artístico, inesquecível mesmo. Guilherme Figueiredo, romancista, crítico, entrou na literatura teatral com o pé direito. Ele, aliás, não saltou para esse gênero de uma hora para outra, improvisando e tentando a sorte. Suas experiências vinham de outros tempos, fizeram prudentes estágios nas gavetas e muitas delas ainda não saíram daí. Quando Procopio lhe deu a oportunidade, encenando "Lady Godiva", o êxito foi completo.

O autor que entrega a sua peça a um produtor teatral e quer vê-la representada tem de abdicar de muita coisa, a começar pelo título e inclusive intenções com que escreveu esta ou aquela frase, até o sentido grave ou alegre de certas epígrafos e frases. Quando Fernando de Barros entregou a peça de Guilherme para Silveira Sampaio dirigir, o autor sentou-se junto ao diretor e deixou que este utilizasse largamente as receitas que fizeram o triunfo extraordinário de "Da necessidade de ser polígamo". Sem ficar à margem, com a melhor receptividade às sugestões de Sampaio, assimilando-se e incorporando-se ao próprio fêto e texto da peça, atingiu um resultado que a crítica aplaudiu francamente.

A história de Anfitrião e Alcmena teve um novo e espantoso tratamento.

Na representação, o público teve oportunidade de ver mais uma correta atuação do paulista Paulo Autran e de testemunhar o aparecimento "sucesso" de uma estrela que vinha já do cinema: Tônia Carreiro. Coadjuvados, com a melhor classe, por Armando Couto e Vera Nunes.

Com a saída de "Um deus dormiu lá em casa", veio à cena "Amanhã, se não ocorrer", de Pongetti, sobre a qual falei mais adiante.

ANTES DA TEMPORADA

Obedecendo à cronologia, devo lembrar que, ainda antes do período se convencionou chamar de temporada e só se inicia depois do carnaval, houve um espetáculo divididíssimo — o de Bibi Ferreira com a comédia norteamericana "Beija-me e verás", traduzida habilmente por R. Magalhães Júnior e a qual tiveram atuação destacada um ator até então sem oportunidades — Luiz Cataldo — e a menina Sônia Maria, além da própria Bibi, de Márcia Real — atriz nova e muito inteligente e simpática — e Jardel Jercolis Filho.

Poucas semanas depois era o Teatro de Bolso, de Ipanema, que oferecia uma novidade agra-

dável: a peça do autor polonês A. Cwojdinski, traduzida por Zieminski e Brutus Pereira sob o título de "Assim falou Freud", com dois únicos personagens, interpretando um deles o próprio Zieminski e o outro a jovem atriz Neli Rodrigues que estreou, no ano passado, como estrela em Anita Garibaldi, afirmando-se uma decidida vocação para o teatro. A comédia, tecida em grande parte, de fórmulas e temas de divulgação psicanalítica, vence o perigo de tornar-se a estopada pretensamente científica e mantém-se com uma vivacidade e um interesse que são de admirar.

O CARNAVAL NO PALCO

Nas proximidades do Carnaval, a cuica roncou no teatro, proliferaram as revistas. Melancólico, esse capítulo das revistas. Nenhuma evolução nos processos técnicos de apresen-

Continua na pág. 17)



Anfitrião (Paulo Autran) e Alcmena (Fônia Carrero) na cena final da comédia "Um deus dormiu lá em casa", de Guilherme Figueiredo, apresentada no Teatro Copacabana pela Cia. de Fernando de Barros. Cenários e guarda-roupa de Carlos Thirre; direção de Silveira Sampaio



O engenheiro Vauthier

CENTENÁRIO DO SANTA ISABEL

No dia 18 de maio próximo vindouro, o Teatro Santa Isabel completa cem anos de existência e grandes festas estão sendo programadas para a data, as quais se estenderão até setembro, incluindo nomes como Villa Lobos e Elizardo de Carvalho, companhia lírica, companhia de ballet e provavelmente o ator francês Jean-Louis Barrault, além dos conjuntos da terra.

O Teatro Santa Isabel foi construído por ordem do Conde (então Barão) da Boa Vista, pelo engenheiro francês Louis Léger Vauthier, sendo inaugurado a 18 de maio de 1850, com um espetáculo intitulado «O Pagem de Aljubarrota», da autoria de Mendes Leal.

A partir dessa data o Teatro Santa Isabel tornou-se o centro de toda a vida artística do Recife e não somente da vida artística, pois discursos políticos, banquetes, bailes carnavalescos, formaturas já se têm realizado ali. Os maiores nomes da cena portuguesa e brasileira já pisaram no seu palco. Castro Alves e Tobias Barreto disseram versos dos seus camarotes, Joaquim Nabuco ali defendeu a causa da abolição.

Atualmente, o Teatro Santa Isabel, sob a direção de Valdemar de Oliveira, atravessa uma grande fase, aquela a que se poderia chamar de alevantamento da cena em Pernambuco, através dos grupos amadoristas mais importantes como Teatro de Amadores, Teatro do Estudante e Teatro Universitário.

Um Auto retrospectivo, que contará com a colaboração dos conjuntos da cidade, está sendo preparado para solenizar a passagem do centenário do velho e glorioso teatro.

essência do drama, assinando trabalhos com títulos mais ou menos superficiais: Como se faz um autor, As quinze maneiras de se portar em cena, Método prático de declamação. No máximo estes conselhos pertencem ao campo do artesanato e permanecem muito aquém do verdadeiro sentido teatral.

Para começar, diríamos que as obras teatrais devem ser divididas em quatro categorias, para simplificação do estudo: as de história, as de teoria, as de crítica, as peças. Vejamos, separadamente, estas categorias indicando livros básicos relacionados a cada uma delas.

INDEPENDENCE

Aderbal Jurema

(Palestra pronunciada na Sociedade Cultural Brasil-Estados Unidos)

Nesta noite em que a Sociedade Cultural Brasil-Estados Unidos escolheu para comemorar o dia da Independência dos Estados Unidos da América, quiz a generosidade de dois amigos, como os professores Hilton Sette e Bruno Maia, que fosse eu o escolhido para vos dizer algumas palavras à margem de um tema tão rico de sugestões como o da luta dos norte-americanos pela sua libertação política da tutela do Império Britânico. Luta essa que ainda hoje não pode ser evocada sem que surja em nossa imaginação a figura admirável de George Washington, lendária pela realidade, verdadeira e real dentro da história do continente americano e do mundo pela força mesma de seu caráter de fundadora de uma nação. Não se pode esquecer também a chama viva do espírito libertário dos norte-americanos, personificada em um líder popular que era, o que depois seria Trotsky para a Rússia, a revolução permanente e que se chamou Samuel Adams, ou com gostam de dizer os seus conterrâneos, amantes práticos das abreviaturas, o irrequieto Sam, precursor das reivindicações populares, uma espécie de antecipar sem disciplina do autor da "New Deal", esse estadista e humanista impar da história universal cujo nome pronuncio sempre com unção religiosa: Franklin Delano Roosevelt.

Se a Washington e mesmo à sua memória se deve a constituição democrática dos Estados Unidos, a Sam Adams não se pode negar, sob pena de incorrerem num critério de superficialidade, o seu papel de galvanizador dos anseios populares em torno de um denominador comum que seria a luta pela emancipação política de sua pátria ainda não de toda definida como nação. Graças ao seu inconformismo libertário e ao seu revolucionarismo permanente é que a Inglaterra não conseguiu, através de compensações de ordem econômica e militar, como o levantamento das sanções comerciais e a retirada diplomática das tropas inglesas de Boston, após o massacre que ficou histórico, abrandar a sua rica colônia americana.

Após tantos anos, que daqui há pouco serão contados como séculos, ainda hoje, em plena metade do século vinte, o espírito democrático e construtor de Washington e o horror à tirania de Sam Adams fizeram os Estados Unidos se lançarem contra o nazifascismo em todo o mundo, numa guerra que lhes foi imposta pela própria consciência que possuem da sua formação histórica.

Os conhecedores superficiais da grande república norte-americana ficaram, sem dúvida, estupefatos diante do sentido de unidade política e militar que os ianquis ofereceram ao mundo nesta última guerra. E ainda agora, quando maiores e mais imprevisíveis são as responsabilidades

e as consequências, a pátria de Washington encontra-se novamente empenhada em uma atitude que demanda uma interpretação menos linear e muito mais íntima do que por ocasião da II Grande Guerra Mundial. Atitude sobretudo de nós, brasileiros, de nós hispano-americanos, povos nascidos sob o signo dos mesmos acontecimentos europeus e que até agora temos crescido sob a tutela intelectual de uma América Hispânica que não pode se separar geográfica e espiritualmente da Saxonica.

Salientou o professor Gilberto Osório de Andrade, em conferência memorável na Faculdade de Direito do Recife, em plena segunda grande guerra mundial, que devíamos nos livrar de "todo o sentimento doentio de inferioridade, de toda a timidez, de toda a reserva, de todas essas atitudes incômodas, sobretudo para aquele povo mais rico e mais poderoso da América que agora mesmo nos procura para fraternizarmos." (1) Mesmo porque não vejo por onde temer essa fraternidade desde que ela se traduza por um companheirismo de irmãos, comendo na mesma mesa e conversando de igual para igual, trocando influências, numa comunicação não só de idéias como de mercados.

Se o nosso propalado complexo de inferioridade diante do progresso técnico dos Estados Unidos fosse uma decorrência da nossa incapacidade de ação e não dos precalços da nossa formação histórica ainda se justificava esse nacionalismo de muralhas chinesas. Mas, todos nós sabemos que tanto nos Estados Unidos como nos países mais adian-

tados industrialmente os problemas humanos não diferem dos nossos, não só no que concerne à vida cultural como também no que se relaciona com a máquina administrativa. Esta burocracia brasileira, tão bem romaneada na literatura nacional, existe e existiu nos Estados Unidos no tempo de Walt Whitman que a descreve em páginas cruas e causticantes. Lá como aqui, o problema é mais do homem que da vida. E não é sem razão que um pensador do porte de Denis de Rougemont mostra-se desanimado diante daqueles que pensam mais em termos técnicos do que em termos humanos. Mudar a vida ou mudar o homem? Eis a dúvida universal que está levando as nações à guerra e ao desespero, à inquietação e à miséria, ao receio e ao pavor das armas atômicas.

Os Estados Unidos, nestes últimos vinte anos, após terem chegado a um progresso técnico admirável, já estão se dando conta do problema. Não é outra coisa o que já escrevia o sr. Gilberto Freyre, em 1934, sobre esse povo: "O que hoje ocorre é a recuperação da força criadora e da saúde econômica que o homem perdera dentro do industrialismo individualista; o equilíbrio entre seus instintos criadores, sua ância abafada de beleza e a sua técnica super-desenvolvida..." (2) E um outro homem de pensamento, o político Henry Wallace, batalhador democrático norte-americano, acha que a luta do homem em seu país tem um sentido mais profundo do que uma simples guerra de preservação. Daí invocar S. Paulo: "Porque não temos que lutar somente contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados e potestades (do inferno), contra os dominadores deste mundo tenebroso e contra os espíritos malignos (espalhados) pelos ares." Assim, o problema do bem-estar do homem assume u'a maior densidade no espírito do povo norte-americano de hoje, como já aconteceu com outras civilizações pragmatistas do mundo.

Por isso, ao evocarmos a luta daqueles que fizeram a independência da grande nação irmã, o fazemos com absoluta confiança nos rumos que estão tomando as relações não só oficiais, mas extraterritoriais entre brasileiros e ianquis. Entre brasileiros e ianquis através não só de seu progresso técnico, de suas geladeiras e de seus automóveis, de nosso café e do nosso cacáu, mas, sobretudo, através de uma interação de atitudes espirituais em face do mundo em hesitação. Hesitação, sim, porque diante da força econômica do imperialismo, muitos são os brasileiros que temem se transformar em sobrinhos doces do tio Sam. Muitos são também os que namoram outros titos mais glaciais e mais distantes. Tanto uns como outros esquecem que o mundo já não pode retroceder às primitivas áreas de colonização porque seria uma incoerência histórica. Acredito na incoerência dos homens, que sempre têm pago muito caro pelos seus enganos, mas impossível acreditar na incoerência da história por quanto ela não se situa nesse ou naquele plano predeterminado. Antes, segue a sua própria evolução, o seu caminho, sem

que para isso seja preciso fazê-la retroceder. História é passado e não se pode voltar ao que já, por sua própria natureza, ficou atrás.

Cabe, sim, a nós, homens de 1950, estreitar cada vez mais as nossas relações inter-humanas acima dos tratados e das alianças oficiais. Para isso estão aí os homens de ciência, os professores, os estudantes, os escritores, os artistas, os financistas, os padres e pastores, os artesãos, os comerciantes, os operários, representantes e intérpretes da força viva de seus povos, par ouvirem comovidos o "Canto de Natal" do norte-americano Walt Whitman ao seu irmão brasileiro:

"Bem vindo sejas, ir-

mão brasileiro! — teu amplo lugar está pronto;

Um sorriso te enviaremos do norte-mãos afetuosas — uma urgente saudação cheia de sol!

(Que o futuro se faça sozinho, onde quer que surjam transtornos e obstáculos. Nossas, nossas as agruras do presente, o fim democrático, a aceitação e a fé)

Para ti, neste dia, nossos braços se estendem, nosso rosto se volta —

Sobre ti nosso olhar vaira esperançoso.

Tu, livre aglomerado de estrelas! Tu, constelação rutilante! Tu que tão bem compreendeste

O exemplo verdadeiro de uma nação cuja luz fulgia no céu,

(Mais resplandescente do que a Cruz, mais do que a Corôa)

O vértice que é preciso atingir para chegar à suprema humanidade" (3)

— Irmão brasileiro! disse o vosso poeta. Sim, é o que somos de vós, norte-americanos, quer num dia de festa como este ou numa noite trágica como a de Pearl Harbour. Quer lutando pelo nosso petróleo contra os vossos trustes comerciais, quer nos entendendo no mesmo pé de igualdade para juntos mantermos a paz do mundo, quer esportivamente disputando a solta o futebol universal, quer na hora mesma em que, unidos pelo mesmo ideal cristãos de vida, saibamos marchar, sem temores nem desconfianças, para a suprema humanidade do Poeta da criação no Sermão da Montanha:

"Bem aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus." (4)



NOVO LANÇAMENTO DE "NORDESTE"

A revista "Nordeste" já lançou nas livrarias o livro de poemas de Cezário de Mello, "CANTOS DA HORA HUNDÉCIMA", capa e ilustrações de Ladjane. A edição foi primorosamen-

te confeccionada nas oficinas gráficas da Empresa Jornal do Comércio S. A. e vem sendo qualificada como uma jóia de arte gráfica.

Os poemas de Cezário de Mello, enfiados em "Cantos da Hora Undé-

cima", estão despertando dos críticos as melhores referências, não só da crítica provinciana, como também dos intelectuais metropolitanos. O desenho acima é uma das belas ilustrações de Ladjane para o novo e vitorioso lançamento da revista NORDESTE.

(1) Gilberto Osório de Andrade — AMÉRICA HISPÂNICA — AMÉRICA SAXÔNICA — Edição do Diretório Acadêmico de Direito — Recife, 1942

(2) Gilberto Freyre — O ESTADO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NAS UNIVERSIDADES AMERICANAS — Edição da revista "Momento" — Recife, 1934

(3) Tradução de Oswaldo Marques — Cantos de Walt Whitman — Edição da Juvê Olympio — Rio

(4) S. Mateos



PASTORAL

Não haverá de chuva senão a vidraça
E molhada e longe. E dos rumores
As pernas infrutíferas e velhas
— Adeus, corações sem primavera!

O último trem parte, convida
E sacode o corpo pelas pontes,
Além, nem poente nem léste
Apezar das narinas latejantes.

Deitarás o corpo, mas o rosto
— Haverá ainda aquele riacho?
— Onde Joãozinho meu camarada?
Apenas a manga amadurecida ao vento.

Repara o pastor, escurece a lembrança,
Ha um atalho na frente, contudo
Volverás aos campos os olhos
E a estrada chamará coleante.

Felizes, sim, felizes os montes,
Lá, (não apontes) lá onde pifanos cantam,
Em vez de reclinadas cabeças
Estudadas cabeças na sinfônica.

Enfrenta filho pródigo a soleira,
O cachorro deitado, relinçam cavalos,
Sacode dos ombros os mormaços,
Não detenhas a esperança frustrada.

E baterás o cajado. Nunca mais,
Nunca mais, porém, aquela rumba.
Só o céu claro e a folhagem
E na sacola um livro de fábula.

O LAPIS

PINTADO DE VERDE SOBRE LETRAS DOURADAS
COMO AO POLEN CHEGAM AS ABELHAS
RISCA CIRCULOS DE SINOS NA TARDE
PRONTO AO PRIMEIRO TIMPANO
COLOCADO NAS RAIZES DO CEREBRO.
LAPIS RETO E VIRIL APONTADO
AVISO FINCADO NOS CONFINES
DO CORAÇÃO ESMALTADO E SANGRENTO
MARCO DO ADOLESCENTE ONDULANDO
SOBRE A ESCRITA NERVOSA
RECEIOSO DE AMOR E ALGEBRA

RETÉM O CALOR DA ROCHA E O RITO
DAS ASSINATURAS FRIAS.
NO PLANO INCLINADO DA PRANCHETA
TREME O LAPIS INCERTO NO CREPUSCULO BUS-

(CANDO

E FIRME GARGALHA RASCANTE
O RESTO DE UM EPIGRAMA.
COLEÇÃO ESBOÇADA DE MÁSCARAS
PROJETO

NO ROLO DE PAPEL ROXO
BILHETE ATIRADO NO ABISMO
MANDANDO SAUDADES.

QUER SEJA TEMPESTADE, FLORESTA,
OUTONO, INCENDIO OU PISCINA
HA O IRMÃO DA AMETISTA E OPALA
ARRANCADO DA TERRA
NESTE PEDAÇO DE LAPIS.
DE SUA VEIA NEGRA FLUEM OS DEDOS DISPER-

(SOS

EM MENSAGEIRO
PENETRADO DA GLÓRIA E DO MEDO
DE HAVER COLHIDO A MADRUGADA PÁLIDA
A MANHÃ TRANSPARENTE, A TARDE AZULADA
NO REDIL DA NOITE POUSADAS
AS MÃOS INTREPIDAS.

SOLFEJO N.º 2

NUVEM DISPERSANDO O CEU DE AGOSTO
ABRO A JANELA AO CANTICO ERRANTE
E, CRUZAMENTO RÁPIDO DE LINHAS,
ERA NA RUA DO PASSARO EM PROUST.

QUEDO-ME, REGRESSO AS VELHAS FONTES,
— GARGULA EM SILÊNCIO E ENCANTO,
BASTA-ME O DESCAMPADO DEFRONTE
NA TRAMA D'ÁGUA EM QUE A LUZ ADERE.

SERÁ ASSIM UM APÊLO DE LÍVIDAS
CAMPÂNULAS, ASAS NO INVERNO OU MESMO
O PASSO DO CARTEIRO INEVITÁVEL

SÚBITO BATENDO A MINHA PORTA
E EM MIM PRÓPRIO RESSOANDO LEVE
O ECO LACRADO DE MENSAGEM MORTA.

Poema da Noiva Léste

DO CENTRO DA MESA PARTO PARA O NOIVADO,
— OS OBJETOS FALAM, AS BONECAS DANSAM,
DO FUNDO DO CEU AS ESTRELAS DESCEM
AGORA DEBRUÇADAS NA JANELA.

LIS O DORSO DA NOITE, EM TÓRNO
CADA ÁRVORE E UMA LÂMPADA ACESA
DE ONDE FOGEM PASSAROS E PÁGINAS
DE CANÇÕES DO MAR E DE FOXES.
AINDA RESPIRO SEU PERFUME, E O VENTO
DA PLANÍCIE DIFÍCIL DOS REBANHOS
TRAZ SEU ROSTO OVAL E UMA BRAÇADA DE
(FLORES

Poema de Madrugada

Sinto a madrugada
Fluida e objetiva
Chega-me a brisa
De cabelo sóito
Também perfumada
Cerca-me concisa
E mais estes galos
Abrem grandes rasgos
No papel de tempo.

Sinto a madrugada
Na taverna longe
Não sei bem de onde
Saltei a janela
Era do horizonte
Buscar um poema
De peixes brilhantes
E de jâmbos frescos
E de heróis e santos
De noivas recentes
— Ainda lhes vislumbro
Do manto sob a nuca
Onde as estrelas eram.

Sinto a madrugada
E resta a bateia
De um poema triste
Assim eu prefiro
A noite compacta
E sem esperança
Ao ar de mortalha
Como a flor gelada
Presa entre lábios
Ofertando a palavra
Que fique suspensa
Uma taboleta
"O CAFÉ DA NOITE"
(Trêmula e suspensa)
A mesa quadrada
E um homem só
Embora se encontrem
Na ilha de Java.

Sinto a madrugada
Tem olhar de embalo
Dominando a sala
Atravessa a fronte
Dissolve a vontade
Qual pássaro branco
Pousando em meu ombro
Lava o pecado
Da noite findando
Ah, louvado seja
Senhor Jesus Cristo
Que num muro passo
Mas levanto a mão
E trago nos dedos
O jasmim e a graça.

Sinto a madrugada
E quero é o ramo
Da avenca e o beijo
Quando fecha os olhos
Água de uma bica
Espriar-me quero
Na praia de mica
Quero a enseada
De uns braços roliços
Em estrofe e lira
Na coluna jonia
Encostar meu óculo
De longo alcance
Cade aviste o mar
De um mundo antigo
Vou ser se disfarço
A minha soberba
Em grumete azul
Pois chegando o porto
E' tumultuoso
O dia já rompe
E enquanto seja
Arbitrário e louco
Eu ache o palácio
No fundo das águas,
Lá, tranque o poema
Num cofre de jade.

EVOLUÇÃO SOCIAL E INTELECTUAL DO CANTADOR

ROGACIANO LEITE

(Do livro «CANTADORES DO NORDESTE», a sair brevemente)

Os cantadores hodiernos já não têm quase nenhuma característica exterior daqueles tipos fielmente copiados por Leonardo Mota, Rodrigues de Carvalho, Gustavo Barroso e Luís da Câmara Cascudo. É surpreendente a evolução por que passaram, de 1930 para cá. Notadamente no linguajar, no indumento, no aspecto fisionômico, no trato social, etc., eles se apresentam hoje, na sua maioria, dando-nos a impressão de elementos munidos de certa cultura superior, embora sejam, na realidade, uma simples autodidatas ou semi-analfabetos que aprenderam a ler pelo ouvido. Ortograficamente é que podemos apalpar a sua insuficiência de conhecimentos básicos, conforme atestam inúmeros manuscritos que da algeibra de muitos deles vieram encaixar em meu poder.

É responsável por essa evolução ou desfocagem do nosso vate matuto o bafejo de civilização moderna que rapidamente se introduziu no Nordeste a Inter, transmitindo a atração contagiante das cidades. As estradas de ferro e de rodagem, o rádio, o jornal, os serviços de alfabetização, as alfabetizações de corte moderno, a disseminação de escolas rurais, os estudantes que passam as férias no burgo, enfim, o contacto diário do sertão com os centros de maior progresso — tudo isso influiu grandemente na mentalidade do povo matuto, se o não arrancando de sua rotina, pelo menos modificando sensivelmente o seu aspecto exterior e despertando a ansiedade por uma vida melhor e um mundo mais civilizado. E os cantadores — que não por si uns vendedores ambulantes de sonhos, trazendo no sangue a atração pelas viagens — facilmente caminharam para as cidades e nestas, vendo, ouvindo e assimilando, foram se contagiando e confundindo-se automaticamente com a massa, quer na aparência exterior, quer na linguagem comum — esta força que arranca o homem de seus limites regionais para os horizontes de um mundo mais amplo.

Nos centros urbanos, os nossos vates incultos encontraram — embora de maneira superficial e heterogênea — o meio de ampliar seus poucos conhecimentos e o fizeram com relativa rapidez, graças à prodigalidade de sua inteligência perceptiva e gravadora. Nas entrevistas com homens de imprensa, nas audições perante professores, nas palestras com o Vigário, com o Juiz ou com o Promotor de cada cidade, começaram eles a ter as suas aulas indiretas e a fazer as suas «consultas» gramaticais, interessando-se melhormente pela leitura. Isso aconteceu justamente nestes últimos anos, quando as cidades, já saturadas pelo rádio e pelo cinema, foram dando mais atenção à mensagem de beleza virgem que o cantador traz permanentemente na sua inspiração. Resultou de tudo isso a quase correção vocabular, a aparência de cultura que, à primeira vista, nos inspiram os trovadores nordestinos dos últimos tempos. No fundo, porém, são os mesmos corações e as mesmas almas simples. Somente o aspecto exterior e intelectual é que se lhes impõe como reconhecido produto da evolução social que, felizmente, começa a reportar nas terras áridas, numa promessa de aproveitamento de centenas de cérebros privilegiados que ainda tateiam criminosamente na lamentável obscuridade dos sertões de espinho!

Poucas palavras descrevem a indumentária dos cantadores atuais: é como a de qualquer homem da classe média, variando apenas com a possibilidade econômica e a validade de cada um. Alguns — os mais moços — ostentam ares de elegância cittadina. Vale a pena observar que são geralmente atraídos pelo berrante e pelo supérfluo: óculos, canetas, anéis de fantasia, sapatos de sola dupla, etc., o que indica um estado psicológico entre a natureza bravia dos sertões e os atrativos contagiantes da cidade. Até 1940, mais ou menos, era moda a cabeça grande e esvoaçante ao vento livre, pura influência de retratos de poetas românticos do século XIX, vistos nas antologias e histórias do Brasil mais antiquadas. Certa vez perguntei a um deles por que usava o cabelo tão grande. Respondeu-me: — «Vocês já viu um poeta sem cabeça?» Repare nos retratos de Castro Alves, Fagundes Varela, Tomás Antônio Gonzaga e o Marquês de Pombal! Se conhece o pau pela casca; o poeta, pela cabeça. Isto é filosofia...»

Mas todos esses traços marcantes de influência retardatária estão desaparecendo com a reforma do progresso. Externamente, os cantadores atuais são homens como outros quaisquer. Muitas vezes, com essa ânsia de urbanidade apressada, tornam-se perniciosos e paradoxais. Inútil, porém, e tentarem fugir ao seu verdadeiro temperamento de filhos da caatinga. A terra continua a prendê-los. O ambiente em que nasceram jamais o soltará. Interiormente, são as mesmas criaturas indulgentes, a mesma benedita fonte de ignorância do homem sem malícia.

É por demais conhecida a pretensão de sapiência dos cantadores. Os mais antigos manifestavam-na por meio de perguntas enigmáticas, de fundo profético; os de hoje querem vaidosamente externá-la mesmo através de pretensos conhecimentos orientados. Entre 1936 e 1940 foi que esteve em seu período agudo a megalomania cultural dos nossos menestrelis. Foi quando o matuto, bartinado pelas primeiras mensagens de civilização, se viu na contingência psicológica de ser falante e prachano. Convém citar alguns exemplos dessa época, para que o leitor possa melhor fixar a sua influência.

Do contrário da massa inculta do Nordeste, que geralmente não pronuncia as consonantes finais das palavras, os cantadores fazem questão de sonorizar todos os fonemas, carregando exageradamente no R, no L e no S: cantador-r-r-r, cantadores-s-s, animal-l-l animals-s-s, etc. Al-

guns o fazem antipáticamente, com sibilos e elasticidades intoleráveis. São estes os que já em 1936 recebiam a crítica do veterano Antônio Marinho:

«Esses cantadores novos

Não usam mais rimas rasas;
Só querem dizer os versos
Com bicos, pernas e asas,
Com tantos erros e essas
Que espanta os gatos das casas...»

Tive inúmeras oportunidades de assistir a pesadas discussões entre cantadores, simplesmente por causa de um S de mais ou de menos num vocábulo, conforme aconteceu com Lourival Batista e João Siqueira, no «moirão» que transcrevo:

L — Está cantando um cantor alvo
Com outro cantor moreno;

S — É um cantando de mais
E outro cantando de meno;

L — Eu, inda estando num érmo,
Não tiro um S de um termo
Pr'o nome ficar pequeno...

Quando uma justa verdadeiramente acirrada, em que precisam pôr à prova de fogo os seus conhecimentos, até erros comuns de concordância provocam réplicas e réplicas fulminantes. Certa vez, em Caruaru, testemunhei um desses duelos que quase durou toda a noite. Em determinado momento entrou no salão um grupo de rapazes amigos dos violeiros e um destes terminou uma estrofe com a seguinte construção gramatical: «E a gora a trinca chegaram». Num lance de milagrosa agilidade mental, o colega ironizou terrivelmente:

«Dizer a trinca chegaram
É erro de Português;
E tem mais esta: uma trinca
Não pode ser mais de três...
Eu não sei como é que um sábio
Dá dois erros de uma vez!»

De igual maneira procedeu o cantador Heleno Bezerra contra um colega que lhe cuspiu aos ouvidos o final de uma estrofe com mas porém:

«Dizer assim não convém,
Que as conjunções são iguais:
Ou diga mas, ou porém,
Ou diga porém ou mas;
Um verso nojeito desse
Heleno morre e não faz!»

Foi com a seguinte estrofe que, numa dessas ocasiões, Lourival Batista censurou Severino Pinto porque este pronunciara P-O-E-T-A:

«Uma pronúncia correta
Eleve o homem do pó...
E eu sei que, pra falar certo,
Meu companheiro está só;
Mas, quando disser poeta,
Não abra tanto esse O!»

O repellido se desculpou heroicamente e aguardou terreno. Logo mais, no calor da sabatina, caiu Lourival na fatalidade de pronunciar comim, ao invés de comigo. O Pinto sorriu de alegria pela vingança:

«Colega, não diga assim,
Se quiser ser meu amigo!
Onde foi que Você viu
Comim, em vez de comigo?
Eu posso dizer p-o-e-t-a,
Mas uma dessa não digo...»

A exigência de rimas corretas teve também a sua grande importância na evolução intelectual dos nossos trovadores. Ficou proibida a rima apenas pelo som. Isto representa, hoje em dia, um crime no Tribunal dos Cantadores de classe. De uma feita, num torneio com Lourival Batista, o violeiro Mergulhão de Souza pronunciou paper (para não sacrificar a rima de mulher). Lourival protestou contra a pronúncia errada e a imperfeição da rima de seu colega. Mergulhão se defendeu, dizendo que havia pronunciado em Francês e que, nesta Língua, paper é paper (?). O argumento de Lourival foi ainda mais aniquilante:

«Sendo como você quer,
De todo feito se sai:
Encontra rima difícil
Mas mete a cabeça e vai...
Também na Língua Francêsa
Até não rima com pat!»

O seguinte «moirão» é um outro exemplo de como atuou entre os nossos vates plebeios a exigência de rimas puras. Vejamos como José de Lima observou o deslize poético de Manoel Luís:

J.L. — Eu vim do Recife aqui
Para cantar com vocês;

M.L. — Mas você veio porque quis,
Pois eu cá não lhe chamei...

J.L. — Antes não tivesse vindo
Pra não 'star agora ouvindo
Coisas que nunca esperel!...

E foram surgindo outras exigências. Uma destas, aliás, quase impraticável, é a que obriga o repentista a não usar nenhuma das rimas aplicadas à última estrofe de seu adversário. Exemplifiquemos com um «marteio» de Manoel Raimundo contra Romano Elias da Paz:

«... Mas agora se valeu das minhas rimas
Empregando essa palavra de fúria;
Esqueceu-se de injúria e de penúria,
Sendo assim você fez pior que Dumas!
Cantador que tiver minhas opimas
Não vale da rima que outro diz;
Desta forma Você não é feliz,
Cantando comigo desta vez;
Pois se acaso não sabe o Português
Não se meta a cantar no meu país!»

Os próprios cantadores se encarregam de fazer a crítica demolidora contra os seus colegas. O menor defeito é logo apontado e deve imediatamente ser corrigido. Não é lícito ao homem repentista o emprego frequente da mesma frase, isto é, a repetição de «chavões», de «chapas batidas». O cantador que assim procede é logo ridicularizado pelos colegas e até passa a ser designado por este ou aquele termo que repete a todo instante. José Faustino Vila Nova, apesar de muito famoso, é um desses repetidores. Seu «chavão» preferido é: «Nesta e em outra ribeira». O fecundíssimo Severino Pinto cantava, certa vez, com Otacilio Batista, lá para as tantas da noite:

«Eu penso que ainda posso
Resistir a noite inteira!
Que eu sou mesmo é Pinto velho,
Nesta e em outra ribeira...»

Otacílio esboçou um sorriso de crítica, e o Pinto, numa rapidez incrível, com raiva de si mesmo, concluiu:

«Eu não sei por que desgraça
Me lembrei dessa porqueira!...»

Acho oportuno transcrever aqui dois sonetos de autoria do médico Firmino Leite, de Piancó, idólatra de três coisas neste mundo: cachorro, vaqueiro e cantador de viola. As referidas produções dizem bem da exigência em que se viram os trovadores durante essa época de sua evolução intelectual e artística. Em 1938 chegava eu àquela cidade paraibana, em companhia do violeiro Agostinho Lopes, conhecido de todos dali, coltoado! puxando de uma perna com artilhismo agudo. Usava moleta. Preciso dizer que meu companheiro era «diplomado» em... nessas repetições de que falei há pouco. Eram de seu uso e abuso as seguintes frases: «Eu sou cantador de suco», «Vim da terra de Nabuco», «Vou muito bem, aliás», «Com bases fundamentais», etc. Conservo ainda em meu poder o manuscrito do inspirado clínico paraibano:

«Agostinho chegou de Pernambuco,
Atrazado, queixoso e decadente;
Traz no rosto o semblante de um maluco
E no corpo os axaqueis de um doente.

Ele é fruto que aqui não dá mais suco,
Cantador que hoje espanta toda gente,
Pois só fala na «Terra de Nabuco»,
«Muito bem, aliás» é seu repente!

Talvez não ganhe mais uma gorjeta!
Encostado num pau, já sem viola,
Cheio de dores a fazer careta...

Convertido em ruína (Ó mundo insano!)
Eu o faço cabide da sacola
Guardando os níqueis de Rogaciano.»

«Agostinho, desculpa a brincadeira!
Eu respeito, meu caro, o aleijão...
Aqui no Piancó garanto a feira
De batata, de arroz, milho e feijão.

Só não passes, por Deus, a vida inteira
No galope, toda e no moirão,
Para não vir secar a minha algeibra
E deixar meus meninos sem tostão!

Eu sou um portador que não mereço
Pancada pelo mal que me aconselham
Os amigos perversos que aqui trazem...

Eu apenas recorde e não me esqueço
Dos versos varonéis em que se espelham
As duras provações das tuas bases...

Evidentemente, essas cogitações de conhecimentos por parte dos nossos cantadores nos privam, muitas vezes, de ouvir coisas muito mais belas, muito mais originais. Não se pode comparar a corrente fresca que rola da montanha

a uma enxurrada que desce procurando passagem sobre garranchos intrincados. Mas nem por isso deixa de ser extraordinariamente admirável o prodígio com que esses homens conseguem juntar a seus conhecimentos elementaríssimos a provisão de uma cultura aparentemente vasta que nos desautoriza a classificá-los de completamente analfabetos. Uma das qualidades mais invejáveis nos cantadores é a memória. Gravam tudo quanto leem e traem tudo à ponta da língua. José Faustino, por exemplo, já me recitou «cipsis litteris», sob pena de cair no meu descredido, todo um compêndio de Geografia Elementar de F.T.D. (!!!)

Ninguém ignora, entretanto, que, numa onda de duzentos e mais cantadores soltos pelo Nordeste afora, cantando desafios e discutindo «ciências», é inevitável a presença de muitos repentistas «pé de poeira» totalmente analfabetos, cuja ânsia de imitarem seus mestres e parecerem «cultos» aos olhos da matutada os eleva ao auge da pernoscidade e do ridículo. Tanto por uma necessidade comparativa quanto pelo sabor anedótico de que se nutrem, não é justo ocultar ao leitor alguns disparates, como este que ouvi de José Francalino, em Fortaleza:

«Sou sábio por natureza,
Só digo o que ninguém diz:
Trevuá — vortel de Oropa,
Revuá — vim de Paris,
Que o Brasil tem quatro FFFF:
Fêdo, João e Dom Luís!»

E este outro, de Canário e Juvenal, num «moirão» aguerrido:

— Você vem dizê família
E se esquece do l-h...

— Sabes que sou malfabeço,
Pra que vens me arreprova?...

— Eu de arreprova não deixo,
Você bote o circunfrêcho!
Aprenda a pornuncilhá!...

O mulato José Lima, das bandas da Mão d'Água, saiu de Campina Grande para cantar no sítio denominado «Cipó», na residência de respeitável cidadão conhecido por «seu» Pereira. Num de seus habituais derrames de retórica e alteração das leis fonéticas, não corou o violeiro em dizer a bom peito e pernoscitamente:

«Eu vim de Campina Grande
Desvertri nesta rebreira;
Deixei aquela cidraíra,
Percondilha barzeira,
E hoje me encontro valandro
No Cepol de «seu» Pereira!»

Por mais que pareça incrível, esta é a regência de linguagem de José Lima. Dirigindo-se certa vez a Lourival Batista, saudou-o cortêsmente:

— Cromro vral, Louruvrar?
— Muntro mar-r-r... — respondeu maliciosamente o colega.

Caíza Mororó, doublê de cantador e vendedor ambulante de ouro do Juazeiro, despedira-se de sua noiva, nesse mesmo sítio chamado «Cipó» e fora cantar em outro, denominado «O Apertado». Lá para as tantas da madrugada começou o poeta noivo a fazer lamentações em torno daquela triste ausência. Entre muitas queixas íntimas saiu esta, sem a mínima intenção dúbria:

«Minha gente, tenham pena
De Caíza Mororó!
Triste, acinlo, isolado,
A minha vida faz dó...
Eu estou no «Apertado»
E minha noiva no «Cipó!»

Um dia de feira na cidade paraibana de Patos, quase testemunhei uma cena de sangue entre dois cantadores que não chegaram a decidir se o inventor do rádio foi Plótom ou Getúlio Vargas.

Mas é preciso esclarecer que os repentistas dessa marca estão caindo em franco abandono, mesmo por parte do público mais obscuro. O caso do interior, em contacto com a civilização, só admite cantadores que saibam ler. Com excepção do Cego Aderaldo, no Ceará, e Manoel Neném, nas Alagoas, não conheço atualmente no Nordeste nenhum cantador analfabeto que seja detentor de grande renome. Acontece que o meio ambiente e a própria classe dos cantadores não puderam deter as modificações a que foram submetidos. Só não aconteceu isso com os poetas matutos que não cantam e que, por esta condição, sem meios para se locomoverem, permanecem na roça, livres da afetação direta dos centros civilizados.

MÁRIO SETTE

HERMES DE LIMA

Com a morte de Mário Sette, abre-se um grande vácuo no grupo já tão reduzido dos nossos escritores da província, onde há vinte ou trinta anos era ainda comum insular-se toda a vida de um romancista como Rodolfo Teófilo ou Xavier Marques ou um cronista como Simões Lopes Netto.

É que a tendência ao heletropismo, à fuga para a Corte, que é ainda hoje o Rio, par todos os que pensam em fazer um nome literário, em galgar os postos da política, do jornalismo ou das artes, constitui permanente "handicap" ao apêgo dos nossos homens de letras à própria terra, ao cantinho obscuro do seu rincão. O mal, entretanto, não é só nosso, é claro, e já há meio século Georges Rodenbach assinalava o mesmo fenômeno, de respeito à irresistível atração de Paris, não somente para os escritores em geral, como até mesmo para os romancistas "du clocher", aqueles cuja obra consiste em celebrar e exprimir sua "pátria pequena", e que, em vez de copiar, de pintar a do natural, vão para Paris. Mas é que "valeria a pena continuar o jogo de gritar numa gruta sem eco, enquanto todas as estalactites do silêncio já nos ameaçam com os seus punhais desembainhados?"

Dai o respeito que sempre me mereceram todos aqueles que sabem resistir aos cantos de sereia da grande cidade, aos seus êxitos fáceis, aos seus ouros, não há dúvida que tanta vez apenas de simples missanga vagabunda, preferindo os lares e o doce ramerrão da sua cidadezinha tão mais própria ao sonho e à lenta construção de uma obra literária cuja ressonância chegue afinal até a metrópole, numa definitiva consagração, como foi o caso em especial de Mário Sette.

De fato, metido, teimosamente, a existência inteira, no seu Recife, a que ele amava com um amor quase físico, de tão intenso e inalterável, em vão lhe acenaram com a possibilidade de uma transferência para o Rio, desde que, funcionário dos Correios, como foi por 30 anos, estava a seu alcance a remoção, porém ele sempre a temeu como um desastre, apesar de lhe parecer aqui um céu de líricos deslumbramentos, nas suas paradas à ex-Cidade Maravilhosa.

Pôde assim dedicar-se de corpo e alma a uma obra de expressão regional que não tem paralelo em nossa literatura, por isso que, exclusivamente, integralmente, da terra pernambucana, quando não, em especial, do Recife, acrescentando-se-lhe o mérito por não lhe faltar nunca o sentido universal de que soube revesti-la, num conjunto de elementos estéticos e sentimentais dum equilíbrio difícil de encontrar num homem que, pode-se dizer, não teve outro horizonte além do que lhe abria a sua janela sobre o seu burgo.

"Não será exagerado dizer-se que Mário Sette amou sua terra como nenhum outro pernambucano a amara até então — disse recentemente Lucilo Varejão, num jornal do Recife. — Nenhum outro a louvou tão alto, nas suas graças menos visíveis e que estariam destinadas ao esquecimento se ele não fosse rebuscá-las nas velhas coleções de jornais e revistas que dormem nos nossos arquivos e só as traças frequentam. Nas festas populares, nossa vida social, hábitos singulares dos nossos avós, quase tudo Mário Sette pacientemente reuniu, dispôs e apresentou com a sua empreiteira pessoal de escritor".

Essa fidelidade ao tema do recanto natal se traduziria em perto de quarenta anos de atividade intelectual que ia do simples comentário a um episódio perdido nos alfarrábios ou a certa construção do passado, ameaçada de ruína ou demolição, ao livro de crônicas, ao conto, ao romance e até mesmo ao rádio, de que se vinha servindo nos últimos tempos, com um êxito surpreendente, para a impressiva reconstituição de cenas da vida social de Pernambuco do começo do século — que foi o período infeliz para a sua aguda sensibilidade de puro homem de letras.

Tudo o que produzia no particular era animado daquele cunho absolutamente original, de que são impregnadas todas essas páginas dos tempos idos, a ponto de se poder dizer que, na ver-

dade, criou um gênero literário, pela plasticidade dessas evocações de tão alto poder sugestivo, tão cheias de graça, de vida e de emoção. Nem lhe era alheia também uma certa malícia, um tanto ou quanto feminina, desde que em jogo quase sempre personagens do náipe de Eva, cuja linguagem, modos e modas, Mário Sette punha de novo inteiramente "à la page", ao sabor dum léxico e sutil doçumário, de contagiante encantamento.

Dum estilo ao mesmo tempo simples e colorido, numa frase breve e enxuta, com certos modismos de ritmo e de elocução de que não seria ausente, quem sabe, alguma coisa do tipismo melódico de tantas composições musicais da sua cidade, ao jeito dos reisados e pastoris, do frevo e do maracatú, era indisputável o agrado com que o leitor brasileiro e português — sabido que vários de seus livros foram editados consagradoamente pela grande livraria Chardron, do Porto — se afeiçoava permanentemente às suas letras. Isso lhe permitia desfrutar dum invejável prestígio literário que ia desde a reedição dos seus romances e novelas, como aconteceu com *Senhora de Enrenho*, atualmente em sexta edição, ao inalterável interesse pela sua larga colaboração nas revistas e jornais do Rio.

Vem daí que, sem ter saído nunca de sua província, Mário Sette era dos poucos escritores que a ausência das rodas e igrejinhas cariocas não conseguia prejudicar, haja vista ainda agora o grande êxito de crítica e de livraria, que lhe consagrou esse admirável *Arruar*, que haveria de ficar mesmo como coramento memorável de sua longa e honesta trajetória literária.

Com esse livro, de fato, o comovido criador de *Clarinha das rendas*, o excelente romancista de *Sen Cadinho da Farmácia* e *d'Os Azevedos do Póço*, o mestre de patriotismo de *Terra Pernambucana*, ao contrário do que geralmente ocorre entre nós conseguiu mesmo supe-

rar-se em tudo o que ficara para trás, dando-nos assim uma obra realmente imperecível, com características de autoridade de historiador e de sociólogo, pela riqueza do material etnográfico acumulado nas suas quatrocentas páginas, de par com a vivacidade de recomposição dum passado de quatro séculos, em prosa límpida e ágil, de fascinante encantamento, isto tudo que faz dessa *História pitoresca do Recife* um modelo no gênero.

À sinceridade da sua arte, tocada de profundo amor ao passado heróico e sentimental do seu torrão, como à utilidade da sua emoção, de tanta força evocadora de figuras e coisas pretéritas, ânsias e paixões dum era que se foi para sempre, deve sem dúvida o escritor pernambucano, que acaba de desaparecer, o alto e limido conceito que lhe envolvia o nome dum relevo nacional.

Para tanto, é ainda oportuno frisar que Mário Sette não recorreu jamais a qualquer expediente favorável a um sucesso fácil, não desceu nunca a nenhuma concessão subalterna, alheia a qualquer cabotismo e cortezania à popularidade e ao beneplácito de suspeição, mantendo sempre uma inalterável linha de discrição e dignidade que era também um dos seus traços mais característicos.

Nesse ponto, foi mesmo um desmentido formal aquele famoso aforisma de Somerset Maugham, quando pretende numa ter visto uma criatura humana "all of a piece".

Há trinta anos, desde que o encontrei pela primeira vez, à minha primeira passagem pelo porto do Recife, em 1922, até os últimos tempos, quando com tanta frequência nos correspondíamos, até o nosso último encontro, digo melhor — quando o deixei, à véspera de voltar para casa, a pobre cabeça mutilada pelo bisturi elétrico que lhe devassara o território nobre do cérebro, numa dolorosa intervenção, — foi sempre, sem a mais leve modificação, o mesmo homem bom e puro, o mesmo artista da

palavra simples e cabal, encantado e agridoado a Deus pelo dom maravilhoso que lhe fizera de transformar as emoções próprias em emoções alheias. Naquele eterno alvorço virginal do literato principiante, que nos tomava a todos, aí por volta de 1920, nos bons tempos dos bons sonhos literários a tróico dum puro sonho de glória, ao cabo de vinte livros, comprazia-se ainda, comovidamente, em registrar qualquer referência a seu nome e à sua obra, não escondendo a íntima alegria que lhe dava o justo reconhecimento da sua atividade literária.

É verdade que o alheamento à utilização de tantos dos compromissos de que é feita muita notoriedade de hoje em dia, não lhe poupava certas injustiças que ele, entretanto, não se feitor traído e profundamente sensível, não rebatia, por mais que lhe ferissem a consciência da própria valia.

Uma das mais persistentes, foi, sem dúvida, a exclusão do seu nome no estudo do romance nordestino, pecado de que não escaparia sequer um seu conterrâneo, de tão seguro conceito, como é o ilustre crítico Olívio Montenegro. Ainda há pouco, em longo e criterioso ensaio publicado na *"Folha de Minas"*, sob o título *Um precursor*, Oscar Mendes reivindicava para a obra de Mário Sette, "no que diz respeito à fixação de nossos costumes regionais, um lugar de mais destaque do que o que tem tido, uma vez que, como precursor da literatura regional nordestina que enriqueceu nossa literatura de tantos livros ricos de substância humana e ecoantes de grandes problemas humanos, merece não ser relegada ao olvido em que se sepultam as obras incanônicas e infúteis".

Efetivamente, é preciso não esquecer, como observava ainda Oscar Mendes, que, seis ou sete anos antes do aparecimento de *A Bagaceira*, já o escritor pernambucano fixava em seus livros "a vida rural nordestina, a vida nos engenhos, a linguagem pitoresca do nos-

so matuto, com seus modismos regionais e sua sintaxe sugestiva, traçando quadros de real utilidade para os estudiosos de nossos fenômenos sociais, desejosos de conhecer muito daquela vida ainda patriarcal que o sr. Gilberto Freyre estudaria à luz de modernas idéias e novos processos e métodos sociológicos".

Sei do grande bem que estas palavras de tardio reconhecimento do seu papel de pioneiro no campo da literatura nordestina fizeram ao coração de Mário Sette, já às vésperas do grande golpe que o atingiria mortalmente, amenizando-lhe muito daquela melancolia pressagada que extravassava nas suas últimas cartas. São de um ano antes, justamente, estas linhas, com que me anunciava a elaboração de um novo livro: "Comecei, afinal, a rabiscar, em primeiro jato o romance que há tempos me anda pela mente em pedaços, sem uma conexão precisa que, agora, procuro estabelecer. Será um livro em que haverá muito de um "sentido" da velhice por onde vou penetrando, às portas dos 63... Terá exteriorizações dos sentimentos da idade, talvez alguns desabaços, um tanto de "ironias" mal perceptíveis, enfim, uma obra do caso... E, dentro dessa moldura psicológica, uma paisagem de dantes, em simultaneidade com a de hoje. Um romance sem nenhuma pretensões a êxito nem a uma simples atenção pública: mas, meu caro, "um romance meu", um romance que sinto necessidade de escrever, se Deus o permitir".

Esse livro, que não teria tempo de terminar, infelizmente, chamar-se-ia *Toque de recolher*, título que, noutra carta, ele próprio achava um tanto ou quanto augural, naquela vaga e misteriosa pungência com que entreveria talvez o fim próximo. Seria, sim, decerto, outro livro bem dele, integrado naquele austero sentido de inteireza intelectual e de sentimento, que lhe confere à obra um sinete de perene emoção e de imanente beleza, porque de boa cepa literária e da mesma substância imortal dum espírito de eleição.

de ser conhecido na França. Encontramos uma coleção completa do n. 1 a 50 onde assinaladas estão as obras que Tobias pretendia mandar buscar. A "Philosophie des Unbewussten" — Sechste Auflage — Berlin — 1874 — Carl Dunckers Verlag — mal lhe caiu nas mãos foi faticamente trituração e devorada. Suas marcas e riscos nos dão uma idéia dessa leitura. Todavia não ficou adstrito à "Filosofia do Inconsciente". Fomos achar, ainda entre os seus livros, "Moderne Probleme" — série de ensaios e "Philosophie Fragen der Gegenwart". Neste último livro, ao que parece, Tobias orientou-se para sua crítica a Hartmann pois ali o filósofo tedesco situa o seu sistema ao escrever no cap. I: "Zwischen der Naturwissenschaft und der Theologie, zwischen der mechanischen und der theistischen Weltanschauung, besteht meine Philosophie wie eine Fes-

lung, die von zwei ihr gleich feindlichen Heeren herant wird" (p. 19). A página 25 Hartmann fixa sua posição frente a Schopenhauer no capítulo "Mein Verhältnisse zu Schopenhauer". Depois, quando publicasse os "Estudos Alemães" reapareceria a crítica a Hartmann, bem como uma citação do livro de Vera sobre Hegel, (Cap. XVI "Estu- Siergipe").

Ans após, no começo deste século, Pareto se encarniciaria, no seu Tratado de Sociologia. Geral contra o hegelianista Vedos Alemães — ed. Governo de ra, quando muito antes o modesto professor da Faculdade de Direito do Recife já havia colocado Vera no devido lugar.

Para fazermos uma idéia da atualidade de Tobias basta assinalar que considerava Feuerbach superado, quando escrevia nos "Estudos Alemães" ao criticar a "Vida de Jesus" de Renan.

A BIBLIOGRAFIA DE TOBIAS BARRETO

(Continuação da pag. 8)

registrava as mais recentes publicações literárias e científicas, acompanhadas cronometricamente a agitação filosófica alemã. O "Das Kapital" na sua primeira edição (o volume) e os tomos seguintes organizados por Engels. Nas "Questões Vigentes", edição de 1888 da "Livraria Econômica" citava à pg. 222 aquele Marx, então ilustre desconhecido, quando criticou os livros de Braz Florentino e Zacarias sobre o Poder Moderador. Haecel, o seu querido Haecel não escrevia uma linha que não fosse lida. Alguns não conheciam Tobias não tomavam imediatamente a descoberta. Mas achamos a "Naturliche Schöpfungsgeschichte", edição de 1874, série de conferências sobre Darwin, Goethe e Lamarck.

O obscuro e insignificante Noire — como disse Tristão de Atal — em *Welt als Entwicklung des Geistes* — Bausteine zu einer neuen Weltanschauung — Leipzig — 1874.

Em vão o nosso esforço para conseguirmos encontrar a "Crítica da Razão Pura", Tobias não entendeu Kant. Lançou-o no Brasil como monista. Erro grosseiro que o prof. Miguel Real em livro recente "A Doutrina de Kant no Brasil" assinalou com agudeza. Esse Kant monista foi aceito, sem protestos, pelos discípulos de Tobias, inclusive Silvio Romero. E outros de secundária importância como o sr. Prado Sampayo nos seus "Ensaio de Lógica, Aracajú 1907 escreve: "Foi

graças ao influxo despertado pelo criticismo filosófico de Tobias Barreto que Silvio Romero assinala como fase de reação pelo agnosticismismo evolucionista, que surgiram, no desenvolvimento espiritual brasileiro, as duas grandes correntes atuais do pensamento: o agnosticismismo monista, que vem de Kant, e o evolucionismo integral de Spencer" (p. 75).

Em próximo trabalho voltaremos ao assunto.

(1) — A edição que Tobias adquiriu foi a terceira, de 1864. de — está agora sob os nossos olhos, materializado no "Die Na folha de rosto tem o autógrafo de Tobias.

Hartmann foi divulgado por Tobias, entre nós, antes mesmo

de ser conhecido na França. Encontramos uma coleção completa do n. 1 a 50 onde assinaladas estão as obras que Tobias pretendia mandar buscar. A "Philosophie des Unbewussten" — Sechste Auflage — Berlin — 1874 — Carl Dunckers Verlag — mal lhe caiu nas mãos foi faticamente trituração e devorada. Suas marcas e riscos nos dão uma idéia dessa leitura. Todavia não ficou adstrito à "Filosofia do Inconsciente". Fomos achar, ainda entre os seus livros, "Moderne Probleme" — série de ensaios e "Philosophie Fragen der Gegenwart". Neste último livro, ao que parece, Tobias orientou-se para sua crítica a Hartmann pois ali o filósofo tedesco situa o seu sistema ao escrever no cap. I: "Zwischen der Naturwissenschaft und der Theologie, zwischen der mechanischen und der theistischen Weltanschauung, besteht meine Philosophie wie eine Fes-

lung, die von zwei ihr gleich feindlichen Heeren herant wird" (p. 19). A página 25 Hartmann fixa sua posição frente a Schopenhauer no capítulo "Mein Verhältnisse zu Schopenhauer". Depois, quando publicasse os "Estudos Alemães" reapareceria a crítica a Hartmann, bem como uma citação do livro de Vera sobre Hegel, (Cap. XVI "Estu- Siergipe").

Ans após, no começo deste século, Pareto se encarniciaria, no seu Tratado de Sociologia. Geral contra o hegelianista Vedos Alemães — ed. Governo de ra, quando muito antes o modesto professor da Faculdade de Direito do Recife já havia colocado Vera no devido lugar.

Para fazermos uma idéia da atualidade de Tobias basta assinalar que considerava Feuerbach superado, quando escrevia nos "Estudos Alemães" ao criticar a "Vida de Jesus" de Renan.

Em 1871, — Gneist publicava o seu tratado "Selbstgovernment. Kommunalverfassung und Verwaltungsgesetze in England". Neste mesmo 1871 Tobias havia recebido e lido Gneist. Dezesseis anos depois, arrazaria Gneist numa polémica; o último, "pega" do fundador da Escola do Recife.

João Higino não lera Gneist e citara através do livro de Oscar Gluth, "Die Lehre von der Selbstverwaltung im Lichte formaler Begriffsbestimmung". Mas fez com tanta infelicidade, procurando em Tobias a desconhecida de que João Higino não possuía nem o livro de Gneist, nem o de Gluth. E intimou o seu adversário, a bem da verdade, a depositar os livros no escritório do dr. Altino Araújo, rua Duque de Caxias, 50. Clapetito.

O "Selbstgovernment" custou a extrair para Deutschland. O endereço bibliográfico onde se



Frei José Mojica em palestra com o industrial Manuel de Brito, quando da sua recente visita a Pernambuco. O famoso frade cantor, ex-astro do cinema americano, realizou uma temporada artística no Recife com absoluto sucesso. As suas audições foram patrocinadas pelas Indústrias Alimentícias Carlos de Brito S. A. — Fábricas Peixe e irradiadas pelas emissoras locais. O ponto mais alto de sua temporada foi o espetáculo do estádio da Ilha do Retiro, com a presença de mais de quarenta mil pessoas, onde o Frei José Mojica pronunciou a oração da Paz entre os Homens.

Durante a sua permanência no Estado, Frei Mojica teve ocasião de visitar todas as fábricas das Indústrias Alimentícias Carlos de Brito S. A., em companhia do industrial Manuel de Brito, superintendente geral das Fábricas PEIXE.

A impressão do notável artista-sacro foi a melhor possível diante da organização e da seleção dos produtos Peixe que já são famosos no mundo inteiro.

INAUGURADAS NOVAS INSTALAÇÕES DO MOINHO RECIFE

Presentes o Governador do Estado e altas autoridades Federais e Estaduais

No dia 11 de abril o Moinho Recife, dos Grandes Moinhos do Brasil S.A., promoveu, solenemente, a inauguração de novas e moderníssimas instalações com que vem de ser equipado, e que o tornam um dos mais bem montados não somente do país como do mundo inteiro.

Foram inaugurados, novo e importante edifício, e além de várias seções para numerosos serviços internos, inclusive no terreno da assistência social aos operários, um importante e moderníssimo moinho, com o qual o Moinho Recife aumenta consideravelmente a sua produção, podendo, destarte, abastecer todo o nordeste e norte do país.

Esse moinho, construído dentro dos rigores da mais moderna técnica no assunto, apresenta-se dos maiores e mais modernos do país, apresentando várias máquinas agora introduzidas no

INICIO DAS FESTIVIDADES

As 10,30, quando foi dado início à cerimônia inaugural das novas e moderníssimas instalações do Moinho Recife, já era bastante grande o número de pessoas presentes, previamente convidadas pela diretoria daquele núcleo industrial.

Viam-se presentes, além do sr. Governador Barbosa Lima Sobrinho, que se fazia acompanhar de senhora e de vários dos principais auxiliares de sua administração, o prefeito Moraes Rêgo, brigadeiro Álvaro Hecksher, comandante da Base Aérea, dr. Higinio Barbosa Lima, oficial de g. F. nete, deputado Otávio Correia, presidente da Assembleia Legislativa do Estado, dr. Hélio Coutinho, diretor comercial das Docas dr. Humberto Gondim e grande número de industriais, comerciantes, jornalistas, famílias e outras pessoas gra-



O governador Barbosa Lima inaugurando os melhoramentos sociais do Moinho

cio, onde se procederia o ato oficial da inauguração.

O Cônego Airton Guedes, representante do Arcebispo Metropolitano, passou a realizar, então, a bênção solene de todas as novas instalações do Moinho pronunciando algumas palavras sobre a cerimônia.

Em seguida usa da palavra o Sr. Scheidegger, gerente geral do Moinho Recife, que pronunciou um discurso e solicitou ao governador do Estado dar como inauguradas as instalações.

O sr. Governador Barbosa Lima Sobrinho, então, acionou os vários botões de controle elétrico e automático das várias seções do novo moinho, sob prolongados aplausos dos presentes.

VISITA AS INSTALAÇÕES

Em seguida, o governador Barbosa Lima Sobrinho, o prefeito da capital, as demais autoridades da Nação, do Estado e do Município, e os outros ilustres convidados passaram a percorrer todas as instalações do Moinho Recife, nas novas instalações inauguradas.

BRINDES TROCADOS

Após a visita às várias

co Veras, representante da Federação das Indústrias de Pernambuco.

Em seguida usou da palavra o operário Severino de Carvalho Gusmão.

O novo orador é o sr. Carlos Pery Lemos, diretor-presidente do Moinho Recife.

Falou também o sr. José Aymar y Ruiz, da Indústria de Panificação.

FALA O GOVERNADOR BARBOSA LIMA SOBRINHO

Tem a palavra, então, sob demorados aplausos, o governador Barbosa Lima Sobrinho.

No seu discurso, o governador Barbosa Lima Sobrinho alude à simpatia com que recebera a incumbência de inaugurar oficialmente as novas instalações do Moinho Recife. Ressalta a importância e a repercussão de tão gigantesco empreendimento na vida industrial e econômica de Pernambuco, sabido que ali se achava aparelhagem que nos assegurava uma posição líder no mundo inteiro na atividade moageira. Enalteceu os esforços dos diretores e fundadores do Moinho Recife. Terminou congratulando-se com a obra realizada pelos Grandes Moinhos do Brasil S.A. e levando aos seus diretores as saudações do Governo do Estado de Pernambuco.

VISITA À PADARIA DO MOINHO

Ao se despedir, o governador Barbosa Lima Sobrinho, prefeito Moraes Rêgo, outras autoridades e todos os presentes são levados até à porta de saída, pela diretoria do Moinho Recife.

De passagem, fazem as presentes uma rápida visita a outras dependências do moinho, inclusive as destinadas à assistência social.



Outro aspecto da solenidade

Brasil pela primeira vez, como recente conquista da indústria inglesa do após guerra.

As solenidades do dia 11, no Moinho Recife, tiveram, assim, o maior brilho, atraindo a prestígio-las, com a sua presença altas autoridades da Nação, do Estado e do Município, industriais, comerciantes, jornalistas e famílias pernambucanas, que colheram a melhor impressão de tudo o que lhes foi dado a ver.

Também se achava presente o sr. William C. Tudor, gerente da firma Henry Sinion, Ltda. para a América do Sul.

Todos haviam sido recebidos no pátio de entrada do Moinho, pelos seus diretores, à frente o sr. Carlos Pery Lemos, diretor-presidente, Divico Scheidegger, gerente geral, Francisco Berlowitz, gerente, e Roberto Grossman, sub-gerente, logo encaminhando-se ao segundo andar do novo edifício.

No discurso do sr. Divico Scheidegger há em certo ponto, os seguintes trechos:

Além de uma 200.000.000 de cruzeiros de mão de obra que aqui ficam, o beneficiamento do trigo no país permite fornecer aos pecuaristas, avicultores, granjeiros e demais criadores perto de 1.000.000 de sacos de farelo anual, e torna-se oportuno diz-lo, a preços de 30 até 50% inferiores aos das regiões exportadoras de trigo, e ainda utilizar mais de 30.000.000 de sacos de algodão, tecido, pela indústria nacional.

A participação do Moinho Recife nas cifras que acabamos de citar, com uma capacidade de mais de 2.000.000 de sacos de farinha e 1.000.000 de sacos de farelo, irá trazer para o nosso Estado sensível aumento de atividades, dando trabalho a maior número de operários, contribuindo com maior tonelagem de cargas para o nosso porto e os nossos sistemas rod e ferroviários, e finalmente, com maiores impostos em proveito da economia estadual e municipal.

Ainda assim pouco teríamos feito se concomitantemente tivéssemos esquecido os nossos auxiliares, funcionários e operários que trabalham anos a fio e às vezes como, na época da última guerra, meses e meses sem descanso para manter abastecidas as nossas populações dum dos poucos alimentos ou talvez o único que pode considerar-se quase completo.

Felizmente, porém, o progresso dos Grandes Moinhos do Brasil foi sempre acompanhado de obras destinadas a melhorar as condições dos seus trabalhadores.

A confortável vila de 68 casas no coração do bairro da Encruzilhada, os serviços médicos e farmacêuticos gratuitos para funcionários, operários e respectivas famílias, a beneficência concedida aos aposentados e doentes até completar 80% dos ordenados; moderno refeitório entregue a orientação do SAPS e no qual são servidos almoços a menos da metade do seu custo, e mais a assistência odontológica a ser estabelecida em breve, são os testemunhos de que nesse sentido foi feito.

Um parecer de Silvio Romero

(Continuação da pag. 4)

tairealismo, muito mais irreverente do que o do famoso ironista francês, as «Memórias de Judas», de Petrocelli de la Gatin, um dos livros mais conscientemente canibais que já saíram de mãos de homem. O sr. Miguel Melo poderia ter dito alguma coisa, por este lado, o desenlace dos «Malas».

«Aquele irmão», escreve, que depois de descomparando os dois livros.

Outro ponto censurado pelo nosso autor é cobrir claramente o seu inêxito, continua a procurar conscientemente a irmã, arrastado pelo egoísmo dos sentidos que nele se revelam mais imperativos que qualquer considerações de dever e de dignidade, aquele homem que coincide momentaneamente com o que se devia ter tornado para ele um crime hediondo, e não tem naquelas circunstâncias um grito de horror, um abalo trágico, um desespero que o redima; aquele homem que se mostra sem alma, sem coração, sem entranhas, reduzido a uma besta entorpecida pelo vício, e que só acordará da infância, quando a seu lado o avô morre, estarecido pela indignidade, a cuja comoção terrível não pode resistir — e morre, levando na brancura de suas cans a última consciência pura de família: aquele homem não era digno da idealização que o torna, desde o começo do romance até o dia do crime, uma personagem extremamente simpática. Fatos desta ordem repetem-se continuamente. Exploram-nos os jornais, quando esses escândalos rebentam. Mas fora digno de idealização artística aquele tipo incongruente de centauro, homem de tanto espírito e corpo de tão baixa luxúria? Se depois de descoberto o caso estranho, em Carlos de Maia, que não era um guri, irrompesse uma parcela da dignidade que tão energeticamente desmentiu no avô, teria a personagem ficado mais coerente? Não teria o livro ganho na dramatização final? Inmensamente teria a luctura com outra fabulação, de modo que evitasse aquele romance onde ficam tão rebatementes calmos os dois amantes, que a fatalidade de súbito coloca nos papéis de irmãos incestuosos. Tenu-se uma decepção ao voltar a última página do romance. (Pag. 46).

Parecem-me mui de prezar as observações do sr. Miguel Melo, observações que altamente depõem a favor de seu critério e de seu catar.

Nesta parte de seu estudo chega a esta conclusão, que consegue definir todo o valor de Eça de Queiroz: «Não era um pensador e muito menos um filósofo. Nada mais ridículo que querer emprestar-lhe as ares de sábio. Não produziu idéias, assimilou-as e viu o mundo como artista... Operaram seus livros uma revolução, é esta, a verdade, como nenhum político fez em seu país. Espalhou idéias novas sobre os costumes, as doutrinas, as artes, o bom gosto, a etiqueta, a filosofia, a higiene, tudo... No seu período de lutas — de uma lição de ironia, revelando a nós a finura francesa a que não estamos acostumados, mas que lhe achareis nos ditos chistosos o caráter pesado dos labregos. A sua obra foi um sópro parisiense que passou por sobre a raça portuguesa, ventilando-a, oxigenando-a, despertando-a».

Esta quadra de vivo combate fecha-se com a publicação de «Os Malas» a que se segue um decanato de anos. Veremos surgir depois um novo Eça, no qual uma grande mutação se produziu... Não tinha razão de se arrepender do bom combate que dera na quadra mais interessante de sua vida. Eram justos os seus ataques. O tempo, porém, lhe veio mostrar, com a sua longa ausência ao estrangeiro, que das mesmas males se ressentiam outros países, como todo o mundo. A chatices que ele pensava ser só portuguesa, era universal. Então, como o filho pródigo, voltou à casa paterna e entou, na «Cidade e as Serras», um cântico de amor a Portugal, que não tem rival entre os hinos dos poetas do seu tempo.

Reconheceu que o mal não era nacional, era humano. O mal é da nossa própria natureza. E, em vez de ódio, teve piedade... Não ha contradição na sua vida; o que ele atacou a princípio, merecia ataque; o que ele idealizou depois, merecia idealização. Sua mudança veio apenas mostrar que tinha a princípio esquecido de pôr ao lado da crítica a justiça as coisas que mereciam amor... Comparando as duas fases da obra do escritor, de mim só sei dizer que, a despeito da inferioridade da forma, prefiro a primeira, onde brilha um maior fulgor de pejeira, uma emoção mais poderosa, um brio mais vivos».

Também eu a prefiro. E acrescento: não venhamos, sob o banal e futilismo pretexto de que vícios por toda a parte, como ouço ai a cada passo, desconhecendo a pior qualidade e maior quantidade dos que atualmente nos afetam, desarmar a crítica diante das torpíssimas infâmias, por exemplo, da nossa política, da nossa administração, de todos os graus das nossas injustiças, das nossas assembléias, do nosso oficialismo, etc., etc., muito mais acentuados do que na maior parte dos povos polidos do mundo na hora de hoje — e que, só noutros tempos, tiveram assemelhanças na Turquia, na Rússia, na Espanha, em Portugal e em algumas repúblicas da América. Não venhamos a desarmar a crítica, despojando-a de seus direitos e eximindo-a de seus deveres, sob enganadoras ilusões de semelhanças e analogias por aí além.

Por todas as citações, propositalmente feitas, vê a Academia o tacto, a finura da crítica do sr. Miguel Melo e a forte tempera de seu talento.

Dois capítulos finais da primeira parte — «As criações de Eça de Queiroz. A Questão do estilo» — dispõem-me de falar, por não tornar demasiado longo este despretencioso parecer.

Direi apenas do primeiro que faz ali o autor um curioso exame dos romances de Eça, apreciando-o principalmente como criador de tipos. Desfilam diante de nós, o Conselheiro Acácio, o genial Pacheco, a criada Juliana, a Tia Patrocínio, o Primo Basílio, o Cônego Dias, o João da Eça, o José Matias, o Sebastião, o Ernesto Ledesma, a São Joaneira, o Julião Zuzarte, o Libaninho, o tio Cegonha, o Carlos da Botica, o... o...
É uma multidão; seria um não acabar, se

fosse a nomeá-los todos. Alguns são dignos do pincel dos mestres.

Não exageremos, porém, e confessemos que, adotados, recolhidos na memória de toda a gente, estão só o «Conselheiro Acácio» e o «Genial Pacheco», os outros perderam-se na turba multa, com todo o seu garbo.

Quanto à questão do estilo, o sr. Miguel Melo só tem elogios para Eça de Queiroz. Reconhece-lhe descuidos nos primeiros anos de sua carreira. Mas acha admirável, mesmo naquele tempo, a vibração intensa do jovem romancista, e considera justíssima, no que estou de pleníssima acórdio, sua insubordinação contra «os riosismos e feiosos amaneirados das impertinências dos clássicos, que poderiam ter sido muito bons gramáticos, mas, no geral, eram desgraçados e simos escritores».

Nota-lhe, desde então, predicados que o colocam acima de todos os prosadores da língua.

Quanto à última fase, não lhe descobre também superiores, nem iguais.

Acho que vai nisso alguma dose de exagero. Ao Eça do primeiro período não se poderia o por, um Lopes de Mendonça, um Ramalho Ortigão, que já escrevia com brio bem antes dele, para não falar num Almeida Garrett, que sempre foi muito francês no estilo? E, no Brasil, um José de Alencar, tão cheio de poesia, de brio, de colorido, de tão encantadoras paizagens, para não lembrar os velhos jornalistas, um Justiniano da Rocha, um Otaviano Rosa, um Quintino Bocaiuva?

E, quanto ao Eça, mais ou menos reconciliado com os rigores da vernaculidade, não se poderia pôr-lhe ao lado, em Portugal, um Herculano, um Camilo, um Ramalho Ortigão, o dos últimos tempos, um Antero, um Oliveira Martins? E no Brasil, um Machado de Assis, um Rui Barbosa, um vivo que peço venha para citar?

Uma derradeira observação para concluir, observação que, ainda uma vez o digo, não afeta o alto mérito do livro.

O jovem e talentoso crítico afirma desasombrado que — «a mais funda influência de Eça se fez justamente sentir no Brasil, donde se tornou o mais querido de todos os artistas». Peço perdão; não é de todo exato: no Brasil, não falando já em nossos poetas maiores, queridos de toda a gente, e em alguns de nossos romancistas, amados de todos, um Alencar, um Machado, um Aluísio, um Neto, dois vivos que peço licença também para nomear, para não me referir a Macedo e Bernardo Guimarães, a despeito de muito estimados, por demasiado incorretos, no Brasil os artistas mais queridos, no gênero a que se dedicou Eça, foram sempre e sempre os próprios mestres do escritor português.

Para conhecer e prezar Victor Hugo, um Flaubert, um Zola, um Maupassant, um Goncourt, um Thackeray, um Dickens, um Tolstói... não precisamos nunca das boas lições do autor de «Prozas Bárbaras» e outro qualquer de seus compatriotas. Devemos todos reconhecer-lhe as al-

tas qualidades, sim; mas daí a receber dela lições, feitas lá para seu meio e sua gente, e a «prezar-lhe sobre todos os artistas», vai certa distância que todas as estatísticas possíveis não chegarão para encurtar.

E tempo de, no Brasil, termos um pouquinho mais de hombridade.

Quando foi das guerrilhas da «Escola Coimbra», sabem os senhores qual foi o maior desafório, atraiço pelos novos iconoclastas ao velho Castilho? — «Passar por gênio no Brasil...»

Foi a suprema afronta assacada ao bardo da «Noite do Castelo».

No panfleto — «O bom senso e o bom gosto» — declamava, trível, o Antero de Quental, dirigindo-se cruamente ao velho poeta, classificando-o entre os mediocres e os nulos: «Preferem (estes tais) imitar a inventar; e a imitar preferem ainda traduzir. Repetem o que está dito há mil anos e fazem-nos duvidar se o espírito humano será uma estéril e constante banalidade. São os enfeitadores das ninharias lúbricas. São os ídolos literários da multidão que mal a sabe ler. São os filósofos queridos da turba que nunca pensou. «São, enfim, gênios no Brasil, como V. Ex.ª...» Então? Querem mais claro?

Ora, e Deus me perdoe se digo alguma inconveniência: quem nos garante que, passados os anos, quando o «engoumento» tiver de todo passado, quando as falhas do estilo, das idéias, das criações, dos tipos, das predicas, dos enfiamentos do romancista português se tiverem revelado à plena luz; quando a forte dose de afetação e de «pose», que, ingegavelmente, macula e carcome a sua obra de alto a baixo, ressaltar a todas as vistas, quem nos garante que algum lusitano do futuro não venha a bradar: «Tive tais e tais defeitos, E ATE PASSOU por gênio no Brasil?!...»

Um pouco mais de amor próprio mesmo nas letras, não faz mal a ninguém.

Já não é pouco o propositual «qui-pro-quo» de chamarem lá «brasileiros» aos portugueses, boçais e apatacados, que, de torna viagem, dão na terra lugar a invejas e a troças.

Os romances e comédias andam cheios deles: e o próprio Eça, para faceter aquela «boa prenda», que é o seu safadíssimo «Primo Basílio», o faz ir do Brasil para Lisboa...

A esse ordinário «qui-pro-quo», parece ligar-se a tal historieta da «genialidade de Castilho no Brasil». Eram eles, eram os «colônias», que o incensavam, e nós levamos a culpa. E sempre assim.

Cuidado com os entusiasmos fáceis; cuida-do com as estatísticas e os livros endousores dos estranhos, quando não nos lembramos dos nossos que os merecem.

Cuidado com as apoteoses exageradas nos que não cessam, por fatuidade e ignorância, de nos deprimir.

No mesmo dia em que recebia a incumbência de dar parecer acerca do belo e generoso

estudo de nosso patricio, lia eu uma formidável decompostura, uma terrível «trépas», como lá dizem, em jornal português nesta mesma cidade, contra um dos mais ilustrados, dos mais prestimosos, dos mais justamente queridos membros desta Academia, por ter ousado preferir à reforma ortográfica formulada em Portugal a nossa própria, aliás anterior e mais simples, e ainda, por ter tido, a audácia de reclamar para alguns nomes brasileiros a prioridade em algumas questões do estudo da língua...

E de pasmar.

Na mesma ocasião visitava-me um ilustre médico brasileiro, formado e residente no Porto, que não perdeu, porém, o sentimento da pátria, e dizia-me, com visível mágoa, ser ainda hoje ali corrente, até nas Escolas Superiores, entre homens que deviam estar informados, a «crença» de ser o Brasil uma terra de edgus população, atrazada, sem homens de alto destaque, sem cultura, sem arte, sem ciência, sem literatura...

No livro deparou-se-me a apóstrofe de Antero contra Castilho, achincalhando-o com o Brasil...

Era muita coincidência junta, apta a prevenir o espírito mais descuidado e generoso.

Portugal, não sei porque estreiteza de ânimo, não chegou ainda, ao tratar o Brasil, ao ponto de imitar o modo justo, despreocupado e superior da Inglaterra, ao julgar os Estados Unidos: a inteira imparcialidade, filha da melhor vontade.

Ainda tem para conosco os olhares desdenhosos, suspicazes e cheios de ódio dos tempos do conde de Rezende, quando se processavam no Rio de Janeiro — os «Inconfidentes...» E demais.

E tempo de acabar com isto. Quem o diz não é suspeito, sendo autor de «O Elemento Português no Brasil», que teve alguma repercussão lá fora.

A Academia impõe-me também o dever de opinar sobre as «Janelas Abertas», livrinho de poesias do sr. Afonso Schmidt.

Muito belas cousas ha nesse exíguo volume de jovem paulista: boa métrica, felizes imagens, real inspiração.

Confesso que o li a correr, mas nada de inferior encontrei. O poeta, de pouco mais de vinte anos, sustenta-se perfeitamente bem entre os numerosos líricos que abrilhantam as letras pátrias. Pode contar com o futuro.

As peças — «Beijos», «Aquiário», «Coração Fadista», «No Campos», esta sobretudo, são lindíssimas. Ha muitas outras assim.

Se o livro do sr. Miguel Melo não o tivesse prejudicado, este livrinho das «Janelas Abertas», mereceria bem o prêmio da Academia.

Rio, 31 de agosto de 1912.

Bibliografia Teatral

(Continuação da pag. 9)

Lá estão, perfeitamente caracterizados, Stanislavski, Meyerhold, Coepau, Paul Fort, Gordon Craig, Antoine. Estes homens, realmente, criaram formas de encenação e é graças a eles que o teatro moderno pôde apresentar espetáculos de grande beleza poética. Não criaram somente novas formas de encenação, mas influenciaram dramaturgos, formaram atores, descobriram uma nova estética do drama.

Quanto à teoria e à filosofia do drama podemos selecionar alguns livros que dêem ao estudioso uma compreensão completa das raízes mais profundas desta arte. Pela sua genialidade, embora discordemos do seu utor pelo fato de haver pecado contra a possibilidade de realização, indicamos o livro de Gordon Craig *The art of the theatre*, onde é apresentada a teoria do autor futuro, desejado como uma *sur-marionette*. É uma utopia, porém genialmente exposta e o livro não se restringe a isto, outros fatos essenciais do teatro sendo apresentados com o mesmo vigor e a mesma audácia. *The anatomy of drama*, de Alan Reynolds Thompson, estuda com inteligência certos problemas como a unidade de herói, a proporção dramática e a ilusão, numa linguagem clara e com profundo conhecimento filosófico da questão. Outro livro que merece um registro especial é *Dyonisos*, de Pierre-Aimé Touchard, onde o ilustre homem de teatro tece comentários em torno de certos princípios teatrais, indo muito além, até, a ponto de se tornar em suas afirmações verdadeiras leis dramáticas. Jean-Richard Bloch, com *Destin tu théâtre*, deve ser citado como uma das mais sérias contribuições ao problema do futuro teatro, assunto também tratado, pelo mexicano Díez-Canedo, com *El teatro y sus enemigos*, embora de maneira

superficial. Pierre Sonrel não pode deixar de ser indicado, pela maneira como tratou de um assunto especializado no seu livro *Traité de scénographie*, realmente a melhor coisa que conhecemos no gênero, seguido de perto por Leon Moussinac, com *Traité de la mise-en-scène*. Outro livro que merece registro é o de Paul Arnold, *Frontières du théâtre*, principalmente pela inteligentíssima interpretação de Hamlet, o que lembra aconselharmos a leitura também de *El Hamlet de Shakespeare*, de Salvador de Madariaga, mais pertinente ao domínio da crítica, porém, do que ao da teoria. E para terminar a lista dos livros relacionados à teoria dramática, remetemos o estudioso ao ensaio de Henri Goumier, *L'essence du théâtre* e ao estudo de Jan Doat, *Entrée du public*, o primeiro referente às mais puras fontes da arte dramática, o segundo à psicologia coletiva no teatro.

Está claro que não vamos indicar, aqui, todas as peças de nossa preferência e mesmo aquelas que, não sendo de nossa preferência, significam alguma coisa para o teatro. Vamos nos limitar às mais características de cada país. Os poetas trágicos gregos são indispensáveis: Esquilo, Sófocles e Eurípides, além do poeta cômico

co Aristófanes, com Plautus e Terentius, além das tragédias de Sêneca e o drama hindu *Sakuntala*, de Calidasa; as tragédias de Racine e Corneille, as comédias de Molière e as de Beaumarchais; Shakespeare e John Ford para o período elisabetano; Goldoni, na Itália; Lope de Vega, Calderón de la Barca e Tirso de Molina, na Espanha, não devendo ser esquecido Gil Vicente. Da Alemanha podem ser escolhidos dois grandes dramaturgos: Schiller e Hebel. Da Rússia, Tolstói, Chekov e o moderno Evreinoff. Chegando já à idade moderna, aconselharmos as peças de Synge, Copek, Kaiser, Wedekind, Strindberg Ibsen, Bjornson, Bernard Shaw, John Galsworthy, Priestley, Lenormand, Obey, Claudel, Lorca, O'Neill, Rice, Pirandello, T. S. Eliot. São estes, em sua maioria, os dramaturgos que revolucionaram a literatura dramática em qualquer período da história do drama e devem ser conhecidos por todos aqueles que amam o teatro.

NOTA: O autor deste artigo está disposto a emprestar os livros acima mencionados a aquelas pessoas realmente interessadas na arte dramática e que saibam devolver, com brevidade, os livros alheios.

Edições «Nordeste»:

Aderbal Jurema — «Provincianas», 1ª série de crítica

Cezário de Mello — CANTO DA HORA UNDECIMA

Poemas ilustrados por Ladjane.

Movimento Teatral no Rio

(Continuação da página 9)

tação enfadonha repetição nas gravações, sketches arrastados, charges de propaganda pessoal substituindo a crítica política, pornografia sem disfarce.

Chegou-se à perfeição — perfeição no desdramatamento — da representação simultânea de um mesmo sketch (muito lento e tolo, aliás) em dois teatros, um com a autoria atribuída a Maria Daniel, no Teatrinho Folclórico, e outra a dupla J. Maia-Les, e outra a dupla J. Maia-Les, e outra a dupla J. Maia-Les. Como é lógico, o verdadeiro autor não é nenhum dos nomes mencionados e a SBAT não está cobrando os direitos que a ele pertencem.

AFINAL, A TEMPORADA E "DOROTÉIA"

Após ter de iniciar-se a temporada, surgiu o aspecto penoso de sempre — a fila. Não a fila de espectadores, mas de companhias em busca de palco onde se exibirem. O pior é que mais demoram na fila justamente os melhores elencos, os mais novos e caprichosos, alguns mesmo se tendo dissipado à falta de casa e à falta do prometido apoio do Serviço Nacional do Teatro, enquanto já engrenadas com os locutores, e favorecidos pelo erário para as suas excursões, outros sempre voltam para os palcos e os períodos certos, repetindo-se numa inabalável e tranqüila mediocridade.

Final, abriu-se o velho Fenix, com um nódo no olho do espectador: "Dorotéia", do mais discutido autor brasileiro, Nelson Rodrigues. A crítica foi quase unanimemente reprobatória, algumas vezes com uma veemência que se traduzia em injustiça.

O público tão pouco aplaudiu, nem mesmo na noite de estreia. A peça como que necessitava de uma explicação, uma exegese, pois é cheia de mistérios sem poesia, mistérios moribundos, e o próprio autor não é classificado firme e corretamente, ora chamando-a de farsa, ora acrescentando à farsa o adjetivo "trágica". A marcação de Ziembinski, um jarro e um par de botinas que andam pra lá e

pra cá, em certas cenas, correm para aumentar a perplexidade e o desagrado do público que perde a liberdade — e, também, naquele ambiente de insanidade — o gosto de rir do que é cômico e não se conhece ante o que é dramático. No entanto, há uns laivos de grandeza poética, há lampejos de beleza e originalidade em "Dorotéia", o amor da pecadora ao filho cujo cadáver ela vê até apodrecer, a pertinaz tenacidade para o amor no feio ou natimorto de cinco meses que revolvida e vencida retorna ao rio materno para completar-se. E havia (pois já saiu do cartaz) a admirar-se, sobretudo, a interpretação magistral de Luísa Barreto Leite, um trabalho vigoroso, fidelíssimo à marca do diretor, exaustivo pela permanência avante no palco durante todo o espetáculo: a revelação dos encantos pessoais e arte dramática de Eleonora Bruno; ótimos traços caricatos obtidos por Maria Fernanda na acentuação D. Assunta d'Abadia; a doçura de interpretação do Duque Falcão na personagem real, a natimorta.

OUTRAS ESTREIAS E O SUCESSO DE CASANOVA

Também reabriram o Serrador, com a costureira ingulima — Eva —, levando uma velha comédia italiana recauchutada, (La Maestrina, com o título de A felicidade vem depois, substituto de "A moral vem depois"); o Glória, com Jaime Costa numa nova peça de Oduvaldo Vianna, "Alegria", triste aproveitamento de novela radiofônica; e o Rival com Alda Garido dando "Se Guilherme fosse vivo", cuja autoria é excusado declinar pois a exuberantíssima atriz substitui quase o texto pelos cacós.

Belo acontecimento foi a estreia, no Regina, de "As árvores morrem de pé", na tradução de Waldemar de Oliveira, o grande animador do teatro em Pernambuco. O próprio autor, o espanhol Alejandro Casona, esteve presente e pôde ver uma plateia atenta, arrebatada, interessada em cada palavra e



atingirmos o limiar de 1951, jogamos um voto para que a alegria do Natal e as risos esperanças de um Novo Ano se cristalizem no coração dos homens, num duradouro sentimento de paz e fraternidade.

PERNAMBUCO TRAMWAYS -- Tel. 2141 - Recife

cada passo dos intérpretes, tal é a qualidade da peça. No seu gir, o que fez muito bem. Só "peech" de aparecimento, referiu-se ao tradutor com admiração. Dulcina limitou-se a dizer: não conseguiu eliminar os defeitos de Odilon — o exagero com

que torce a boca para exprimir atitude displicente ou aórdica, o exagero de velocidade em engolar até tornar inaudível uma resposta breve e natural, o exagero com que se prepara a dizer uma frase de espírito como se quisesse chamar a atenção especial do público. Mas apesar disso teve cenas boas. E, quanto ao mais a peça, que atesta o virtuosismo do teatrólogo na construção de situações e diálogos, teve uma defesa irrepreensível por parte de Conchita de Moraes, Susana Negri e Manuel Fera. Foi o espetáculo mais aplaudido deste ano.

"AMANHÃ, SE NÃO CHOVER"

Como era natural, a melhor expectativa reinava na estreia da peça de Henrique Pongetti, cronista de muita graça e brilho.

O produtor Fernando de Barros utilizou os mesmos quatro elementos que haviam defendido tão bem "Um deus dormiu lá em casa", porém agora dirigidos por Ziembinski. (Note-se o artista e diretor polonês simultaneamente aplaudido como intérprete no Teatro de Bolso, acusado por muitos de causador da rápida queda de "Dorotéia" no porão do Fenix, louvado pelo diretor do grupo de Copacabana, convidado por Odilon para dirigir próxima peça no Regina).

A comédia de Pongetti, tendo por motivo os preparativos de um regicídio que três anarquistas executarão "Amanhã, se não chover", é uma metralhadora de ironias contra os reformadores do mundo, a valorização do humano acima do fanatismo político. Grandes qualidades como teatro para divertir inteligentemente, com espírito e malícia, entremendo o brilho inegável com a fantasia inadmissível e recursos à comicidade dos anacronismos.

Paulo Autran deu um desempenho admirável ao brutal e ultra-grotesco Balabanoff, trabalho verdadeiramente exemplar como exatidão e unidade. Armando Couto também compôs com absoluta felicidade o original anarquista que fabrica perfumes, morre de amores pelo can-can, é gentilíssimo para com as damas e fabrica a máquina infernal, no meio das re-

tortas de perfumes, de acordo com a regra n. 18 do Manual do Perfeito Regicida. Tônia Carreiro e Vera Nunes, esta um papel curto e restrito ao 2.º ato, fazem o lado feminino com a graça e a naturalidade mais puras.

FOLCLORE E NOVAS REVISITAS

Uma iniciativa nova a registrar, ainda, é o Teatro Folclórico, que tem ocupado o Ginástico.

Cenas dramáticas, danças, macumba, frevo, são o conteúdo desse espetáculo, com predominância de motivos afro-brasileiros. É um empreendimento cultural simpático mas não somente não tem pretensões de ortodoxia como mesmo começa a fazer concessões que muito o desvirtuam, pois já vemos anunciada, por exemplo a participação de Grande Otelo com o seu indefectível aleás.

Até o momento deste "compte rendu" do teatro carioca não se verificou o esperado aparecimento de Bibi Ferreira, com uma grande companhia de revista do Carlos Gomes, sob a direção de Chianca de Garsia, o produtor dos melhores espetáculos musicados vistos no Rio nos últimos anos, naquela temporada áurea de apó-Úrcia.

Enquanto isso, o Recreio reabriu com uma revista de Luiz Peixoto, Freire Júnior e Walter Pinto, com um guarda-roupa razoável, féerie de prêmio carnavalesco e Dercy Gonçalves, a estrela caricata. Feia de cara e mais ainda de corpo, a popularíssima atriz capitaneia a elenco pela comicidade. Mas há Lurdinha Bettencourt e, entre coristas — como de praxe — tão antigas quanto o teatro da rua Pedro I, anêmicos e burocráticos, há também nova e adequada a um espetáculo semi-nu-dista.

Os novos modelos de automóveis STUDEBAKER-1951 foram apresentados, pela primeira vez no mundo, antes mesmo de exibidos na própria América, no famoso INTERNACIONAL SALÃO DE AUTOMÓVEIS, DE PARIS.

As inovações e inúmeros melhoramentos introduzidos nesses novos modelos, concebidos pelos engenheiros Studebaker, causaram grande sucesso no Velho Mundo e foram muito admirados.

A grande surpresa para os entendidos foi o novo motor V-8, de alta eficiência, criação surpreendente da Studebaker.

IBRAHIM NEJAIM

DISTRIBUIDOR DE STUDEBAKER PARA O NORTE DO BRASIL, apresenta, este ano, em seu salão da rua Imperial, 1149, os novos modelos de automóveis STUDEBAKER-1951. E aproveita o ensejo para desejar aos seus amigos e clientes os melhores votos de um

FELIZ NATAL e PROSPERO ANO NOVO.

CIA. SIDERÚRGICA NACIONAL
FORD MOTOR COMPANY, EXPORTS, INC.
«FORD E MERCURY»

ARMINDO C. MOURA

RECIFE
RUA IMPERIAL, 1069/75
Caixa Postal, 333
INSCRIÇÃO 5280
FONES: 7493 e 7494
End. Teleg. CHAMPION

RECIFE

PERNAMBUCO

SABÃO PATATIVA
ÓLEO COMESTÍVEL YÁ-YÁ
COMPOSTO YÁ-YÁ

Três produtos de alta qualidade que trazem a garantia da

SANBRA

EM TODOS OS ARMAZENS E MERCEARIAS DA CIDADE O
MELHOR COMPOSTO PARA A SUA COZINHA:

COMPOSTO YÁ-YÁ

SOCIEDADE ALGODOEIRA DO NORDESTE BRASILEIRO S/A.

Av. Marquês de Olinda, 133 - 2.º andar - Fones: 9087-9088 e 9236

Em sua mão uma serie de bons produtos e serviços



AUTOMOVEIS
CHRYSLER
PLYMOUTH
CAMINHÕES
CAMINHONETES
FARGO
PEÇAS MOPAR

ROLAMENTOS
TIMKEN
ROLAMENTOS
"SALTER"

TRATORES
E
MÁQUINAS AGRÍCOLAS
DAVID BROWN

CONJUNTOS "DIESEL" PARA
ILUMINAÇÃO - MOTORES
DIESEL EM TODOS
OS TAMANHOS PARA
USINAS, FAZENDAS
ETC.

SEÇÃO CINE-FOTO

PROJETORES-CAMERAS
PARA FILMAGEM - MÁQUINAS - FOTOGRAFICAS —

TOCA-DISCOS PARA
CINEMA - FILMES
EM GERAL

DEPTO. GERAL DE VENDAS

MÁQUINAS - FERRAMENTAS
COMPRESSORES - ELEVADORES - RETIFICADORES
DE CILINDROS - VALVULAS - TAMBORES DE FREIO - BICICLETAS
ETC.

SEÇÃO

DE RETIFICAÇÃO DE:

**MOTORES
VIRABREQUIM
E BIELAS
EM GERAL**

LAVAGEM,
LUBRIFICAÇÃO E
VITALIZAÇÃO DE
MOTORES
VENDAS DE GASOLINA E ÓLEO
CONCERTOS E REPAROS
EM GERAL
COM AS SEGUINTE SEÇÕES
MECÂNICA - FUNILARIA - SOLDADA ELÉTRICA E OXIGÊNIO -
ELETRICIDADE - CAPOTARIA - PINTURA -
CARPINTARIA

REFRIGERADORES GELADEIRAS E CONGELADORES

PARA USO DOMÉSTICO -
BARES - RESTAURANTES -
CONFEITARIAS - SORVETERIAS - AÇOUQUES
QUITANDAS
ETC.

PEÇAS
E ACESSÓRIOS -
MOTORES RECONDICIONADOS E NOVOS
PARA TODAS AS MARCAS DE AUTOMOVEIS
E CAMINHÕES.
**IMPORTAÇÃO
DIRETA**



Siga a bandeirinha da
SAEL, símbolo de
ciência em nossa
especialidade.

Éis aqui uma amostra do que temos para atender ao grande público que nos honra com a sua preferência: uma linha líder de produtos para os mais variados fins e uma prestação de serviços em que nos empenhamos que seja sempre perfeita. Na loja, através de nossas variadas seções de vendas, ou no posto e oficina com o seu aparelhamento moderno e eficiente para os serviços de sua especialidade, — é sempre uma preocupação única de nossa parte, — cumprir o nosso lema de "Servir sempre bem e cada vez melhor".

SAEL

O MAIOR EMPÓRIO DE ARTIGOS AUTOMOBILÍSTICOS DO ESTADO

LOJA: EDIFÍCIO SAEL — RUA DA PALMA, 395
Telefones: 6983 - 6227 - 6317
POSTO E OFICINAS: Av. Cruz Cabugá, 265
Telefones: 2410 e 3293
RECIFE — PERNAMBUCO

UM SENADOR PETEBISTA NO RECIFE

DECLARAÇÕES DO SENADOR ALENCASTRO GUIMARÃES À IMPRENSA RECIFENSE — O GOVERNO VARGAS SERÁ UMA GARANTIA PARA O PROGRESSO DA ECONOMIA BRASILEIRA — "SEGUIREMOS O DESTINO DO MUNDO OCIDENTAL" —

Fomos encontrar o senador Napoleão Alencastro Guimarães, na bela vivenda do industrial José Pessoa de Queiroz, em Boa-Viagem, onde o parlamentar carioca misturava abacaxi com "chutsky", sentindo a brisa da nossa aristocrática praia. Risonho, com sua bengala e seu chapéu preto, o senador petebista accedeu de pronto em responder algumas perguntas que tencionalmente fizemos.

Indagamos de início como receberia o convite das classes produtoras de Pernambuco para visitar o Estado.

— "Com grande desvanecimento", respondeu-nos, acrescentando: — "Tive oportunidade de rever os amigos de Pernambuco, a quem, há quase vinte anos estou ligado, como terei igualmente oportunidade de manter um contacto mais íntimo com sua gente, e ao mesmo tempo sentir as necessidades das classes produtoras. Trago, a estas mesmas classes, a segurança

interessa de se excluir, em recuperar estas regiões, dependentes sobremaneira de um sistema de transporte e de energia, que é a base e a vitalidade de uma civilização moderna. A Cia. Hidro Elétrica do São Francisco, obra de vários governos, que a ela dedicaram sua atenção, teve seu início em março de 1945 e posso assegurar que seu prosseguimento será acelerado de modo que mais prontamente seus efeitos se façam sentir, beneficiando toda esta imensa região".

Falando ainda sobre nossas condições geográficas, disse o senador Alencastro Guimarães: "As obras Contra as Secas serão intensificadas de modo a extinguir definitivamente o flagelo. A grande agudagem será orientada e melhor difundida, para que possa, simultaneamente, fornecer reservas de energia hidro-elétrica, além de irrigação, constituindo um bônus que traga a estas regiões maior expansão econômica, ga-

rantida pela sua densidade demográfica e suas condições naturais".

Perguntando sobre como seria tratada a pecuária nordestina, no governo Vargas, declarou: — "O crédito da pecuária será apenas uma parte do crédito em geral que será oferecido a toda a produção nacional. Entendo que o crédito, para quem trabalha e produz, é um direito e não um favor dos dirigentes, ao sabor do oportunismo de doutrinas e teorias, cuja aplicação prática se têm mostrado desastrosas aos interesses nacionais".

Sobre a situação do trabalhador rural, disse o senador Alencastro Guimarães: — "Será dada uma efetiva assistência ao homem do campo de modo a fixá-lo à terra, pela segurança de que seu trabalho será recompensado através da garantia de preços mínimos, do financiamento à base de preços, do crédito para que possa melhorar suas condições de vida e por uma política

com que se leve ao homem do campo maior assistência moral, e, material, com a instalação de escolas, maternidades, hospitais e tudo, mais que, quando inexistente, provoca o êxodo rural, pela natural sedução das condições de vida da cidade, aparentemente melhores".

Perguntamos, em seguida, ao senador Alencastro, qual a posição do Brasil em face à política internacional, no próximo governo. Disse-nos a ex-cia: — "O Brasil, fiel aos compromissos assumidos livremente, fiel à sua política e à sua atitude tradicional, tomará sua posição, como já a fixou, em entrevista recente, o presidente eleito, senador Getúlio Vargas".

Nós estamos com os Estados Unidos. São dois mundos em presença de uma luta de sobrevivência. Neste particular, não há nem nunca houve discordância. Seguiremos o destino do mundo ocidental. Mas é preciso que se fixe também, um ponto importante: Marchare-



O senador Alencastro Guimarães, quando falava à imprensa, tendo ao lado o industrial José Pessoa de Queiroz



Três flagrantes do grande almoço que as classes produtoras do Estado ofereceram, no Iate Clube do Recife, ao senador Alencastro Guimarães, vindo-se o dr. Murilo Guimarães, consultor jurídico da Cooperativa de Usineiros de Pernambuco quando oferecia o ágape, e o ilustre visitante quando discursava em agradecimento

de que o Governo, que se iniciará a 31 de janeiro próximo, lhes proporcionará maior apoio bem como melhor assistência para solução dos seus problemas, que interessam não só a Pernambuco como ao país. Asseguro mesmo às classes produtoras do Estado, maior apoio oficial capaz de garantir o êxito nos negócios do comércio, da lavoura, da pecuária e da indústria notadamente na indústria açucareira que é bem o estelo da economia pernambucana".

Prosseguindo, afirmou: — "A esta altura, quero esboçar que vejo na reeleição do industrial José Pessoa de Queiroz, para a Presidência da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco, a garantia de uma atividade fecunda e uma colaboração valiosa com o poder público. O governo trabalhista entende que é necessário um capitalismo próspero para que haja, a exemplo dos Estados Unidos, uma classe trabalhista próspera".

A nossa pergunta sobre quais eram as intenções do próximo governo, com relação à obra de Paulo Afonso, declarou:

— "O presidente Vargas foi, na verdade, o segundo governo cordatório, sabendo-se que o primeiro foi o grande Epitácio Pessoa. As obras executadas no Vargas, são bem uma prova do



O senador Alencastro Guimarães palestra com o dr. F. Pessoa de Queiroz, superintendente do Rádio JORNAL DO COMMERCE e o jornalista Clodomir Leite

mos como aliados, mas não como vassalos. Defenderemos um natural nível de dignidade humana. Somos uma nação de cinquenta milhões de habitantes e temos consciência não só dos nossos deveres, como também dos nossos direitos".

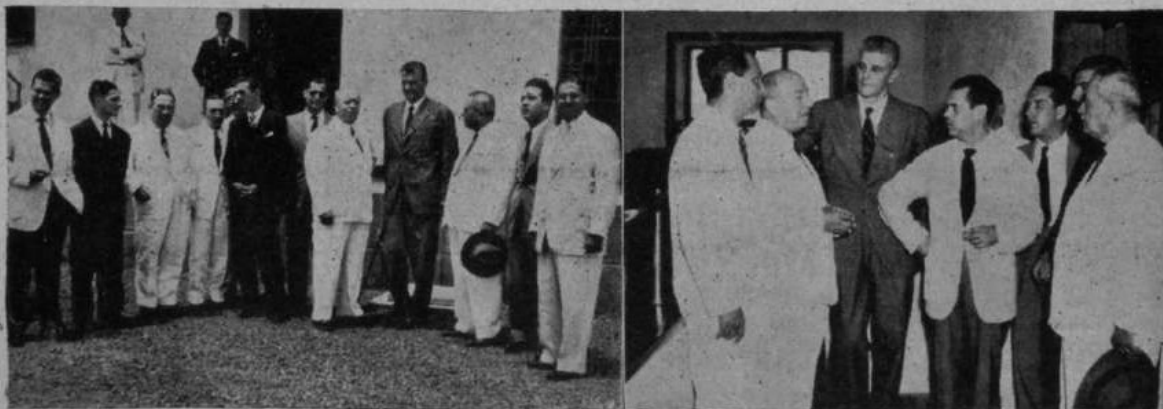
Dizendo de suas impressões sobre o nosso Estado, pelo que tem observado, afirmou: "Pernambuco exerce sobre mim, assim como sobre brasileiros de outras paragens, a fascinação de um passado glorioso, de um presente de trabalho realizado, inspirando entusiasmo a quem sente que o Brasil está no limiar de uma nova era. Agradeço aos meus pernambucanos, os corajosos companheiros desta jornada que empreendemos, para levar o país aos seus altos destinos. Desde que tomei contacto com a terra pernambucana tenho sentido a pujança de sua gente. O Recife tem novo aspecto, com suas novas pontes e seus magníficos edifícios. Vislumbro obras de grande vulto, cabendo destacar, na iniciativa privada, o suntuoso hospital que os usineiros estão fazendo construir para os trabalhadores de suas usinas. Vislumbro a arrojada iniciativa que o Rádio JORNAL DO COMMERCE representa, e confes-

so que fiquei empolgado pela grandiosidade do que vi. Outras visitas aqui realizadas, colhi magnífica impressão do que tem sido o trabalho dos filhos de Pernambuco, nos diversos setores, das atividades humanas. No magnífico "Bonanza" da Usina Santa Teresinha, sobrevoei os grandes campos de plantio de cana de açúcar, realizando um passeio aéreo sobre as usinas Muribeca, Bom Jesus, José Rufino, São Inácio, Mercês, Salgado, Ipojuca, Trapiche, Sta Inez, Cacaú, Rio Una, Barreiros, Pumat, 13 de Maio, Sero Azul, Catende, Pirangi, Porto Rico, e Sta. Teresinha.

E deversas surpreendentes o trabalho dessa gente, que, vencendo as dificuldades do meio ambiente, constrói a riqueza do Estado. Meu roteiro aéreo foi interrompido em Santa Teresinha, usina em cujo campo de pouso, de ótimas condições, desci. Recebido fidalgamente pelo meu velho e valoroso amigo José Pessoa de Queiroz, bem como pelo dr. José Adolfo Pessoa de Queiroz, nesse imenso parque agro-industrial eu observei atentamente os benéficos resultados de uma inteligente orientação de trabalho, onde os obreiros são assistidos através de uma obra ampla de realizações, no campo da assistência social. De tudo que examinei, colhi interessantes estudos, inclusive no campo da pecuária, pois verifiquei que a criação na Usina Santa Teresinha se vem fazendo com raças que, vindas de regiões onde o clima e as condições diferem aqui se adaptam bem. Vi belos exemplares das raças Daves, Shorton, Gir etc."

Concluindo suas declarações, disse o senador Alencastro Guimarães:

— "Neste ensaio, eu quero demonstrar minha satisfação e meu reconhecimento pela deferência de que fui alvo, da parte das classes produtoras de Pernambuco, que estão me proporcionando um proveitoso encontro com a realidade pernambucana".



Dois aspectos da visita do senador Alencastro Guimarães e sua comitiva aos Estúdios e Transmissores do Rádio JORNAL DO COMMERCE, localizados respectivamente na rua Marquês do Recife e em Santana